



Lobsang Rampa

## FOI ASSIM!

Livro Um — Como Era no Início Livro Dois — A  
Primeira Era Livro Três — O Livro das  
Transformações Livro Quatro — Como É Agora!

## PREFÁCIO

Todos “os melhores” livros têm um prefácio, portanto é muito necessário que ESTE LIVRO tenha um. Afinal de contas, os ESCRITORES têm direito de considerar os seus livros como sendo Os melhores. Vou começar por uma explicação para a escolha do título.

“Foi Assim”. E por que um título tão tolo? Nos outros livros ele diz que SEMPRE escreve a verdade! Claro, claro, terão a sua explicação. Portanto, Tenham Calma (isso devia estar escrito em maiúsculas de 15 cm) e CONTINUEM A LEITURA.

Todos os meus livros SÃO verdadeiros, e tenho garantido esse fato diante de perseguições e calúnias inclementes. Mas em todos os tempos as pessoas sensatas e de juízo têm sido perseguidas e até mesmo torturadas e mortas por contarem a coisa Como Ela Era! Um Homem Muito Sábio foi quase queimado vivo por ousar afirmar que a Terra girava em volta do Sol, em vez de — como pensavam os Sacerdotes — ser a Terra o centro da Criação, girando todos os planetas em volta dela. O pobre coitado passou por um mau pedaço, estendido na câmara de tortura e tudo o mais, só sendo salvo do fogo quando se retratou.

Depois houve pessoas que, inadvertidamente, praticaram a levitação na hora errada, diante das pessoas erradas, com maus resultados: foram liquidadas de várias maneiras espetaculares por revelarem que eram diferentes do povo comum. E parte do povo é mesmo comum, especialmente quando se trata de jornalistas!

Seres humanos do pior tipo — sabem bem quem são ELES!

— ADORAM arrastar todo mundo para o nível deles: não podem suportar a idéia de que alguém seja diferente deles, de modo que, como alucinados, berram “destruir, destruir!” E em vez de tentar provar que a pessoa tem razão . . . sempre querem tentar provar que ela está errada. Os jornais, especialmente, gostam de inventar a caça às bruxas e as perseguições às pessoas, para poder provocar sensação. Os débeis mentais da Imprensa não têm cabeça para pensar que PODE haver “algum fundamento nisso tudo, afinal!”.

Edward Davis, o “Policial Mais Durão dos Estados Unidos”, escreveu na revista True, de janeiro de 1975: “A Média em geral é realmente composta de um punhado de escritores de ficção frustrados. Em outras palavras, o jornalista está cheio de tipos como Picasso, que pegam as suas tintas e fazem um retrato que deve representar a minha pessoa, mas que ninguém reconhece a não ser o camarada dos pincéis.” O Sr. Davis, é óbvio, não gosta da Imprensa. Nem eu tampouco. Nós temos boas razões para isso. Um jornalista me disse:

— A verdade? A verdade nunca vendeu jornal. O sensacionalismo vende. Não nos importa a verdade, vendemos as sensações.

Desde a publicação de “O Terceiro Olho”— um livro VERDADEIRO! — tem havido “criaturas estranhas rastejando do madeirame” que, com penas mergulhadas em veneno, têm escrito livros e artigos me atacando. Os “peritos”, que assim se proclamam, declararam que ISSO era falso, enquanto que outros declararam que ISSO era verdade, mas AQUILO era falso. Não houve dois “peritos” de acordo.

Os “investigadores” ambulantes se movimentavam entrevistando pessoas que não me conheciam, tecendo histórias

inteiramente imaginárias. Os “investigadores” tampouco me conheciam. Os jornalistas, loucos pelo sensacionalismo, fabricaram “entrevistas” que nunca se realizaram. A Sra. Rampa, numa “entrevista” inteiramente inventada, teria dito — erroneamente — que o livro era ficção. Ela não disse isso. Nunca disse tal coisa. Dizemos ambos

— TODOS os meus livros são a VERDADE.

Mas nem a imprensa, nem o rádio nem os editores JAMAIS me permitiram dar a minha versão da história. Nunca! Tampouco me pediram para aparecer na TV ou no rádio para contar a Verdade! Como muitos antes de mim, tenho sido perseguido por ser “diferente” da maioria. Assim, a Humanidade destrói aqueles que poderiam auxiliar a Hūmanidade com conhecimentos especiais, ou experiências especiais. Nós, os Excepcionais, poderíamos, se nos permitissem, fazer recuar as Fronteiras do Conhecimento e fazer progredir a compreensão que tem o homem do Homem.

Segundo a imprensa, sou pequeno e cabeludo, grande e calvo, alto e baixo, magro e gordo. Além disso — também segundo as reportagens jornalísticas “de confiança”, — sou inglês, russo, um alemão enviado por Hitler ao Tibete, indiano, etc. Reportagens jornalísticas “DE CONFIANÇA!” QUALQUER COISA — qualquer coisa a não ser a verdade . . . mas isso está contido nos meus livros.

Já se contaram tantas mentiras a meu respeito. Tanta imaginação distorcida funcionando, tanto sofrimento, tanta desgraça . . . Mas aqui neste livro está a Verdade. Eu a conto

**FOI ASSIM!**

**LIVRO UM**  
**Como Era no Início**

## CAPÍTULO UM

O velho recostou-se cansado numa coluna de sustentação. Tinha as costas dormentes, doloridas de ficar sentado por muitas horas numa posição forçada. Seus olhos estavam baços com a remela da idade. Devagar, ele esfregou os olhos com as costas das mãos e olhou em volta. Papéis — papéis e só papéis enchiam a mesa diante dele. Papéis cobertos de símbolos estranhos e montes de cifras. As pessoas, percebidas vagamente, moviam-se diante dele, aguardando as suas ordens.

Lentamente o velho levantou-se, afastando irritado as mãos que se ofereciam para ajudá-lo. Trêmulo com o peso da idade, encaminhou-se para uma janela próxima. Tremendo um pouco diante do vão, ajustou o roupão velho em volta do corpo franzino. Apoiando os cotovelos no parapeito, olhou em volta. Afligido da capacidade de ver ao longe, quando seu trabalho exigia que visse de perto, ele agora avistava até aos limites mais distantes da Planície de Lhasa.

O dia estava quente para Lhasa. Os salgueiros estavam em seu apogeu, as folhas no seu verde mais novo. Pequenos amentilhós davam uma nota agradável de milhares de listras amarelas ao fundo verde e castanho. Cento e vinte metros abaixo de onde estava o velho, as cores se fundiam muito harmoniosamente com o brilho da água cristalina que aparecia sob os galhos mais baixos.

O velho Astrólogo-Chefe meditou sobre a terra diante de si, contemplando o imponente Potala em que ele morava e de onde raramente saía, e mesmo assim só pelos motivos mais

urgentes. Não, não, pensou ele, ainda não vou pensar NISSO; vou repousar a vista apreciando a paisagem.

Havia grande atividade na aldeia de Shõ, que se aglomerava tão apinhada aos pés do Potala. Bandoleiros haviam sido presos <sup>v</sup> assaltando os mercadores nos altos passos das montanhas, e tinham sido levados ao

Palácio da Justiça na Aldeia. Já fora administrada a justiça a outros delinquentes; homens culpados de algum crime grave se afastavam do Tribunal, suas correntes marcando o passo enquanto caminhavam. Agora teriam de ir de porta em porta mendigando comida, pois, acorrentados, não poderiam trabalhar com facilidade.

O velho Astrólogo olhou com saudade para a Grande Catedral de Lhasa. Havia muito que ele ansiava por uma visita para reviver as recordações de sua infância; suas obrigações oficiais por muitos anos haviam impedido quaisquer distrações por puro prazer. Suspirando, ele já ia virando da janela, quando parou e olhou bem para a distância. Fazendo sinal a um assistente, disse:

— Vindo ali pelo Dopgal Linga, junto do Kesar, parece-me reconhecer aquele rapaz, não é o filho dos Rampa?

O assistente fez que sim.

— Sim, Reverendo Senhor, é o filho dos Rampa e o empregado Tzu. O rapaz cujo futuro o senhor está preparando naquele horóscopo.

O velho Astrólogo deu um sorriso sardónico, ao olhar para a figura do menino pequenino e do imenso empregado, com quase dois metros de altura, originário da Província de Kham. Ficou olhando enquanto as duas figuras disparatadas, um num ponezinho e o outro num grande cavalo, se aproximaram, até que uma saliência rochosa da Montanha os escondeu de vista. Batendo a cabeça, ele voltou para a mesa apinhada.

— Então ISTO — murmurou ele, — se enquadra NAQUILO. Hum, então durante mais de 60 anos ele sofrerá muito devido à influência adversa de . . .

Sua voz caiu num murmúrio baixinho, enquanto percorria papéis sem conta, tomando anotações aqui, riscando ali. Aquele velho era o astrólogo mais famoso do Tibete, homem bem versado nos mistérios daquela arte venerável.

A astrologia do Tibete é completamente diferente da do Ocidente. Em Lhasa, a data da concepção era correlacionada com a data do nascimento. Um horóscopo progressivo também seria feito para a data em que o “trabalho” completo fosse entregue. O Astrólogo-Chefe prediria o Caminho da Vida dos membros famosos e importantes daquelas famílias. O próprio governo seria aconselhado pelos astrólogos, bem como o Dalai Lama. Mas ISSO não era a astrologia do Ocidente, que parece estar prostituída à imprensa sensacionalista.

Os sacerdotes astrólogos sentavam-se em mesas compridas



baixas, de pernas cruzadas, verificando números e seu relacionamento uns com os outros. Faziam mapas das configurações celestes existentes no momento da concepção, o momento do nascimento, momento da entrega da leitura do horóscopo, que se conhecia com bastante antecedência, e preparava-se para cada ano da “vida do indivíduo” um mapa completo e uma delineação anual. Depois fundia-se tudo isso num relatório muito grande.

O papel tibetano é todo feito à mão e constitui folhas bem espessas, de mais ou menos 20 cm de cima a baixo por uns 60 cm de largura. O papel de escrever ocidental é mais comprido do que largo; o papel tibetano é o oposto. As páginas dos livros não são encadernadas, e sim mantidas numa pilha entre duas tábuas. No Ocidente, esses livros logo se estragariam, e suas páginas se rasgariam ou perderiam. No Tibete, o papel é sagrado sendo tratado com um cuidado extremo; desperdiçar papel é uma ofensa grave e rasgar uma folha é desperdiçar papel — daí o cuidado extremo. Quando um lama lia, tinha um acólito ao lado. A folha de madeira superior do livro era retirada com muito cuidado e colocada virada para baixo, à esquerda do leitor. Depois, tendo sido lida a folha superior, a página era respeitosamente tirada pelo acólito e colocada virada para baixo na folha de cobertura. Terminada a leitura, as folhas eram niveladas cuidadosamente e o livro amarrado com cordões.

E assim o horóscopo era preparado. Folhas e mais folhas eram escritas ou desenhadas. As folhas eram postas de lado para secar — pois era uma ofensa desperdiçar papel, borrando-o. Depois, afinal, após talvez seis meses, pois o tempo não importava, o horóscopo ficava pronto.

Lentamente o acólito, nesse caso um jovem monge que já tinha vários anos de experiência, respeitosamente levantou a

folha e colocou-a virada para baixo sobre sua companheira na capa. O velho Astrólogo ergueu a nova folha exposta.

— Ai, ai — resmungou ele, — essa tinta está ficando de uma cor ruim antes mesmo de ser exposta à luz. Esta página terá de ser reescrita.

E com isso ele pegou um de seus “pauzinhos de rabiscar” e fez uma anotação rápida.

Esses pauzinhos de rabiscar eram uma invenção que datava de milhares de anos, e continuavam a ser feitos da mesma maneira que o eram dois ou três mil anos antes. De fato, havia até uma lenda dizendo que o Tibete antigamente ficava à margem de um mar resplendente, e essa lenda era corroborada pelas freqüentes descobertas de conchas, peixes fossilizados e muitas outras coisas que só poderiam ter provindo de uma terra mais quente que então ficasse junto ao mar. Havia artefatos enterrados de uma raça extinta havia muito, ferramentas, entalhes, jóias. Tudo isso, além do ouro, se encontrava em grandes quantidades às margens dos rios que atravessavam o país.

Mas hoje os pauzinhos de rabiscar eram feitos exatamente do mesmo modo que anteriormente. Obtinha-se uma grande massa de argila e depois os monges saíam para apanhar gravetos dos salgueiros, gravetinhos mais ou menos da metade da grossura de um dedo mínimo e medindo talvez uns 30 cm. Estes eram apanhados com muito cuidado e levados a um departamento especial do Potala. Ali todos os gravetos eram cuidadosamente examinados e classificados, os retos e sem defeitos eram tratados com um cuidado especial, sendo descascados e depois embrulhados em argila, tendo-se muito cuidado para que não se entertassem.

Os gravetos que tivessem uma ligeira curvatura também eram envolvidos na argila, pois serviriam para os monges mais --f.novos e para os acólitos usarem nos seus escritos.

Os montes de barro, cada qual com um carimbo marcando quais eram da classe superior (para os lamas graduados e o próprio Mais íntimo) depois da primeira classe para os lamas de alta classe e de segunda classe para o uso comum, tinham um furinho pequeno feito através do barro para o vapor gerado durante o processo de aquecimento poder escapar, evitando assim que estourasse o invólucro de barro.

Depois o barro era colocado em grades numa câmara grande. Durante mais ou menos um mês, ficava ali enquanto se evaporava a umidade naquele ambiente seco. De quatro a seis meses depois, os montes de barro eram removidos e transferidos para um fogo — este fogo era também usado para fins culinários, para aquecer a água, coisas assim — e colocados cuidadosamente de modo a ficarem na parte mais rubra do fogo. Durante um dia a temperatura seria mantida e depois deixava-se apagar aquele fogo. Quando esfriava, quebrava-se os montes de barro, jogava-se fora o barro e os gravetos de salgueiro carbonizados (carvão) estariam prontos para a utilização mais elevada, que é a disseminação do verdadeiro conhecimento.

Os gravetos de salgueiro considerados impréstáveis para serem convertidos em bastões de carvão seriam usados para ajudar a acender os fogos que secavam o barro dos gravetos melhores. Os fogos eram compostos de esterco de iaque bem seco e qualquer lenha que houvesse. Aí, também, nunca se queimava madeira que pudesse ser usada para alguma finalidade “mais nobre”, pois a madeira era muito escassa no Tibete.

Os bastões de rabiscar, portanto, eram o artigo que no mundo ocidental é conhecido por *crayon*, usados pelos pintores em seus desenhos em preto e branco. Mas a tinta também era necessária no Tibete, e para isso usava-se outro tipo de madeira, também envolvida em barro. Esta era aquecida por muito mais tempo e submetida a uma temperatura muito mais elevada. Então, depois de vários dias em que os fogos eram apagados e as bolas de barro apanhadas da fogueira já fria eram abertas, encontrava-se dentro delas um resíduo muito negro: o carbono quase puro.

Pegava-se o carbono e examinava-se para ver se existia qualquer coisa que não fosse carvão negro. Depois ele era colocado num pedaço de pano bastante grosso, que era calcado sobre um pedaço de pedra com uma depressão, ou um cocho. Este cocho poderia ter uns 45 cm por 30 com talvez 5 cm de profundidade. Os monges domésticos batiam o pano no fundo do cocho, de modo que aos poucos se formasse uma poeira de carbono muito fina. Depois disso seria misturado a uma goma quente de certas árvores, que cresciam no local, sendo mexido e mexido até dar uma massa preta e gosmenta.

Depois deixava-se que secasse em torrões, e quando se quisesse tinta, bastava esfregar um desses torrões num recipiente especial,

de pedra, acrescentando-se um pouco d'água. O resultado era uma tinta de uma tonalidade marrom-ferrugem.

Os documentos oficiais e as cartas astrológicas muito importantes nunca eram preparadas com tinta dessa base comum; em vez disso, havia um pedaço de mármore muito polido, suspenso de um ângulo de uns 45 graus, e embaixo disso haveria talvez uma dúzia de lamparinas ardendo, com os pavios muito compridos, — compridos demais — de modo que as lamparinas faziam uma fumaça negra e espessa. A fumaça atingia o mármore polido e imediatamente se condensava numa massa negra. Depois de se obter uma espessura conveniente, um jovem monge virava o bloco de mármore e raspava todo o acúmulo do “negro da lamparina” antes de fazer voltar o bloco a seu ângulo de 45 graus, para se poder obter mais carbono.

Apanhava-se das árvores uma resina que era colocada em recipientes e, muito bem aquecida, para a goma adquirir uma consistência de água e clarificar-se bastante. De cima da goma, fervendo animadamente, raspava-se um espesso resíduo de espuma, deixando-se um líquido completamente límpido e ligeiramente amarelado. Misturava-se a isso, mexendo, uma massa de “negro de lamparina” até se conseguir uma pasta bastante dura. Depois tirava-se essa pasta dos recipientes e ela era espalhada sobre pedras para esfriar e solidificar-se. Para os lamas funcionários superiores, os torrões eram cortados em retângulos, com um aspecto mais ou menos apresentável, mas o escalão inferior dos monges se contentava com qualquer forma de pedra de tinta. Esta era usada da mesma forma que o primeiro tipo, isto é, usava-se um pedaço /especial de pedra, com uma cavidade, ou pequeno cocho, e para dentro disso raspava-se um pouco do bloquinho de tinta. Depois misturava-se isso com água, até obter-se uma consistência adequada.

Naturalmente, não havia penas de aço no Tibete, nem canetas-tinteiro, nem esferográficas — em vez disso, usavam-se gravetos de salgueiro que tinham sido cuidadosamente raspados e alisados, com as extremidades ligeiramente afofadas de modo que, na verdade, pareciam pincéis com pêlos muito, muito curtos. Os bastões depois eram secados cuidadosamente •— muito cuidadosamente mesmo, para evitar as rachaduras e o empenamento

— e depois, quando estavam suficientemente secos, sem perigo de rachar, eram colocados sobre pedras quentes, o que produzia o efeito de endurecimento pelo fogo, de modo que podiam ser manuseados impunemente durando muito tempo. A escrita tibetana, portanto, era mais uma pincelada do que escrita, pois os caracteres, os ideogramas, são escritos com uma forma de pincel mais ou menos do mesmo jeito que escrevem os chineses ou japoneses.

Mas o velho Astrólogo estava reclamando da má qualidade de tinta numa página. Continuou a ler e depois verificou que estava lendo a respeito da morte do sujeito do horóscopo. A astrologia tibetana abrange todos os aspectos, a vida — viver — morrer. Cuidadosamente, ele reviu todas as suas previsões, verificando várias vezes, pois era a previsão para o membro de uma família muito importante, uma previsão para uma pessoa que era importante não somente devido a suas ligações de família, mas importante em si, devido à tarefa que lhe fora destinada.

O velho recostou-se, seus ossos estalando de cansaço. Com um tremor de apreensão, lembrou-se de que sua própria morte estava muito próxima. Aquele era seu último trabalho importante, a preparação de um horóscopo tão detalhado como ele nunca fizera, x-

A conclusão daquele trabalho e sua leitura bem sucedida resultariam no afrouxamento dos laços da carne e o breve término de sua própria vida. Ele não temia a morte, a morte não era mais do que um período de transição, como ele sabia, mas sendo ou não uma transição, continuava a ser um período de modificações, modificações que o velho detestava e temia. Ele teria de partir de seu querido Potala, teria de deixar seu invejável cargo de Astrólogo-Chefe do Tibete, teria de deixar todas as coisas que conhecia, tudo o que lhe era caro, teria de partir e, como um noviço numa lamaseria, teria de recomeçar. Quando? Ele sabia! Onde? Também sabia isso! Mas era duro deixar os velhos amigos, era duro fazer uma modificação na vida, pois não existe a morte, aquilo que chamamos de morte é apenas a transição de vida em vida.

Ele pensou nos processos. Viu-se como já vira outros, tantas vezes — morto, o corpo imóvel sem poder mover-se mais, não mais uma criatura sensível, mas apenas uma massa de carne morta sustentada por ossos mortos.

Em sua imaginação ele se via assim, privado de suas vestes e embrulhado com a cabeça tocando os joelhos e as pernas dobradas atrás. Em sua mente, via-se colocado no lombo de um pônei, envolto em panos, sendo levado para os arredores da Cidade de Lhasa, onde seria entregue aos cuidados dos Dispensadores dos Mortos.

Pegariam o seu corpo e o colocariam numa pedra grande e plana, especialmente preparada para isso. Ele seria cortado ao meio e todos os seus órgãos seriam retirados. O Chefe dos Dispensadores falaria em voz alta para o ar e um bando inteiro de abutres desceria, muito habituados a essas coisas.

O Dispensador-Chefe pegaria o coração e o atiraria ao chefe dos abutres, que o engoliria sem demora, depois os rins, os pulmões e os outros órgãos seriam cortados e lançados aos outros abutres.

Com as mãos manchadas de sangue, os Dispensadores arrancariam a carne dos ossos brancos, cortariam a carne em tiras e a lançariam também aos abutres, aglomerados em volta deles como uma congregação de velhos numa festa.

Depois de arrancada toda a carne e tendo disposto de todos os órgãos, os ossos seriam quebrados em pedacinhos e depois empurrados em furos na pedra. Depois bastões de pedra triturariam os ossos, até eles se tornarem apenas um pó. O pó se misturaria com o sangue do corpo e com outras secreções orgânicas, sendo deixado nas pedras para os pássaros comerem. Logo, dentro de algumas horas apenas, não restaria mais traço algum do que fora um homem. E nenhum traço dos abutres, tampouco; eles teriam partido — para algum lugar — até que fossem chamados para seu serviço sangrento na próxima ocasião.

O velho pensou em tudo aquilo, pensou nas coisas que vira na Índia, onde os pobres eram despachados lançando-se seus cadáveres presos a pedras dentro dos rios, ou sepultando-os na terra, mas os mais ricos, que podiam pagar o preço da madeira, mandavam que queimassem os seus corpos até que só restassem as cinzas brancas e esfareladas, e então isso seria lançado a algum rio sagrado, para que as cinzas, e talvez o espírito da pessoa, fossem chamados de volta ao seio da “Mãe Terra”.

Ele se sacudiu e resmungou:

— Não é hora de pensar em minha transição, tenho de acabar a minha tarefa enquanto preparo as notas sobre a

transição desse menino.

Mas não seria assim, e houve uma interrupção. O velho Astrólogo estava murmurando ordens para que toda a página fosse reescrita numa tinta melhor, quando soaram passos apressados, e uma porta bateu. O velho levantou os olhos irritado, não estava acostumado a ser interrompido assim, não estava acostumado a ouvir barulho no Departamento de Astrologia. Aquele era um setor de calma, quietude e contemplação, onde o barulho mais alto era o roçar de um graveto endurecido pelo fogo sobre a superfície áspera do papel feito à mão. Ouviu-se o som de vozes alteadas.

— PRECISO vê-lo, PRECISO vê-lo neste instante, o MAIS ÍNTIMO o exige.

Depois o som de pés batendo no chão e o farfalhar de um tecido duro. Um lama da casa do Dalai Lama apareceu, tendo na mão direita um bastão com uma fenda na extremidade, em que se encontrava um papel com a caligrafia do próprio Mais íntimo. O lama adiantou-se, fez a mesura costumeira ao velho Astrólogo e inclinou o bastão na direção dele, para ele poder tirar a missiva escrita. Ele o fez e franziu o cenho, preocupado.

— Mas, mas ... — murmurou, — como posso ir agora? Estou no meio desses cálculos, no meio dessas computações. Se tiver de parar neste instante . . .

Mas aí ele percebeu que não havia remédio senão ir “naquele instante”. Com um suspiro de resignação, trocou seu velho roupão de trabalho por roupas mais arrumadas, pegou uns mapas e alguns bastões de escrita e virou-se para um monge a seu lado, dizendo:

— Tome, rapaz, leve isso e acompanhe-me. — Virando-se, saiu da sala devagar, atrás do lama vestido de dourado.

Este lama diminuiu a marcha para não perturbar demais o ancião que o acompanhava. Atravessaram corredores intermináveis, onde os monges e lamas que tratavam de seus negócios se afastavam respeitosamente, de cabeça baixa, à passagem do Astrólogo-Chefe.

Depois de uma caminhada razoável, tendo subido vários andares, o lama de vestes douradas e o Astrólogo-Chefe chegaram ao andar superior, onde ficavam os apartamentos do próprio Dalai Lama, o Décimo Terceiro Dalai Lama, o Mais íntimo,

aquele que faria mais pelo Tibete do que qualquer outro Dalai

Lama.

Os dois homens dobraram um canto e encontraram três jovens monges comportando-se de maneira aparentemente indecorosa: estavam patinando com os pés embrulhados em panos. Respeitosamente, eles pararam com suas brincadeiras e afastaram-se quando os dois homens passaram. Aqueles jovens tinham um trabalho exaustivo: havia muitos andares a encerar e manter imaculadamente limpos, e os três monges passavam o tempo todo com pesados panos envolvendo-lhes os pés, caminhavam e corriam e deslizavam pelas vastas extensões de assoalhos, e em consequência de seus esforços, o chão tinha um brilho maravilhoso, além da pátina de antiguidade. Mas ... o chão era escorregadio. Atenciosamente, o lama de vestes douradas recuou e pegou o braço do velho Astrólogo, sabendo perfeitamente que uma perna ou um braço quebrados na idade dele seriam praticamente uma sentença de morte.

Logo chegaram a uma sala grande e ensolarada, em que estava sentado o Grande Décimo Terceiro em pessoa, na posição do lótus, contemplando, através de uma janela, o panorama das cadeias de montanhas do Himalaia estendendo-se diante dele e, de fato, em volta de todo o Vale de Lhasa.

O velho Astrólogo prestou suas homenagens prostrado ao Deus-Rei do Tibete. O Dalai Lama mandou que os assistentes saíssem da sala, e logo ele e o Astrólogo-Chefe estavam a sós., sentados face a face sobre as almofadas usadas no Tibete em lugar de cadeiras.

Eram velhos conhecidos, bem cientes dos costumes um do outro. O Astrólogo-Chefe sabia de todos os negócios do Estado, conhecia todas as previsões sobre o Tibete, pois fizera a maior parte delas. Agora o Grande Décimo Terceiro estava muito sério porque aqueles dias eram portentosos, dias de tensão, dias de preocupação. A Companhia East Índia, uma companhia britânica, estava tentando tirar do país ouro e vários outros artigos, e vários agentes e líderes das tropas britânicas estavam pensando em invadir o Tibete e conquistar aquele país, mas a ameaça da Rússia, ali perto, impedia que se tomasse essa medida drástica. Basta dizer, porém, que os britânicos provocaram muitas perturbações e problemas no Tibete naquela ocasião, assim como muito mais tarde o fariam os comunistas chineses. No que se refere aos tibetanos, havia pouca escolha entre os chineses e os britânicos, os



tibetanos só queriam que os deixassem em paz.

Infelizmente, havia outro problema muito grave: é que no Tibete, naquela ocasião, havia duas séries de sacerdotes, uma conhecida como dos Gorros Amarelos, a outra, dos Gorros Vermelhos. Às vezes havia disputas violentas entre eles, e os dois líderes, o Dalai Lama, que era chefe dos Gorros Amarelos, e o Panchen Lama, chefe dos Gorros Vermelhos, não gostavam nada um do outro.

Na verdade, havia muito pouca simpatia entre as duas seitas. Os adeptos do Dalai Lama naquela ocasião estavam por cima, mas nem sempre fora assim, em outras ocasiões o Panchen Lama — que logo foi obrigado a sair do Tibete tivera a primazia, e o país estivera num caos, até que o Dalai Lama conseguiu reforçar as suas reivindicações com o auxílio dos tártaros e também porque, em assuntos religiosos, os Gorros Amarelos tinham o que se poderia chamar de “santidade superior”.

O Mais íntimo — o Dalai Lama que recebeu esse título e foi muito conhecido como o Grande Décimo Terceiro - fez várias perguntas a respeito do provável futuro do Tibete. O velho Astrólogo remexeu na pasta que tinha consigo e apresentou vários papéis e mapas, e juntos os dois se debruçaram sobre eles.

— Dentro de menos de 60 anos — disse o Astrólogo, — o Tibete, como entidade livre, não mais existirá. O inimigo hereditário, os chineses, com uma nova forma de governo político, invadirá o país e praticamente exterminará a Ordem dos Sacerdotes no Tibete.

Por ocasião do falecimento do Grande Décimo Terceiro, ouviu o Dalai Lama, outro seria escolhido como paliativo contra a agressão chinesa. Seria escolhida uma criança como sendo a Reencarnação do Grande Décimo Terceiro, e, sem considerar a justeza da escolha, seria principalmente uma escolha política, pois o que seria conhecido como o Décimo Quarto Dalai Lama seria proveniente do território em poder dos chineses.

O Mais íntimo ficou muito triste com tudo aquilo, e procurou fazer planos para salvar a sua amada pátria, mas, conforme observou acertadamente o Astrólogo, havia muita coisa que se podia fazer para modificar o mau horóscopo de um indivíduo, mas não havia meio conhecido de se alterar substancialmente o horóscopo e o destino de todo um país. Um país compunha-se de muitas unidades diversas, um número demasiado de indivíduos

que não podiam ser moldados, nem oçdenados nem convencidos a pensarem do mesmo modo ao mesmo tempo, com a mesma finalidade. Assim, o destino do Tibete era conhecido. O destino dos Ditos Sábios, dos Livros Sagrados e da Sabedoria Sagrada ainda não era conhecido, mas achava-se que por meios adequados era possível treinar um rapaz, dar-lhe conhecimentos especiais, habilidades especiais e depois dnvia-lo pelo mundo afora, além dos limites do Tibete, para que ele pudesse escrever sobre sua sabedoria e a sabedoria do Tibete. Os dois homens continuaram a conversar até que por fim o Dalai Lama disse:

— E esse rapaz, esse rapaz Rampa, já preparou o horóscopo dele? Quero que o leia numa reunião especial em casa dos Rampa, dentro de duas semanas.

O Astrólogo-Chefe tremeu. Duas semanas ? Ele não aprontaria aquilo nem em dois meses, nem em dois anos, se não lhe fixassem um prazo. Assim, em voz trêmula, respondeu:

— Sim, Santidade, tudo estará preparado dentro de duas semanas a contar de hoje. Mas esse menino passará por circunstâncias muito tristes em sua vida, sofrimentos e torturas, será repudiado por seus compatriotas, terá doenças — todos os obstáculos imagináveis estão sendo colocados em seu caminho pelas forças do mal e por uma força especial que eu, por enquanto, não compreendo ainda completamente, mas que parece estar ligada, de certo modo, aos que trabalham na imprensa.

O Dalai Lama suspirou alto e disse:

— Bom, vamos deixar isso de lado, por enquanto, pois o que é inevitável não pode ser alterado. Você terá de rever os seus mapas nessas próximas duas semanas para certificar-se bem do que irá dizer. Por enquanto, vamos jogar uma partida de xadrez, estou cansado dos assuntos de estado.

Tocou uma campainha de prata e um lama de vestes douradas entrou na sala e teve ordem de trazer os apetrechos de xadrez para os dois homens poderem jogar. O xadrez era muito popular entre as maiores inteligências de Lhasa, mas uma forma de xadrez diferente da que é jogada no Ocidente. No Ocidente, ao se iniciar a partida, o primeiro peão de cada jogador avança duas casas, em vez de uma, como no Tibete, e no Tibete não existia enrocar, quando um peão, ao chegar à última linha, se tornava um castelo, nem se usava o empate. Considerava-se, ao contrário, que se chegava a um estado de equilíbrio ou estase quando o rei era deixado sozinho sem

peão ou sem nenhuma outra peça no tabuleiro.

Os dois ficaram sentados jogando com uma paciência sem limites, cada qual envolto pelo carinho e respeito que se criara entre eles, e por cima deles, no telhado chato logo acima dos aposentos do Dalai Lama, as flâmulas das orações adejavam à brisa da montanha. No corredor lá fora rangiam as rodas de orações, batendo suas intermináveis orações imaginárias. Sobre os telhados planos, os raios de um dourado ofuscante saltavam dos túmulos das encarnações anteriores do Dalai Lama, pois na crença tibetana, cada Dalai Lama, ao morrer, apenas passava a uma transição, voltando depois à Terra no corpo de algum menininho. No Tibete, a transmigração era um fato religioso de tal modo aceito que nem era digno de comentário. Assim, lá naquele telhado plano doze corpos jaziam em doze tumbas douradas, cada qual com um telhado de desenhos complicados, com muitas espirais, volutas e circunvoluções destinadas a iludir e espantar os “maus espíritos”.

Das tumbas douradas via-se o prédio reluzente do Colégio de Ciências Médicas, Chakpori, ou a Montanha de Ferro, berço da Medicina no Tibete. Além ficava a Cidade de Lhasa, naquele dia reluzindo ao Sol do meio-dia. O céu estava de um roxo profundo e as montanhas que circundavam o Vale de Lhasa tinham espumas de uma neve pura e branca esvoaçando de seus picos.

Com o passar das horas, marcadas pelas sombras crescentes da cadeia de montanhas ocidental, os dois homens nos aposentos de Estado, embaixo, suspiraram e com relutância largaram suas peças de xadrez, pois chegara o momento do culto, o momento em que o Dalai Lama tinha de tratar de suas devoções, o momento em que o Astrólogo-Chefe tinha de voltar a suas computações, para poder atender ao prazo de duas semanas imposto pelo Dalai Lama.

Mais uma vez soou a campainha de prata, novamente apareceu um lama de vestes douradas, e, com algumas palavras, recebeu ordem, para acompanhar o Astrólogo-Chefe a seus aposentos, três andares abaixo.

O Astrólogo-Chefe levantou-se com dificuldade, fez suas prostrações rituais e deixou a presença de seu Chefe Espiritual.

## CAPÍTULO DOIS

— Uii! Uii! Aiia! Aiia! — disse a voz na penumbra daquele dia agradável. — Já ouviu falar da Senhora Rampa? Outra vez! — Ouviu-se o barulho de passos no caminho, o som de pedrinhas roladas sob os pés, e depois um suspiro.

— A Senhora Rampa? O que foi que ela fez agora?

A primeira voz respondeu com um prazer mal disfarçado. Parece que para certo tipo de mulher, qualquer que seja sua classe ou nacionalidade, se for portadora de notícias — de preferência más — ganhou o dia.

— A tia de meu enteado ouviu uma história estranha. Como sabe, ela vai-se casar com aquele funcionário da alfândega que trabalha na Porta Ocidental. O namorado contou a ela que nesses últimos meses a Senhora Rampa andou encomendando uma porção de coisas da Índia, e agora os comerciantes em suas caravanas estão começando a entregar as mercadorias. Não ouviu falar nisso?

— Bom, ouvi dizer que ia haver uma cerimônia especial nos jardins deles no futuro próximo, mas deve lembrar-se de que o Grande Senhor Rampa foi nosso Regente quando o Mais íntimo foi à Índia, durante a invasão dos britânicos, que tanto nos prejudicou. Imagino que seja natural que uma das mais destacadas senhoras de nossa terra queira encomendar alguma coisa. Não vejo nada de mal nisso, e vocês?

A informante soltou uma exclamação de prazer, respirou fundo e pronunciou-se:

— Ah! Mas você não sabe de tudo, não sabe nem da metade! Um dos meus amigos que serve a um dos monges do Kesar — ele é do Potala, sabe — me contou que está sendo preparado um

horóscopo e leitura de vida muito, muito completos, para aquele garotinho, sabe, o guri que está sempre metido em encrencas e que parece infernizar a vida do pai. Será que ouviu falar alguma coisa a respeito?

A segunda senhora pensou um pouco e depois respondeu:

— Sim, mas deve lembrar-se de que Paljör morreu há pouco tempo. Vi o corpo dele sendo levado embora, com meus próprios olhos. Os Quebradores de Corpos o carregaram com muito respeito para fora da casa e os dois sacerdotes o acompanharam até ao portão, mas com esses olhos que a terra há de comer vi que assim que os dois sacerdotes viraram as costas, o pobre corpinho foi atirado sem cerimônia, de barriga para baixo, no lombo de um pônei, e levado para o Ragwab, para que os Dispensadores dos Mortos o pudessem quebrar e lançar aos abutres para eles o comerem. Era preciso dispor dele.

— Não, não, não! — exclamou a informante, irritada — você não está entendendo o principal, não pode ter muita experiência nesses assuntos sociais; com a morte do menino mais velho, aquele garotinho, Lobsang, é agora herdeiro das propriedades e fortuna da família Lhalu, eles são milionários, sabe. Têm dinheiro aqui, dinheiro na Índia e na China. Acho que devem ser a nossa família mais rica. E esse garotinho, por que há de herdar tudo isso? Por que há de ter uma vida de tanto luxo diante de si quando nós temos de trabalhar . . . Meu marido me disse para não me importar, que um dia desses haverá uma transformação, nós nos apossaremos das residências dos superiores e viveremos no luxo e eles trabalharão para nós. É o que veremos, se vivermos até lá, bendito seja esse dia.

Ouviu-se o ruído de passos lentos se aproximando na penumbra. Viram então o vulto vago de um rosto e as tranças negras de uma mulher tibetana.

— Não pude deixar de ouvir o que diziam — declarou a recém-chegada — mas temos de lembrar-nos de que esse menino, Lobsang Rampa, vai ter uma vida dura pela frente, pois todos os que têm dinheiro levam uma vida muito, muito dura mesmo.

— Ah, bom, então — respondeu a informante — todos nós devemos ter uma vida muito fácil, mesmo. Não temos dinheiro nenhum, não é? — e com isso ela deu umas gargalhadas de bruxa.

A recém-chegada continuou:

— Bom, ouvi dizer que estão organizando uma grande festa em que o Grande Senhor Rampa poderá proclamar seu filho

Lobsang seu herdeiro. Também ouvi dizer que o menino vai ser mandado para a Índia para ser treinado, e a dificuldade então será livrá-lo dos ingleses, pois os britânicos estão tentando dominar o nosso país, sabe, e vejam o mal que já fizeram. Mas, não, aquele menino, rico ou pobre, tem uma vida dura pela frente, ouçam bem, ouçam bem o que digo. — As vozes foram morrendo enquanto as três mulheres seguiram com cuidado pela Estrada Lingkor, passando pelo Templo da Serpente, pelo Kaling Chu para atravessar a Ponte Chara Sanpa.

A alguns metros de distância — ou talvez um pouco mais!

— o assunto da conversa delas, um garotinho que não tinha nem sete anos, se revirava, agitado, no chão duro de seu quarto. Estava mais ou menos adormecido, com sonhos sobressaltados e pesadelos terríveis: estava pensando em pipas e como seria horrível se descobrissem que era ele que estava fazendo voar a pipa que desceu sobre os viajantes e assustou os pôneis de tal modo que um dos cavaleiros caiu e rolou para dentro do rio, e esse homem era tão importante, assistente de um Abade de uma das lamaserias. O coitado do menino se virava e contorcia no sono, enquanto em seu estado de sonho pensava em todos os tremendos castigos que seriam infligidos a seu corpo indefeso, se ele jamais fosse revelado o culpado.

A vida era muito dura para os rapazinhos das principais famílias de Lhasa. Aqueles meninos deviam dar o exemplo aos outros, deviam suportar as agruras para se enrijecerem y para as lutas da vida, deviam ter maior resistência do que os menos bem nascidos, servirem de exemplo, mostrar que até os filhos dos ricos, até os filhos dos que governavam o país podiam suportar a dor, o sofrimento, e a privação. E a disciplina para um menino que ainda não tinha sete anos era uma coisa que os rapazes ocidentais, de qualquer idade, nunca suportariam.

Do outro lado da Ponte vinha o murmúrio, o murmúrio de vozes femininas, quando as três mulheres pararam para uma última conversinha antes de seguir cada qual para a sua casa. O vento levava as palavras “Rampa”, “Yasodhara”, e depois um murmúrio de vozes até que o cascalho sob seus pés rangeu enquanto as mulheres se despediam e seguiam seus respectivos caminhos.

Na grande residência Lhalu, cujo maciço portão resistiria tão bem aos assaltos da infantaria britânica, que só conseguira penetrar ali arrebatando o muro de pedra, a família estava dormindo, todos salvo os “Guardiões da Noite”, os que montavam guarda e proclamavam as horas da noite e as condições do tempo para que quem por acaso

estivesse desperto soubesse do andamento da noite.

Ao lado da capela da residência Lhalu ficava o alojamento do Mordomo. Os funcionários tibetanos de classe mais alta tinham suas próprias capelas em sua residência, com um ou dois sacerdotes; a residência Rampa tinha tal importância que dois sacerdotes eram considerados uma necessidade primordial. De três em três anos os sacerdotes — monges do Potala — eram substituídos por outros, para que os que prestavam serviços na casa não se tornassem efeminados devido a sua vida na casa. Um dos lamas, pois esses monges eram realmente lamas, havia ingressado pouco antes naquela casa. O outro em breve partiria para regressar à rigorosa disciplina da lamaseria, e este se agitava no sono, pensando de que maneira poderia prolongar a sua estada, pois era realmente uma oportunidade única ver o herdeiro de uma grande família ter o seu horóscopo proclamado ao público, para que todos soubessem de antemão que tipo de homem ele seria quando adulto.

Esse lama era jovem, e chegara à propriedade Lhalu com muitas recomendações de seu Abade, mas revelara-se uma triste decepção. Seus divertimentos não eram totalmente eclesiásticos, não muito sacerdotais, pois era um desses dotados do que se chama de “olho errante”, e seus olhares se dirigiam a toda hora para os membros jovens e bonitos do pessoal doméstico. O Mordomo, que morava à esquerda da capela, observara isso e fizera uma reclamação, de modo que o coitado do jovem lama estava sendo despedido com certa desonra. Seu sucessor ainda não fora nomeado e o rapaz estava imaginando de que modo poderia retardar as coisas para poder ter a honra de ser um dos participantes nas comemorações e ofícios religiosos que se seguiriam.

O pobre do Mordomo também estava tendo seus problemas. A Senhora Rampa era realmente uma mulher difícil, por vezes muito severa em seus julgamentos, dada a condenar as pessoas sem lhes dar a oportunidade de explicar que algumas daquelas dificuldades não eram culpa delas. Agora ela tinha encomendado certas mercadorias havia três meses e — bom, todos sabem como os negociantes indianos são lentos — mas a Senhora Rampa estava fazendo um movimento tremendo, dizendo que o Mordomo estava pondo a perder todo o sucesso daquele acontecimento devido à sua ineficiência na obtenção dos suprimentos.

— O que posso fazer? — murmurava ele, consigo mesmo, agitando-se em sua manta no chão. — Como poderei convencer os negociantes a me trazerem as mercadorias a tempo? — E com isso rolava para deitar-se de costas, abria a boca e dava cada ronco tão

horrendo que um dos vigias noturnos foi espiar para ver se ele estava morrendo!

A Senhora Rampa também estava num sono agitado. Tinha muita mania de sociedade. Pensava se o Mordomo tinha certeza absoluta da ordem de prioridades, se todos os recados tinham sido escritos, todos os convites no papel especial, feito à mão, amarrados com uma fita e depois colocados num bastão fendido, que cavaleiros velozes levariam em seus pôneis. Tudo tinha de ser feito muito direito, pensava ela, não se podia admitir que um inferior recebesse um convite antes do superior receber o seu. Essas coisas transparecem, há sempre gente louca para atrapalhar uma dona-de-casa esforçada que procura fazer o máximo pelo prestígio de sua família. A Senhora Rampa se virava e revirava, pensando nos suprimentos de gêneros, se por acaso as coisas não chegassem a tempo.

Perto dali, num quartinho, a irmã Yasodhara também se afligia um pouco. A mãe já decretara o que ela ia usar na festa e não era nada do que Yasodhara queria usar, ela tinha outras idéias a respeito. Afinal de contas, dizia ela consigo, esta é a melhor ocasião do ano para passar uma revista nos rapazes e ver qual deles daria um bom marido mais tarde, e para passar em revista os rapazes era preciso que também ela tivesse alguma coisa que os atraísse — as roupas tinham de ser apropriadas, os cabelos tinham de ser bem escovados com manteiga de iaque, as roupas polvilhadas com o jasmim mais fino. Ela tinha de fazer o possível para atrair o que ela esperava fosse um bom marido para o futuro, mas sua mãe ... as mães nunca compreendiam, pertenciam a uma época ultrapassada, não entendiam em absoluto como é que as mocinhas têm de ser hoje, tinham esquecido dessas coisas. Yasodhara estava ali deitada, pensando e pensando, planejando pôr mais uma fita aqui e uma flor ali e de que modo melhorar o seu aspecto.

Enquanto a noite envelhecia cada vez mais e a nova aurora, a aurora de um novo dia se anunciava, o troar das buzinas e a fanfarra das trompas despertaram a família que dormia agitada. O mais jovem dos Rampa abriu um olho grudado de sono, resmungou e virou de lado, adormecendo de novo antes mesmo de completar o movimento.

Perto do escritório do Mordomo, os vigias noturnos estavam deixando o serviço, enquanto uma turma os rendia. Os mais humildes servidores acordaram sobressaltados com os barulhos estridentes dos templos vizinhos e levantaram-se de um salto, metendo-se a custo nas roupas enregeladas. Cabia a eles a tarefa de renovar os fogos quase apagados, de encerrar quartos e salas, de



limpar a casa antes que “a família” descesse e a visse em sua desordem da véspera.

Nas cocheiras, onde ficavam os muitos cavalos, e nos estábulos da fazenda, atrás, onde ficavam os iaques, os empregados se movimentavam, raspando o estrume deixado ali pelos animais durante a noite. Seco e misturado com pedacinhos de lenha, era isso que constituía o principal combustível do Tibete.

Os cozinheiros, com relutância, saíram para enfrentar mais um dia; estavam cansados, havia várias semanas que estavam ocupados preparando comidas em quantidades fantásticas, "e tendo ainda o trabalho de tentar proteger a comida das depredações de menininhos e menininhas de dedo ligeiro. Estavam cansados, fartos de tudo aquilo, diziam uns para os outros:

— Por que esse negócio não começa logo e acaba logo, para podermos ficar em paz de novo? A Patroa está ainda pior com todos esses preparativos.

A Patroa — a Senhora Rampa — estava realmente ocupada. Passou dias inteiros no escritório do marido, atormentando as secretárias dele para lhe fornecerem as listas de todas as pessoas mais importantes que moravam em Lhasa, e algumas poucas escolhidas de centros vizinhos. Apresentou ainda a difícil solicitação de que estrangeiros corretos, que mais tarde poderiam ter uma influência benéfica, fossem convidados, mas aí aparecia mais uma vez o problema de protocolo e hierarquia, quem vinha antes de quem, quem ficaria insultado **NESSA** posição quando achava que devia estar **NAQUELA** posição. Era tudo muito trabalhoso, uma grande provação, uma grande tribulação, e os empregados estavam cansados de ter uma lista um dia e verificar no dia seguinte que uma lista nova substituíra aquela fornecida na véspera.

Havia vários dias já que a casa toda vinha sendo limpa, usando-se areia fina para lustrar a cantaria suavizada pela idade, e empregados fortes, com panos amarrados nos pés e pesados blocos de pedra envoltos em panos andavam pela casa empurrando sua pesada carga de pedra pelos assoalhos, que já luziam como espelhos.

Nos jardins, os jardineiros fatigados, de quatro, percorriam o solo arrancando o mato, tirando até pedras que fossem de um tom discordante. A dona da casa era exigente mesmo, aquele era o momento culminante de sua vida, o filho e herdeiro do estabelecimento Lhalu, aquele que poderia ser príncipe ou — o quê? — seria apresentado e somente os astrólogos diriam o que seria a sua vida, mas os astrólogos não davam indicação alguma,

nenhum vislumbre do que seria a sua Leitura.

A senhora da casa, esposa de um dos homens mais poderosos da vida leiga do Tibete, tinha as maiores esperanças de que seu filho pudesse sair do país para ser educado em outro lugar, e esperava poder persuadir ao marido que ela devia visitar freqüentemente o filho, estudando num outro país. Ela esperava poder visitar diversos países, pois havia muito que olhava disfarçadamente algumas das revistas levadas a Lhasa pelos comerciantes errantes. Tinha seus planos, seus sonhos e suas ambições, mas tudo dependia do veredicto do Astrólogo-Chefe e todos sabiam como os astrólogos dão pouca importância à posição social das pessoas.

Agora aproximava-se rapidamente o momento em que seria realizada a grande Festa. Os comerciantes entravam pela Porta Ocidental e se dirigiam para a residência Lhalu, e os mais sabidos — ou os de maior senso de negócio sabiam que a Senhora Rampa logo sucumbiria a suas artimanhas, se pudessem apresentar alguma coisa nova, algo que não fosse conhecido em Lhasa, algo que faria os seus vizinhos e concorrentes sociais saltarem exclamações de assombro fingido, que na verdade escondia a frustração e inveja por ELES não terem aquilo primeiro.

Assim, muitos mercadores percorreram lentamente o caminho da Porta Ocidental, pela Estrada Lingkor, por trás do Potala, passando pelo Templo da Serpente, até à residência Lhalu, onde tentaram cativar a dona da casa com artigos estranhos e exóticos, com os quais ela poderia divertir e assombrar seus convidados. Alguns pegavam suas tropas de iaques e levavam toda a carga para a residência, para que a senhora pudesse ver em pessoa exatamente o que eles tinham a vender, e naturalmente, para uma ocasião tão importante, os preços tinham de ser altos, pois uma senhora que fosse realmente uma senhora nem ousaria barganhar ou regatear diante dos preços pedidos, com receio de que os mercadores mencionassem aos vizinhos que a Senhora Rampa não podia pagar o preço devido, e queria um desconto, ou concessões, ou amostras.

Dia após dia passaram as tropas de iaques, e dia após dia os cavaliços apanhavam os detritos dos iaques, juntando-os ao monte de combustível que crescia tão rapidamente, e seria mesmo necessário muito mais combustível para a cozinha, para o aquecimento, para as fogueiras, pois quem podia dar uma boa festa sem uma boa fogueira?

Os jardineiros, tendo limpado o terreno satisfatoriamente de todo o mato, passaram a cuidar das árvores, verificando que não houvesse

galhos quebrados, nem galhos mortos que pudessem provocar uma acusação do jardim estar abandonado. Mais desastroso ainda seria se um galhinho caísse sobre alguma senhora nobre e desarrumasse seu penteado, que teria levado horas para ser arrumado sobre uma armação especial de madeira laqueada. Assim, os jardineiros estavam fartos de festas, fartos do trabalho, mas não ousavam desleixar, pois a Senhora Rampa parecia ter olhos por toda parte. Assim que um homem se sentava para repousar as costas doloridas, lá aparecia ela, gritando de raiva, dizendo que ele estava atrasando tudo.

Por fim resolveu-se a hierarquia, que foi aprovada pelo Grande Senhor Rampa, que em pessoa afixou o seu sinete em cada um dos convites, à medida que iam sendo cuidadosamente preparados pelos monges-escribas. O papel fora feito especialmente para a ocasião, era um papel grosso de bordas ásperas, quase de molde. Cada folha tinha aproximadamente 30 cm de largura por 60 cm de comprimento. Esses convites não obedeciam ao tamanho ou padrão normal, conforme o usado nas lamaserias: nestas, o papel é mais largo do que comprido, mas quando havia convites muito importantes, estes eram escritos num papel mais estreito, que era mais ou menos duas vezes mais comprido do que largo, pois depois de aceito o convite, o papel era preso a duas varas de bambu, ricamente decoradas nas extremidades, e aí os convites eram cuidadosamente suspensos de um cordão, e usados como decoração para mostrar como o destinatário era importante.

O Senhor Rampa era de uma das Dez Famílias Superiores de Lhasa. O Senhor Rampa, pessoalmente, era de uma das Cinco Superiores, mas a Senhora Rampa era das Dez Superiores, senão não poderiam ter-se casado. Devido ao fato de terem ambos uma situação social tão elevada, era preciso pôr dois sinetes nos convites, um para o Senhor e um para a Senhora, e depois, como eram casados e tinham tantas propriedades, tinham um terceiro sinete, conhecido como o Sinete de Propriedade, e isso também tinha de figurar no documento. Cada sinete tinha uma cor diferente, e a Senhora Rampa e o Mordomo estavam quase frenéticos de receio que os mensageiros fizessem alguma coisa desastrada que rachasse os timbres frágeis e quebradiços.

Foram preparados bastões de mensagens especiais. Estes tinham de ter exatamente o mesmo comprimento e quase a mesma espessura, cada qual com uma fenda especial numa das pontas, para conter a mensagem. Logo abaixo dessa fenda havia uma peça em que se afixavam as armas da família. Abaixo das armas havia tiras de um papel muito forte, em que estavam impressas orações,

pedindo proteção para o mensageiro e a entrega segura das mensagens, e os votos de que o destinatário pudesse aceitar o convite.

Durante algum tempo, os mensageiros foram cuidadosamente exercitados na maneira mais imponente de cavalgar e entregar as mensagens. Ficavam montados, agitando os bastões de mensagens no ar como se fossem lanças, e depois, a um sinal, avançavam e um a um se aproximavam do Capitão da Guarda que os estava exercitando. Ele, fingindo ser o dono da casa<sup>s</sup> ou seu mordomo, recebia amavelmente a mensagem do bastão de mensagem que lhe era estendido inclinado. Com o maior

respeito, pegava a mensagem e fazia um cumprimento ao mensageiro que, afinal, era o representante da “família”. O mensageiro retribuía o cumprimento, girava o cavalo e saía a galope por onde viera.

Depois de preparadas todas as mensagens, ou convites, foram colocadas em ordem de precedência, e o mensageiro mais imponente levava a mensagem mais importante, e assim por diante, e aí lá se foram eles a galope, para entregar os convites. Outros mensageiros se apresentavam, cada qual recebendo a sua mensagem, e, inserindo-a na fenda do bastão, saíam a galope. Logo voltavam, repetindo-se todo o processo até que afinal todos os convites tinham sido despachados, e chegou o momento difícil em que o Mordomo e os outros tinham de ficar sentados esperando, esperando, imaginando quantos aceitariam os convites. Teriam comida demais? De menos? Era muito enervante.

Alguns dos convidados se contentavam em permanecer nos jardins, especialmente se não tivessem uma situação social suficiente para serem recebidos dentro da própria casa, mas outros — bom, eram mais importantes e teriam de entrar na casa, e os representantes do clero também haviam de querer ver a capela. Assim, tirou-se todo o verniz dos altares e das grades dos altares, e os homens trabalhavam com panos molhados em areia úmida e raspavam e raspavam até que a madeira por baixo do verniz ficasse brilhante como se fosse nova. Depois pôs-se uma camada de base especial, e depois de seca, pintou-se com cuidado camadas e mais camadas de verniz nos altares e grades, de modo que no final a superfície reluzia como a superfície de águas paradas num dia de Sol.

Os pobres empregados foram convocados cada um à presença da dona da casa e do Mordomo, e cuidadosamente inspecionados para verem se suas roupas estavam direitas e tudo limpo. Se as

roupas não fossem aprovadas, teriam de ser lavadas com cuidado, e para esse fim foram preparados grandes caldeirões de água quente. Afinal, quando a tensão chegava ao auge, todos os convites foram respondidos, todos os empregados foram examinados e toda a sua roupa estava posta de lado, para só ser usada no Dia. Aí, um pessoal doméstico e família fatigados se sentaram, tarde da noite, para esperar a aurora de um novo dia em que o Destino seria revelado.

Lentamente o Sol se pôs por trás das montanhas de oeste, acendendo miríades de pontos de luz cintilante da espuma sempre presente, esvoaçando nos altos picos; a neve brilhava num vermelho-sangue, depois escureceu passando a azul e depois ao roxo. Por fim, só havia o vago escuro do céu e os pontinhos reluzentes que eram as estrelas.

Na residência Lhalu apareciam misteriosos pontos de luz entre as árvores bem cuidadas. Um viajante ocasional que passava pela Estrada Lingkor diminuiu a marcha, hesitou, ia continuar, depois voltou para ver o que estava havendo no meio das árvores!

Do jardim vinham vozes agitadas, e o viajante não resistiu à tentação de procurar descobrir o que é que provocava aquelas vozes exaltadas e o que era, aparentemente, uma discussão. No maior silêncio que pôde, ele escalou o muro áspero e pousou o peito em cima, os braços apoiando-o, e viu uma cena nova, realmente. Lá estava a dona da casa, a Senhora Rampa, gorda, baixinha, quase quadrada, de fato. De ambos os lados estavam dois empregados altos, cada qual carregando uma lamparina acesa, e procurando protegê-la para que a chama incerta não se apagasse, provocando a ira da Senhora.

Os jardineiros apoquentados se movimentavam no meio das árvores, prendendo pequenas lamparinas em certos galhos mais baixos, e depois, com fagulhas de fuzil e pederneira, acendiam a isca. Sopros vigorosos produziam uma chama e dessa chama usava-se um bastão bem embebido em manteiga para transferir o fogo para as lamparinas. A senhora não sabia ao certo onde queria as luzes, e foi um não acabar de perambular pelo escuro com as luzinhas bruxuleantes, que só faziam intensificar a noite púrpura. Por fim houve uma agitação e um vulto muito grande apareceu, gritando com raiva:

— "Estão estragando as minhas árvores, minhas árvores, minhas árvores V— estão estragando as minhas árvores. Não admito essas tolices. Apaguem essas lâmpadas imediatamente!"

v/O Senhor Rampa tinha grande orgulho de suas árvores maravilhosas, árvores e jardins famosos em toda Lhasa. Ele estava

mesmo .num estado frenético, com medo de terem sido danificadas algumas das flores que brotavam nas árvores.

Sua esposa, a Senhora, virou-se para ele, com o semblante altivo, e disse:

— O senhor está realmente fazendo uma cena diante dos empregados. Não acha que sou capaz de tratar desse assunto? Essa casa é minha, bem como sua. Não me perturbe.

O pobre Senhor bufou como um touro, era fácil imaginar o fogo saindo de suas narinas. Virou-se zangado e entrou depressa em casa; ouviu-se o ruído de uma porta batendo, um som tão intenso e pesado que qualquer porta menos resistente certamente teria ficado despedaçada com o choque.

— O braseiro de incenso, Timon, o braseiro de incenso. Você é totalmente burro, homem? Ponha-o ali, não trate de acendê-lo agora, ponha-o ali.

O pobre Timon, um dos empregados, lutou para carregar o braseiro pesado, mas era mais do que um braseiro, havia vários. A noite foi ficando cada vez mais escura e ainda a dona da casa não estava satisfeita. Mas afinal o vento começou a soprar muito frio e a Lua apareceu e lançou uma luz gelada sobre a cena. O homem que espiava ppr sobre o muro riu sozinho e desceu para o caminho, continuando sua viagem e murmurando consigo: “Bom! Bom! Se é esse o preço de ser nobre, então estou contente em ser um humilde mercador.” Seus passos sumiram ao longe e no jardim as lamparinas foram apagadas, uma a uma. Os empregados e a dona da casa se retiraram. No jardim um pássaro noturno sentiu o cheiro estranho que vinha de uma das lamparinas, cujo pavio continuava a queimar, e saiu voando com um grito de protesto assustado.

Dentro da casa houve um distúrbio repentino: o menino tinha desaparecido, o herdeiro das propriedades, o jovem prin- cipezinho — onde estaria agora? Não estava na cama. Houve pânico. A mãe achou que ele devia ter fugido, assustado com a severidade do pai. O pai achou que ele devia ter fugido, assustado com a fúria da mãe, pois naquele dia, nada do que o pobre menino fizera tinha saído certo. Ele estivera em apuros o dia todo, primeiro por estar sujo, depois por rasgar a roupa, depois por não estar onde devia a certa hora, depois por não ser pontual às refeições; tudo dera errado com ele.

Os empregados foram chamados, deram uma busca nos jardins, as lamparinas foram acesas, o fuzil, a pederneira e a isca faiscavam. Uma procissão de empregados passeava pelos jardins, chamando o jovem Patrão, mas de nada adiantou, não o

encontraram. Acordaram a Irmã Yasodhara para perguntar-lhe se ela sabia do irmão, mas — não — ela limpou os olhos com as costas da mão, tornou a deitar e adormeceu ainda sentada.

Os empregados se apressaram pela estrada no escuro, para ver se o menino tinha partido. Outros empregados procuraram pela casa, de cima a baixo, e afinal encontraram Lobsang dormindo numa despensa, sobre um saco de cereais, com um gato de cada lado, e os três roncavam com vontade. Mas não por muito tempo! O pai avançou correndo com um rugido de raiva que só faltou rachar as paredes, e certamente fez o pó dos sacos de cereais saltar e dançar no ar. As lâmpadas nas mãos dos empregados vacilaram e uma ou duas vezes se apagaram. O pobre menino foi agarrado pelo pescoço, enquanto uma mão possante o levantava no alto. A mãe correu, esbravejando:

— Pare! Pare! Não o marque de jeito nenhum, pois amanhã ele será o alvo de todos os olhares em Lhasa. Mande-o para a cama.

E assim o pobre menino levou um safanão violento, de tal modo que caiu de cara no chão. Um dos empregados o apanhou e levou embora. Dos gatos, não havia nem vestígio.

Mas no grande Potala, no andar destinado aos astrólogos, a atividade ainda continuava. O Astrólogo-Chefe verificava cuidadosamente os seus números, seus mapas, ensaiando o que iria dizer, exercitando a entonação que acharia necessária. Em volta dele os astrólogos-lamas pegavam cada folha de papel, e, com mais dois lamas, verificavam que cada folha fosse colocada na ordem certa, que não houvesse possibilidade de erro ali, nenhuma possibilidade de se ler da página errada, deixando em descrédito o Colégio dos Astrólogos. À medida que cada livro ia sendo completado, sua capa de madeira era colocada em cima e o livro era preso pelo dobro do número normal de tiras, para tudo ficar duplamente seguro.

O monge designado como assistente pessoal do Astrólogo-Chefe estava escovando com cuidado suas vestes melhores, verificando se os signos do zodíaco que o adornavam estavam reluzentes e bem presos. Depois, como era idoso, usava duas bengalas, e essas bengalas foram cuidadosamente examinadas para ver se havia alguma falha ou rachadura, sendo depois entregues a um monge que as poliu até que ficassem brilhando como o cobre polido.

Dos lados do templo ouviu-se o bater dos gongos, a fanfarra das trompas e um farfalhar de pés apressados, enquanto os monges realizavam seu primeiro ofício noturno. Os monges astrológicos estavam dispensados de comparecer, devido à importância da tarefa

que lhes fora atribuída, porque não podiam arriscar-se a largar tudo para comparecer ao ofício e no dia seguinte descobrir que ocorrera algum erro.

E assim, afinal, as lamparinas foram apagadas uma a uma. Em breve só havia a luz dos céus, a luz das estrelas e o luar, mas estas eram aumentadas pelos reflexos brilhantes dos lagos e rios que atravessavam e se entrecruzavam na Planície de Lhasa. De vez em quando um estonteante lençol d'água cascadeava numa explosão de prata reluzente, como prata fundida, quando grande peixe subia à superfície para tomar ar.

Tudo estava quieto, a não ser o coaxar dos sapos e os pios dos pássaros noturnos a distância. A Lua deslizava em seu esplendor solitário pelo céu purpúreo, e a luz das estrelas se apagava, quando as nuvens da índia obscureciam o seu brilho. A noite descera sobre a terra e todos, salvo as criaturas noturnas, dormiam.



## CAPÍTULO TRÊS

A primeira luz pálida apareceu sobre o horizonte recortado do leste.' As grandes cadeias de montanhas apareceram no maior negrume e atrás delas o céu se tornava luminoso.

No último andar das lamaserias, os monges e os lamas estavam prontos para saudar o novo dia, o andar superior — o telhado — em cada caso tinha uma plataforma ou parapeito especial, em que grandes buzinas ou trompas de uns quatro a seis metros de comprimento pousavam sobre suportes.

O Vale de Lhasa era um poço negro retinto. A Lua se pusera havia muito, e as estrelas se apagavam diante da pálida luz do céu além das montanhas de leste. Mas o Vale de Lhasa y ainda dormia, ainda vivia na mais profunda escuridão da noite, e só depois que o Sol se erguesse bem acima das montanhas é que as lamaserias e casas das profundezas receberiam a luz /do dia.

Espalhados aqui e ali a esmo pelo Vale foram aparecendo raros pontos de luz, quando um lama ou um cozinheiro ou pastor se preparava para começar o seu trabalho muito cedo. Os lampejos muito, muito fracos só serviam para acentuar o negrume de veludo, tão negro que não se distinguia nem o tronco de uma árvore.

A luz além das montanhas de leste aumentou. Primeiro houve um vívido lampejo de luz, depois surgiu um raio vermelho, seguido logo do que pareceu ser um raio completamente verde de luz, uma das características do nascer do Sol e do crepúsculo tardio. Logo seguiram-se raios de luz mais largos e em alguns

minutos via-se um espantoso brilho dourado destacando os altos picos, mostrando a neve onipresente refletindo-se das altas geleiras e projetando para o Vale os primeiros indícios de que surgira o dia.

Com o primeiro aparecimento do Sol sobre o pico mais alto das montanhas, os lamas sopraram com força suas trompas, e outros fizeram soar as buzinas, de modo que o próprio ar parecia vibrar de som. Mas não houve uma reação imediata ao barulho, pois o povo do Vale estava bem acostumado com o som das trompas e buzinas e podia ignorá-lo, assim como as pessoas da cidade podem ignorar o ronco dos aviões, o alarido dos lixeiros e todos os outros barulhos da “civilização”.

Aqui e ali, porém, um sonolento pássaro noturno emitia um grito assustado antes de tornar a pôr a cabeça debaixo da asa e adormecer. Era a hora das criaturas do dia. Aos poucos os pássaros do dia despertavam, piando sonolentos e depois -1- batendo as asas para se livrar da rigidez da noite. Aqui e ali uma pena esvoaçava e era soprada aos caprichos da brisa errante.

Nas águas do Kyi Chu e no Templo da Serpente os peixes se agitavam preguiçosos, depois da noite, aproximando-se da superfície. Os peixes no Tibete sempre podiam chegar à superfície, pois os budistas não sacrificavam as vidas, e não havia pescadores no Tibete.

O velho virou-se ao som das trombetas e das buzinas e, sonolento, sentou-se. Lá de baixo espiou para o céu e aí teve um pensamento repentino e levantou-se, os ossos rangendo. Seus ossos eram velhos, seus músculos cansados, de modo que ele se levantou com calma e dirigiu-se a uma janela e olhou para fora — para a Cidade de Lhasa, que acabava de despertar. Abaixo dele, na pequena aldeia de Shõ, começavam a aparecer luzinhas, uma após outra, ao se acenderem as lamparinas, para que os funcionários que naquele dia estariam ocupados tivessem bastante tempo para seus preparativos.

O Astrólogo idoso estremeceu ao frio da madrugada e puxou o roupão para envolvê-lo mais. Inevitavelmente, seus pensamentos voltaram-se para a propriedade Lhalu, que não podia avistar de onde estava, pois ele via a Aldeia de Shõ e a Cidade de Lhasa, e a residência Lhalu ficava do outro lado do Potala, diante do muro de figuras gravadas, que era tão atraente para os peregrinos errantes.

O velho lentamente voltou a suas cobertas, e ficou descansando, enquanto pensava nos acontecimentos daquele dia. Aquele dia, pensou ele, seria um dos pontos altos de sua carreira, talvez o ponto culminante de sua carreira. O velho já sentia a mão da morte que se aproximava sobre ele, sentia o retardamento de seus processos orgânicos, sentia que seu Cordão de Prata estava-se afinando. Mas estava contente porque havia mais uma função que podia exercer

aumentando o prestígio do cargo de Astrólogo-Chefe do Tibete. E pensando nisso, - cochilou, despertando com um sobressalto quando um lama entrou no quarto, exclamando:

— Honrado Astrólogo, o Dia chegou, não há tempo a perder, temos de tornar a verificar o horóscopo e a ordem em que os pontos devem ser apresentados. Eu o ajudarei a levantar-se, Honrado Astrólogo. — E com essas palavras, ele abaixou-se e pôs um braço em volta dos ombros do velho, levantando-o com delicadeza.

A essa altura a luz aumentava rapidamente, o Sol passara acima da cadeia oriental e refletia sua luz para o lado ocidental do Vale; enquanto as casas e lamaserias bem abaixo da cadeia oriental ainda continuavam na penumbra, as do lado oposto já estavam quase em plena luz do dia.

O Potala despertava. Havia a estranha agitação própria dos seres humanos quando começavam a movimentar-se no princípio de um dia, havia uma sensação de consciência de que havia ali seres humanos prontos para continuar o negócio, pòr vezes cacete, de viver. Sininhos de prata tilintavam, de vez em quando ouvia-se o som de uma buzina ou talvez a fanfarra estridente de uma trompa. O velho Astrólogo e os outros em volta dele não tinham consciência do bater e girar das Rodas de Oração, estas faziam parte tão integrante de sua existência de todo dia que havia muito que tinham deixado de perceber o barulho que faziam as Rodas de Oração, assim como não reparavam mais nas Flâmulas de Oração, que adejavam à brisa da manhã' nas alturas do Potala acima deles. Só o cessar desses ruídos teria sido percebido pelo povo espantado.

Ouviu-se o barulho de passos nos corredores, o movimento das portas pesadas. De algum lugar vinha o cântico de salmos, salmos religiosos, salmos que novamente saudavam o novo dia. Mas o velho Astrólogo não tinha tempo para reparar nessas

coisas, pois agora tinha de tomar plena consciência e atender àquelas funções tão necessárias depois de uma noite de sono. Em breve ele tomaria a sua refeição matinal de *tsampa* e chá, e depois teria de comparecer ao ritual dos preparativos para a Leitura que faria naquele dia.

Na residência Lhalu, os empregados estavam acordados. A Senhora Rampa também estava acordada. E o Senhor Rampa, depois de um café da manhã apressado, ficou satisfeito em montar no seu cavalo e sair com seus assistentes para os gabinetes do governo na Aldeia de Shō. Ele estava realmente contente por se livrar da mulher,

de sua atividade exagerada diante dos acontecimentos que os aguardavam. Ele tinha de ir trabalhar cedo porque mais tarde teria a obrigação de voltar para representar o papel do anfitrião amável que era o Príncipe de Lhasa.

O herdeiro da propriedade Rampa foi acordado e despertou para a vida com grande relutância. Aquele era o dia “dele”, e no entanto, pensou ele, em certa confusão, como é que podia ser o dia dele quando sua mãe estava planejando tirar tantas vantagens sociais daquilo? Se dependesse dele, esqueceria de tudo aquilo e sumiria para as margens do rio, para poder ficar olhando os barqueiros atravessando as pessoas pelo rio, e talvez, quando não houvesse muita gente para levar, ele pudesse convencer o barqueiro a deixar que viajasse de graça, para um lado e outro, sempre com a desculpa, é claro, de ajudar a remar o barco.

O pobre menino ficou muito aborrecido com o empregado cruel que estava besuntando seus cabelos com manteiga de iaque e depois fazendo um rabicho com uma torcida estranha. A manteiga de iaque era amassada no rabicho até que este ficasse quase tão duro quanto uma vara.

Por volta das dez horas da manhã, ouviu-se o barulho de cavalos e um grupo de homens entrou no pátio. O Senhor Rampa e seus assistentes tinham voltado dos escritórios do governo porque era preciso a família ir à Catedral de Lhasa para dar graças pelos mistérios que seriam revelados naquele dia e, naturalmente, para mostrar aos sacerdotes, sempre prontos a crer que os “cabeças pretas” não tinham religião, que aqueles “cabeças pretas” eram especialmente religiosos. No Tibete os monges tinham cabeças raspadas enquanto que as pessoas comuns, os leigos, usavam cabelos compridos, na maioria cabelos pretos, daí serem conhecidos como “cabeças pretas”.

As pessoas estavam esperando no pátio, a Senhora Rampa já montada num pônei, bem como sua filha Yasodhara. No último momento, o herdeiro da família foi agarrado e sem cerimônia colocado num pônei, que parecia igualmente relutante. Os portões abriram-se de novo e o grupo saiu, indo na frente o Senhor Rampa. Durante uns 30 minutos, cavalgaram num estranho silêncio, até que chegaram às casinhas e lojas que circundavam a Catedral de Lhasa, a Catedral que existia ali havia tantas centenas de anos, local de culto dos piedosos. Os pisos originais, de pedra, estavam profundamente riscados e marcados pelos passos dos peregrinos e viajantes. Ao longo

da estrada da Catedral havia filas de Rodas de Oração, — bem grandes — e ao passar, cada pessoa virava a roda, como era costume, de modo que isso produzia um alarido ressonante, que tinha um efeito quase hipnótico.

O interior da Catedral era pesado — deprimente, de tão pesado — com o cheiro do incenso e a recordação do incenso queimado ali nos últimos treze ou quatorze séculos. As pesadas traves do teto pareciam ter nuvens de incenso em volta de si, fumaça azulada, acinzentada, e de vez em quando uma fumaça de um tom castanho.

Havia vários Deuses e Deusas representados em imagens douradas, imagens de madeira, e de porcelana, e diante de cada uma havia oferendas dos peregrinos. De vez em quando as oferendas eram levadas para trás de uma rede de metal, para protegê-las dos peregrinos cuja piedade era sobrepujada pelo desejo de participar da riqueza dos deuses.

Havia pesadas velas ardendo, lançando sombras vacilantes pelo prédio escuro. Mesmo para um menino que ainda não completara sete anos, era impressionante pensar que aquelas velas se mantinham acesas havia 1.300 ou 1.400 anos, despejando-se manteiga nelas. O pobre menino, olhando em volta de olhos arregalados, pensou: “Vamos acabar com esse dia e aí talvez eu consiga ir para alguma outra terra, longe de toda essa santidade”. Estava longe de imaginar o que lhe estava reservado!

Um gato grande avançou letargicamente e esfregou-se nas pernas do herdeiro da família Rampa. O menino abaixou-se e ajoelhou-se para afagar o grande gato, que rosnou de prazer. Eram os gatos guardiães do templo, astutos estudiosos da natureza humana, que sabiam ver de relance quem havia de tentar roubar e quem era de confiança. Normalmente, esses gatos nunca, nunca se aproximavam de ninguém a não ser de seu próprio guardador. Por um momento houve um silêncio espantado entre os espectadores, e alguns dos monges se atrapalharam em seus cânticos ao verem o menino ajoelhado junto ao grande gato. Mas a cena foi logo estragada, pois o Senhor Rampa, o rosto vermelho de raiva, abaixou-se e pegou o menino pelo pescoço, sacudiu-o como uma dona-de-casa sacudindo um espanador, deu-lhe um tabefe na orelha que fez o menino pensar que estava numa trovoadas, e depois largou-o de pé de novo. O gato virou-se para o Senhor, soltou um silvo muito alto e prolongado, depois virou-se e afastou-se com dignidade.

Mas chegara a hora de voltar à residência Lhalu, pois dali a pouco

os convidados começariam a chegar. Muitos destes vinham cedo, para poderem se servir do melhor que fosse oferecido, e nisso incluía-se o melhor lugar no jardim. Assim, o grupo saiu do recinto da Catedral e voltou para a rua. O menino ergueu os olhos e viu as bandeiras esvoaçando sobre a estrada que levava à Índia, e pensou: “Será que em breve estarei naquela estrada, indo para outra terra? Logo saberei, suponho, mas, meu senhor, eu queria comer alguma coisa!”.

O grupo continuou o seu caminho de volta, e depois de uns 25 ou 30 minutos, entrava novamente no pátio da casa, onde todos foram recebidos por um Mordomo aflito, receoso de que houvesse alguma demora e de ter de explicar aos convidados zangados que o anfitrião e sua esposa tinham sido retidos na Catedral.

Tiveram tempo de fazer uma refeição apressada, e aí o herdeiro da propriedade correu para a janela, ao ouvir barulhos inesperados aproximando-se pela rua. Estavam chegando os monges músicos, batendo com seus instrumentos musicais pela estrada afora, montados em seus pôneis. De vez em quando um dos monges dava um sopro para experimentar sua trompa ou clarinete, para verificar se estava afinado. De vez em quando um monge dava uma batida violenta num tambor, para verificar se o couro estava devidamente esticado. Afinal entraram no pátio e tomaram o caminho lateral para os jardins, colocando

os instrumentos cuidadosamente no chão. Feito isso, lançaram-se com prazer à cerveja tibetana. Havia ali uma certa profusão de cerveja para prepará-los — para deixá-los no estado de espírito adequado para tocarem uma música alegre, em vez de coisas sérias e clássicas.

Mas não havia tempo para tratar dos músicos, pois chegavam os primeiros convivas. Chegaram todos juntos. Parecia que Lhasa inteira estava indo para a residência Lhalu. Surgiu um pequeno exército de homens a cavalo, todos inteiramente armados, e parecia o exército invasor enviado pelos britânicos, mas aquele exército só estava armado porque assim o exigiam a cerimônia e o protocolo. Vinham os homens do lado de fora, e entre as filas de homens, as mulheres, montadas onde ficassem devidamente protegidas de qualquer ataque imaginário. Os servidores armados tinham as lanças e piques alegremente enfeitados com flâmulas e bandeirolas. Aqui e ali, quando havia um monge no grupo, as Flâmulas de Orações esvoaçavam de um bastão.

No pátio em si havia duas filas de empregados, chefiados pelo Mordomo de um lado e o Chefe dos Sacerdotes da Casa do outro.

Havia uma grande movimentação de cumprimentos, retribuição de cumprimentos e mais cumprimentos, enquanto os convidados eram recebidos. Cada convidado era ajudado a apeiar do cavalo como se — assim pareceu ao herdeiro da casa — fossem todos uma porção de múmias paralíticas. Seus cavalos eram levados para serem bem alimentados. Depois, dependendo do *status*, os convidados, ou eram levados para o jardim, para se haverem sozinhos, ou para dentro da casa, onde se assombravam diante desta ou daquela peça, artigos exibidos especialmente para impressionar os convidados. Naturalmente, no Tibete os xales são dados e recebidos, e houve muita confusão, pois os convidados que chegavam presenteariam xales e recebiam xales de volta. Por vezes havia incidentes muito constrangedores, quando algum empregado atrapalhado, sem pensar, devolvia ao convidado o xale que ele ou ela acabava de presentear, e aí havia sorrisos vexados, desculpas murmuradas, mas logo se resolvia o caso.

A Senhora Rampa estava afogueada e transpirando muito. Estava apavorada de que o velho Astrólogo — o Astrólogo- Chefe de todo o Tibete — tivesse morrido, ou caído dentro

do rio, ou sido pisoteado por um cavalo, ou sofrido algum infortúnio semelhante, pois não havia sinal dele, e o objetivo de toda a festa era que ele lesse o futuro do herdeiro da família. Sem o Astrólogo-Chefe, isso não poderia ser feito.

Despacharam um empregado correndo para subir ao ponto mais alto da casa e espiar na direção do Potala, para ver se havia algum sinal da cavalgada que anunciaria a chegada do Astrólogo. O empregado partiu e logo podia ser visto no telhado mais alto, gesticulando com os braços e dançando de entusiasmo.

A Senhora Rampa estava furiosa, completamente frustrada, não tinha idéia do que o empregado estava tentando transmitir, parecia mais que ele estivesse bêbado do que outra coisa. Assim, ela apressou-se em mandar outro empregado para saber o que estava acontecendo. Logo os dois empregados voltaram juntos, explicando que a cavalgada astrológica estava atravessando a Planície de Kyi Chu. Foi o sinal para uma maior atividade. A Senhora Rampa mandou que todos saíssem da casa e fossem para o jardim, dizendo-lhes que tomassem os seus lugares, pois o Astrólogo-Chefe chegaria a qualquer momento. Os monges músicos se endireitaram e começaram a tocar, fazendo o ar tremer e vibrar com o entusiasmo que demonstravam na ocasião.

Os jardins da propriedade Lhalu eram extensos e muito bem cuidados. Havia árvores de todo o Tibete, até umas da Índia, do Butão e Sikkim. Havia ainda arbustos crescendo em grande profusão, com flores exóticas que encantavam a vista. Mas agora o jardim maravilhoso estava apinhado de ávidos curiosos, gente que nem pensava em plantas, e que só estava ali por causa do SENSACIONALISMO. O Grande Senhor Rampa vagava desconsolado por ali, mordendo os nós dos dedos numa agonia de frustração, ao mesmo tempo que tentava sorrir educadamente para as pessoas a quem achava que devia agradar.

A Senhora Rampa estava quase exausta, de tanto correr de um lado para outro; estava numa atividade constante, procurando ver que o Senhor Rampa não ficasse muito sério demais, tentando saber o que o herdeiro estava fazendo, e o que os empregados estavam fazendo — e de olho na chegada do Astrólogo- Chefe.

Ouviu-se o tropel de cavalos. O Mordomo apressou-se a ir para o portão principal, que se fechou cuidadosamente atrás dele. Ficou ali, pronto para ordenar que fosse aberto justo no s/ momento exato para causar o máximo de efeito.

Os convidados tinham ouvido os cavalos e agora vinham do jardim para uma sala muito grande que fora convertida, para a ocasião, num salão de recepção e refeitório. Ali encontraram chá amanteigado e, naturalmente, especiarias da Índia, bolinhos muito doces e grudentos, que realmente colariam suas línguas e impediriam que falassem demais!

Ouviram o som de um gongo profundo, que ressoou e reverberou por todo o prédio, um gongo possante, de um metro e meio de altura, somente usado nas ocasiões mais solenes. Agora um empregado categorizado estava de pé ao lado dele, dando-lhe as batidas especiais que ele praticara num gongo menor nos últimos dias.

O gongo ressoou, o portão abriu-se e entrou no pátio uma cavalcada de jovens monges, lamas e o Astrólogo-Chefe. Ele era um ancião, mirrado, pequeno, de seus 80 anos. Junto dele, quase encostados, aliás, vinham dois lamas cujo único dever era não deixar que o ancião caísse e fosse pisoteado.

Os cavalos pararam, sabendo perfeitamente que tinham chegado ao fim da viagem e que seriam bem alimentados. Os dois lamas assistentes apearam dos cavalos e com cuidado carregaram o velho Astrólogo. Aí o Senhor Rampa adiantou-se e houve a costumeira troca de xales, os cumprimentos de sempre, e mais



cumprimentos. Então o Astrólogo-Chefe e o Senhor Rampa entraram no salão de recepção, onde todas as pessoas reunidas se curvaram.

Durante alguns minutos, houve certa confusão e tumulto. Aí o Astrólogo-Chefe, tendo educadamente provado o chá *Y amanteigado* que lhe ofereceram, fez sinal para dois lamas que traziam as anotações e mapas.

O gongo profundo tornou a soar, *bom, bom, bom, bom . . . bom*. Abriu-se a extremidade do salão de recepção e o Astrólogo-Chefe e seus dois assistentes passaram pela porta para o jardim, dirigindo-se para onde fora erigida uma grande barraca, especialmente importada da Índia. Um dos lados da barraca era aberto, para que o máximo de pessoas pudesse ver e ouvir o que se passava. Dentro da barraca fora instalado um estrado, com corrimões de três lados e perto da frente havia quatro assentos.

O Astrólogo-Chefe e seus dois lamas assistentes aproximaram-se do estrado e aí apareceram quatro criados, carregando varas retas, ou archotes, pois na outra extremidade havia grandes chamas indicando que aqueles homens reconheciam que ali naquela barraca estavam as chamas da sabedoria.

Em seguida apareceram quatro arautos, que tocaram uma fanfarra. Era para chamar a atenção para o Senhor e Senhora Rampa, pois o filho deles, o herdeiro das propriedades Lhalu, era o motivo de todo o “tumulto”, conforme disse um dos espectadores. O Senhor e a Senhora lentamente subiram ao estrado, postando-se atrás das quatro cadeiras.

De outra direção, e com sua própria comitiva, chegaram dois homens muito, muito velhos, da lamaseria do Oráculo do Estado. Esses dois velhos da Lamaseria de Nechung eram, depois do Astrólogo-Chefe, os astrólogos mais experientes do país, eram colaboradores do Astrólogo-Chefe, tinham estudado os números, mapas e computações, e cada uma das folhas do horóscopo continha o carimbo de aprovação de cada um deles.

O Astrólogo-Chefe levantou-se. Os outros permaneceram sentados. De repente fez-se silêncio na assembléia. O Astrólogo-Chefe olhou para o povo e acentuou a expectativa permanecendo calado e inteiramente quieto por alguns momentos, e depois, a um gesto, os dois lamas se adiantaram, postando-se um de cada lado dele. O da direita segurava o livro composto do horóscopo, o da

esquerda retirou cuidadosamente a placa de madeira de cima, e o Astrólogo-Chefe leu suas anotações.

As pessoas tinham de esforçar-se por ouvir, pois, devido à idade, o Astrólogo tinha uma voz fina e alta, que, para os que estavam nos fundos, se misturava aos goijeiros dos pássaros nos galhos altos.

Suas observações iniciais foram as palavras rituais dessas ocasiões:

— Os deuses, demônios e homens todos procedem do mesmo modo — disse ele, — por isso o futuro pode ser previsto, mas o futuro não é imutável. Dentro de certos limites, o futuro pode ser modificado. Assim é que só podemos predizer as probabilidades, e tendo feito isso, tendo previsto o bom e o mau, aí realmente temos de deixar o resto àqueles cujo horóscopo estamos lendo. — Ele parou e olhou em volta e o lama à esquerda retirou a folha de cima deixando a segunda exposta. O Astrólogo respirou fundo e continuou. — Temos aqui o horóscopo mais notável que nós três jamais computamos.

Ele virou-se e curvou-se ligeiramente para seus dois colaboradores. Aí, pigarreando, continuou:

— É o horóscopo de um menino de seis anos. É o horóscopo mais difícil e a Vida mais dura que jamais encontramos.

O Senhor e a Senhora Rampa se remexeram, inquietos. Certamente aquilo não estava saindo como eles esperavam, e por isso não estavam nada felizes. Mas, com o treinamento de sua casta, conservaram uma expressão impenetrável. Atrás deles a causa de tudo aquilo, o herdeiro da propriedade, Lobsang Rampa, estava aborrecido. Todo aquele tempo perdido. Quanta gente não teria atravessado o rio? O que estaria o barqueiro fazendo? Será que os gatos estavam bem? Parecia-lhe que tinha de ficar ali de pé como um boneco empalhado enquanto três velhos fósseis resolviam o que ele teria de fazer de sua vida. Certamente, pensou, ele devia dar opinião sobre o que iria fazer. As pessoas andavam-lhe dizendo como era maravilhoso ser herdeiro de uma propriedade tão imensa, e a honra que ele podia trazer aos pais. Pois bem, pensou, ele queria ser barqueiro, queria cuidar de gatos em algum lugar; certamente não queria trabalhar.

Mas o Astrólogo continuava a falar e a platéia estava no mais completo silêncio, na verdade, estavam fascinados.

— Esse menino irá para a Lamaseria Médica em Chakpori, terá de fazer as suas penitências e prestar as suas homenagens antes de permitirem o seu ingresso, e, depois de ingressar, ele terá de começar por baixo, como o mais humilde entre os humildes e ascender com seu próprio esforço. Terá de aprender todas as artes Médicas do Tibete, por algum tempo terá de fazer coisas que são quase indizíveis; terá de trabalhar com os Dispensadores dos Mortos para que, retalhando os cadáveres, possa compreender a estrutura do corpo humano. Tendo feito isso ele regressará a Chakpori para estudar mais ainda. Será iniciado nos mais íntimos mistérios de nossa terra, de nossa Crença, de nossa Ciência.

O velho estendeu a mão e um assistente logo entregou-lhe um frasquinho de prata contendo algum líquido, para o qual ele olhou, sorvendo-o depois. O assistente cuidadosamente

tomou de volta o frasquinho de prata, tornando a enchê-lo para a próxima solicitação.

O Astrólogo continuou:

— E então chegará um momento em que ele não poderá mais permanecer nessa nossa terra, e terá de viajar para a China, para estudar a medicina segundo o estilo ocidental, pois há uma Escola de Medicina Ocidental em Chungking. Naquela Escola de Medicina ele adotará outro nome, pois não se deve deixar divulgar que o herdeiro dos Lhalu estará lidando com os corpos. Mais tarde ele aprenderá algo que é inteiramente incompreensível para nós, atualmente, é uma coisa que ainda não aconteceu, que ainda não está propriamente inventada. Para os nossos cérebros experientes, parece que ele fará algo que importa em voar pelo ar, e no entanto não é a levitação que alguns de nós podemos fazer aqui em Lhasa. Portanto, nesse determinado ponto, tenho de ser obscuro, pois na verdade é muito escuro para nós três. O menino, que então já será rapaz, terá de descobrir isso sozinho, voará pelo ar por algum meio. As nossas figuras mostram algo parecido com as pipas que conhecemos, mas essa determinada pipa não é presa à terra por cordões, ao contrário, parece ser controlada por aqueles que viajam nela.

Houve muitos murmúrios e sussurros entre os espectadores. As maravilhas se sucediam, nunca ninguém falara nessas coisas. Por um momento ouviu-se o movimento inquieto dos pés e depois o Astrólogo bebericou mais um pouco e voltou-se novamente para as folhas de papel, que iam diminuindo.

— Ele terá muitos sofrimentos, passará por muitas privações, entrará em guerra contra as forças do mal, durante anos ficará confinado e sofrerá como poucos têm sofrido, e o propósito de tudo isso será purificar e expulsar os resíduos de qualquer sensualidade e construir o poder de resistência do cérebro. Depois ele vai escapar de seus captores, depois de uma explosão imensa que lançará um país inteiro, ou talvez um mundo inteiro, em confusão. Ele viajará por meios que não podemos identificar através de um vasto continente e no final dessa viagem será novamente encarcerado injustamente, terá novos sofrimentos pelo menos iguais aos que suportou no outro confinamento. Afinal, graças à intervenção de pessoas desconhecidas, ele será libertado e tirado a força daquele grande

continente. Viajará por muitos países, conhecendo muita gente, vendo muitas culturas, aprendendo muitas coisas. E depois, afinal, irá para um país em que novamente ele não será bem-vindo, por ser diferente. O sofrimento o terá modificado enormemente, de modo que ele não parecerá mais ser da nossa espécie, e sim diferente. E quando os seres humanos encontram qualquer coisa que seja diferente, temem essa coisa, e aquilo que temem eles odeiam e procuram destruir.

O ancião parecia cansado. Afinal o assistente mais velho adiantou-se, murmurou alguma coisa ao Astrólogo, e depois disse:

— Teremos alguns momentos de descanso enquanto o nosso Astrólogo-Chefe se refaz para a segunda metade dessa Leitura. Então, por um momento, concentremo-nos sobre o que foi dito para podermos mais facilmente assimilar o que se seguirá.

O Astrólogo-Chefe sentou-se, trouxeram-lhe algo para comer e beber e ele ficou olhando para a multidão de pessoas. Enquanto olhava, pensou em sua infância, pensou nas vezes em que tinha escalado as altas montanhas no meio da noite, para poder contemplar as estrelas espalhadas pelo céu. Tinha meditado muito tempo sobre o significado daquelas estrelas, e se tinham influência sobre as pessoas. Resolveu verificar. Por vários meios, e provavelmente porque era seu destino, ingressou na Lamaseria do Oráculo do Estado e verificou-se que ele tinha uma habilidade anormal para a Astrologia, uma Astrologia, claro, muito superior à do mundo ocidental, muito mais completa e muito mais precisa. Incluía mais variáveis e podia ser projetada em maior profundidade. O jovem destinado a ser Astrólogo-Chefe de todo o

Tibete progrediu rapidamente, estudando, estudando, estudando. Conseguiu os textos antigos da Índia, os textos da China e quase reescreveu a Ciência da Astrologia do Tibete. Com o desenvolvimento de sua habilidade, sua fama foi crescendo de tal modo que ele era chamado pelos chefes de todas as grandes famílias de Lhasa, e depois de outras cidades do Tibete. Em breve chamavam-no para fazer previsões para o governo e para o próprio Grande Décimo Terceiro. Ele era sempre rigorosamente sincero. Se não sabia, dizia que não sabia. Previra a invasão britânica, previra a partida do Grande Décimo Terceiro para outro país, e sua volta são e salvo, e fizera a previsão de que não haveria mais nenhum verdadeiro Dalai Lama depois que o Décimo Terceiro passasse ao estado de transição; haveria outro, mas ele teria sido escolhido como expediente político, numa tentativa de aplacar as ambições territoriais dos chineses. Fizera a previsão de que dentro de 60 anos viria o fim do Tibete como era conhecido então, e que vigoraria uma ordem completamente nova, que provocaria provação e sofrimentos extremos mas que poderia, se manejada direito, ter o efeito de extinguir um sistema antiquado e, depois de uma centena de anos, trazer benefícios ao Tibete.

O Astrólogo-Chefe bebericou seu chá amanteigado e olhou para as pessoas diante dele. Viu o modo de alguns dos rapazes olharem para as moças e como elas retribuíam os olhares, melindrosas, convidativas. Pensou em seus longos anos de monge celibatário, quase 80 anos, pensou, e ele mal sabia em que a mulher era diferente do homem. Seus conhecimentos versavam sobre as estrelas, e homens e mulheres no que eram afetados pelas estrelas. Olhava para as moças bonitas e pensava se seria realmente direito os monges serem celibatários. Certamente, pensava, a humanidade deve consistir de duas partes: o princípio do masculino e feminino, e sem a união das duas partes não pode haver um Homem completo. Pensou em todas as histórias que tinha ouvido, de que as mulheres estavam-se tornando cada vez mais arrogantes, tentando dominar mais. Olhou em volta, para algumas das mulheres mais velhas, com suas fisionomias duras, e notou sua atitude dominadora. E depois pensou, bem, talvez seja porque o momento ainda não é oportuno para o homem e a mulher se unirem para formar um todo, formar uma entidade completa. Mas isso virá, embora não antes do fim desse ciclo de existência. E pensando assim, deu sua xícara a um assistente, indicando que estava pronto para continuar.

Fez-se novamente silêncio na platéia e as pessoas olharam para o

estrado. O ancião levantou-se, com a ajuda dos outros, e os livros foram novamente colocados diante dele. Ele tornou a olhar em volta e disse:

— Algumas das experiências por que passará o assunto dessa Leitura são tão além de nossa própria experiência que não podem ser previstas de forma suficientemente precisa para serem dignas de nota. Sabe-se positivamente que essa pessoa tem uma Tarefa muito, muito grande a executar, uma Tarefa da maior importância para toda a humanidade, não somente para o Tibete. Sabe-se que existem forças do mal, muito poderosas mesmo, que estão trabalhando ativamente para negar o que ele terá de fazer.

“Ele encontrará o ódio, encontrará todo tipo de provações e sofrimentos, saberá o que é estar às portas da morte e ter de suportar a prova da transmigração para outro corpo para que o trabalho possa continuar. Mas ali nesse outro corpo surgirão novos problemas. Será repudiado por seu próprio povo devido àquele expediente político que já mencionei. Será considerado benéfico para o povo, como um todo, que ele seja repudiado, que não seja apoiado por aqueles que deviam apoiá-lo, por aqueles que poderiam sustentá-lo, e torno a dizer que isso são probabilidades, pois é bem possível que o nosso povo o sustente e lhe dê a oportunidade de falar perante as nações do mundo para que, primeiro, o Tibete seja salvo e, segundo, que aquela grande Tarefa, cuja natureza exata não pode ser mencionada, - possa ser executada mais rapidamente. Mas as pessoas fracas, investidas de uma autoridade temporariamente diminuída, não terão a força necessária para ajudá-lo, de modo que ele lutará sozinho contra as forças do mal, e contra as pessoas indiferentes que está tentando ajudar.”

O velho olhou em volta e fez sinal para o assistente da esquerda para tirar a próxima folha. O assistente corou ligeiramente por ter de ser advertido e atendeu logo ao que lhe pediam. O Astrólogo continuou:

— Existe uma associação ou grupo especial que presta informações aos povos do mundo além dos nossos limites. Seus membros não têm o gabarito espiritual suficiente para compreender a Tarefa que tem de ser cumprida e seu ódio terrível tornará a Tarefa imensamente mais difícil. Além disso, existe um pequeno grupo de pessoas cheias de um ódio ardente e que farão todo o possível para arruinar o sujeito deste horóscopo e causar-lhe

todas as desgraças.

O ancião fez uma pausa e colocou a mão sobre a folha superior, indicando que terminara com os livros. Depois virou-se e dirigiu-se para a assembléia:

— Com os anos de minha experiência, digo-lhes o seguinte: por maior que seja a luta, por mais duros que forem os sofrimentos, a Tarefa vale a pena. A única batalha que conta é a batalha final. Não importa quem vença ou perca as guerras que continuam até à batalha final, pois no fim a última batalha será vencida pelas forças do bem, e o que terá de ser feito será feito.

Ele curvou-se três vezes para o público e depois virou-se e curvou-se três vezes para o Senhor e Senhora Rampa. Depois sentou-se para descansar as pernas, que tremiam com o peso dos anos.

A platéia, cochichando entre si, logo se dispersou, indo para os jardins em busca de diversão, que não faltava — música, acrobatas, malabaristas, e, naturalmente, comida e bebida. Depois que o Astrólogo e seus dois colaboradores tinham descansado um pouco, levantaram-se e foram para a casa grande, onde tinham mais a dizer aos pais de Lobsang Rampa. Também tinham o que dizer a Lobsang, em particular, sozinhos com ele.

Logo o Astrólogo-Chefe partiu de volta para o Potala e seus dois colaboradores partiram em sua viagem para a Lama- seria do Oráculo do Estado.

O dia prosseguiu. Chegou o crepúsculo, e com ele as pessoas reunidas começaram a sair pelos portões, caminhando pelas estradas, para poderem chegar a casa antes de serem surpreendidas pela noite e seus perigos.

As trevas baixaram e na estrada, além do grande portão, um menininho solitário ficou olhando para os últimos convidados que se retiravam, assistindo a sua animação toda. Ficou ali de mãos cruzadas, pensando numa vida de tristezas que lhe fora prevista, pensando nos horrores da guerra, que ele não compreendia, pensando na perseguição insensata que ainda viria. Ficou ali sozinho, sozinho no mundo, e ninguém tinha um problema como aquele. Ficou ali e a noite foi ficando mais escura e ninguém apareceu para procurá-lo e levá-lo de volta. Afinal, com a Lua cheia brilhando por cima dele, deitou-se ao lado do caminho — o portão estava fechado mesmo — e dali a alguns minutos ouviu um ronronar ao lado de sua cabeça e um gato enorme deitou-se ao seu lado. O

menino pôs os braços em volta do gato, o gato ronronou mais alto. Logo o menino adormeceu, num sono agitado, mas o gato permaneceu alerta, vigiando, guardando.

Assim termina o Livro Um:

Como Era no Início



## **LIVRO DOIS**

### **A Primeira Era**

## CAPÍTULO QUATRO

Ah, Lobsang, Lobsang — disse minha mãe, o rosto pálido de raiva. — Você nos envergonhou terrivelmente. O seu pai se envergonha de você, está tão zangado que foi para o escritório e vai ficar lá o dia todo, e isso atrapalhou todos os meus compromissos, e tudo por sua causa, Lobsang! — e com essas palavras ela virou-se de repente e foi-se embora, como se não pudesse mais suportar olhar para mim. Vergonha de mim? Por que ele havia de estar com vergonha de mim? Eu não queria ser monge, não queria todas as coisas horríveis previstas para mim. Qualquer pessoa de um pouco *f*( de bom senso saberia disso. As previsões da véspera me haviam enchido de horror. Fora como os demônios do gelo, passando os dedos para cima e para baixo em minha espinha. Então ela estava com vergonha de mim, é? O velho Tzu apareceu, movendo-se quase como uma montanha, de tão grande que ele era. Olhou para mim e disse: Então, rapaz, vai ter uma vida dura, é? Acho que você vai dar conta. Se não pudesse suportar todas as tensões e tentações, não teria sido escolhido para essa tarefa. O artesão escolhe as ferramentas de acordo com o trabalho a ser feito. Talvez — quem sabe? — o artesão que o escolheu para ser seu instrumento possa ter feito uma escolha melhor do que pensava. Olhei para o velho Tzu mais animado, mas só um pouco, e aí eu disse: Mas, Tzu, como é que envergonhei a minha mãe e o meu pai? Não fiz nada. Não quero ser monge. Não compreendo

o que eles querem dizer. Hoje todo mundo parece estar cheio de raiva de mim. Minha irmã não quer falar comigo, minha mãe me recrimina, e meu pai nem quer ficar em casa comigo, e não sei por quê.

O velho Tzu abaixou-se com dificuldade para sentar-se de pernas cruzadas no chão, e os ferimentos que os britânicos lhe haviam causado lhe doíam muito. Ele fraturara um osso da bacia e agora — bom, sentia dores o tempo todo. Mas sentou-se no chão e conversou comigo.

— Sua mãe — disse ele — é uma mulher de grande ambição social. Ela pensava que como filho de um Príncipe do Tibete, e mais tarde devendo ser Príncipe por direito seu, você iria para uma grande cidade da Índia, onde aprenderia muito dos negócios do mundo. Sua mãe pensava que você seria uma glória social para ela, pensava que se você fosse à Índia e talvez a outros países, então ela também poderia ir visitá-lo, e isso, há anos, antes mesmo de seu nascimento, tem sido toda a ambição dela. Agora você foi escolhido para uma Tarefa especial, e não era isso que ela queria, nem o que o seu pai queria. Eles queriam uma figura brilhante na política, um homem de sociedade, não um monge que vai ter de lutar a vida toda, não um homem que há de vagar pela face da Terra como um pária repudiado por seus semelhantes por dizer a verdade, desprezado por todos que o rodeiam por tentar fazer uma Tarefa em que outros fracassaram.

O velho Tzu soltou um grunhido.

Tudo isso parecia muito estranho para ser verdade. Por que eu havia de ser castigado por uma coisa que não praticara e uma coisa que não queria fazer? Eu só queria era ficar às margens do rio olhando os barqueiros com seus barcos de couro remando pelas águas. Só queria me exercitar com minhas pernas de pau e soltar as minhas pipas. Mas agora — bom, eu não sabia o que pensar das coisas, não sabia por que havia de ser EU.

Os dias passaram depressa demais e afinal, como fora previsto, tive de sair de casa e subir o morro para a Lamaseria de Chakpori. Ali tive de ficar esperando, esperando do lado de fora, alvo de todos os olhares. Os menininhos se agrupavam em volta de mim enquanto eu ficava de pernas cruzadas na poeira do lado de fora dos grandes portões. Os dias eram insuportavelmente longos, mas eu os supor-tei. As noites eram insuportavelmente cacetes, mas eu as supor-tei até que afinal acabou essa penitência. Fui admitido na Lamaseria como o mais ínfimo dos ínfimos, um menino novo, um que era presa fácil, que estava ali para ser atormentado, em quem podiam pregar qualquer

peça. O mais ínfimo dos ínfimos.

O tempo se arrastava, e eu sentia saudades de casa. Sentia falta de minha casa, de Tzu, de minha irmã Yasodhara; quanto à mãe que agora não tinha mais amor por mim . . . bom, eu tinha sentimentos estranhos com relação a ela. Francamente, sentia falta dela. Ainda mais francamente, eu me sentia culpado. De que modo fracassara? Por que estavam tão decepcionados comigo? Como é que eu podia evitar que um astrólogo dissesse que eu devia ir sofrer isso e suportar aquilo? Não era escolha minha, ninguém de juízo, pensei, havia de escolher tal carga de problemas como a que me fora atribuída.

Pensei em meu pai, da última vez que o vi antes de sair de casa. Ele me olhara com a fisionomia fria, falando-me duramente, como se agora eu fosse um estranho, que não mais tivesse um lar, nem pais. Tratou-me com mais rigor do que trataria um condenado que chegasse à porta mendigando comida. Disse-me que eu tinha desonrado a família, por ter um tal carma que tinha de ser monge, lama, errante, um ser que seria escarnecido e em quem ninguém acreditaria.

y- Yasodhara . . . bom, não sabia o que pensar da atitude dela. Ela mudara. Nós costumávamos brincar juntos, como qualquer irmão e irmã normais, nós nos dávamos razoavelmente bem, assim como irmãos e irmãs normais se dão “razoavelmente bem”. Mas agora ela me lançava olhares tão estranhos, como se eu fosse um cachorro vadio que entrasse na casa e deixasse algum presente indesejável num canto. Os empregados não tinham mais respeito por mim, o respeito devido ao herdeiro das propriedades Lhalu. Para eles, eu era apenas alguma coisa alojada ali por alguns dias, até o dia do meu sétimo aniversário. Aí, nesse dia dos meus sete anos, eu iria embora sozinho, sem uma palavra de despedida de ninguém, no caminho longo e solitário que levava a uma carreira que eu não desejaria para os meus piores inimigos.

Em Chakpori havia o cheiro constante de ervas secando, o silvo constante dos chás de ervas. Lá dedicava-se muito tempo ao código ervalista e menos tempo às disciplinas religiosas. Mas tínhamos muito bons preceptores, alguns tinham mesmo estado até na Índia.

Lembro-me de um monge idoso, ou devo dizer lama, que estava nos dando uma aula e que começou a falar sobre a transmigração.

— Em tempos idos — disse ele — na verdade, muito antes de ter início a história escrita, havia gigantes sobre a Terra. Eram eles os Jardineiros da Terra, que vinham aqui para supervisionar o

desenvolvimento da vida neste planeta, pois não somos o primeiro Ciclo de Existência aqui, sabem, mas, assim como os jardineiros limpam um terreno, toda a vida tinha sido removida e depois nós, a raça humana, fomos deixados aqui para abrir o nosso caminho, para promover o nosso desenvolvimento.

Ele parou e olhou em volta para ver se os alunos tinham algum interesse pelo assunto sobre o qual ele discorria. Com uma surpresa satisfeita, verificou que as pessoas estavam de fato profundamente interessadas em suas observações.

— A Raça dos Gigantes — continuou ele — não era muito adequada para a vida na Terra, de modo que por meios mágicos a Raça dos Gigantes foi mirrando até ficar do mesmo tamanho que os seres humanos, e assim puderam misturar-se com os humanos sem serem reconhecidos como os Jardineiros. Mas muitas vezes era preciso que um Jardineiro diferente aparecesse para executar as tarefas especiais, pois era muito demorado esperar que nascesse um menino de uma mulher e que se passassem os anos de sua infância e adolescência. Assim, a ciência dos Jardineiros da Terra tinha um sistema diferente; eles faziam crescer certos corpos e certificavam-se de que esses corpos fossem compatíveis com o espírito que mais tarde habitaria neles.

De repente um menino sentado em frente de mim falou:

— Como é que um espírito podia habitar outra pessoa?

O mestre lama sorriu para ele e disse:

— Eu já ia lhes contar. Mas os Jardineiros da Terra permitiram que certos homens e mulheres se casassem, de modo que nasceu um filho de cada casal, e o desenvolvimento dessa criança era dirigido com muito cuidado durante, talvez, os primeiros 15 ou 20 ou 30 anos de vida. Aí chegaria uma ocasião em que um Jardineiro de posição muito elevada precisaria vir à Terra numa questão de horas, de modo que os assistentes fariam o corpo treinado entrar num transe, num estase, ou, se preferirem, num estado de animação suspensa. Os assistentes do mundo astral iriam até ao corpo vivo junto com a entidade que queria vir à Terra, com seu conhecimento especial eles podiam destacar o Cordão de Prata e ligar em seu lugar o Cordão de Prata da entidade que era o Jardineiro da Terra vindo à Terra. O hospedeiro então se tornava veículo do Jardineiro da Terra, e o corpo astral do hospedeiro ia para o mundo astral, assim como faria no caso de uma pessoa que morresse.

“Chama-se a isso a transmigração, a migração de uma entidade para o corpo de outra. O corpo assumido é conhecido como o

hospedeiro, e isso é bem conhecido na História, pois foi muito praticado no Egito e deu origem ao que se conhece como embalsamento. Naquele tempo no Egito havia muitos corpos conservados num estado de animação suspensa, eram vivos mas inanimados, prontos para serem ocupados por entidades mais elevadas, assim como mantemos os pôneis esperando por um monge ou um lama para montar no animal e ir para algum lugar.”

^— Ah, puxa! — exclamou um menino. — Imagino que os amigos do hospedeiro ficavam bem espantados quando o corpo acordava e aquele que eles pensavam ser seu amigo no passado possuía toda a sabedoria. Puxa! Eu não gostaria nada de ser hospedeiro, deve ser uma sensação horrível ter outra pessoa no corpo da gente.

O mestre riu-se e disse:

— Certamente, seria uma experiência única. As pessoas continuam a fazê-lo. Os corpos continuam a ser preparados, criados especialmente para que, se houver necessidade, uma entidade diferente possa assumir um corpo novo, se isso se tornar necessário para o bem do mundo como um todo.

Os meninos passaram dias falando sobre aquilo, e, como crianças, alguns fizeram de conta que iam tomar conta dos corpos. Mas para mim, recordando aquela terrível previsão, aquilo não era brincadeira, não era nada divertido para mim, era uma provação até pensar naquilo. Era um choque contínuo para o meu organismo, um choque tão grande que às vezes me parecia que ia ficar maluco.

Um dos preceptores, especialmente, ficou intrigado com o meu amor pelos gatos, e o afeto evidente dos gatos por mim.

O preceptor sabia perfeitamente que eu tinha conversas telepáticas com os gatos, Um dia, depois das aulas, ele estava de muito bom humor, e me viu deitado no chão com quatro ou cinco dos nossos gatos do templo sentados em cima de mim. Ele riu-se da cena e pediu que o acompanhasse até ao quarto dele, o que fiz com alguma apreensão, pois naquele tempo uma convocação aos aposentos de um lama geralmente significava uma repreensão por alguma coisa que se tivesse feito ou deixado de fazer, ou um trabalho extra a ser feito. Portanto, eu o acompanhei a uma distância respeitável, e quando cheguei aos seus aposentos ele mandou que eu me sentasse enquanto dissertava sobre os gatos.

— Os gatos — disse — são hoje criaturas pequenas e não conseguem falar a língua humana, mas apenas por telepatia. Há muitos e muitos anos, antes desse determinado Ciclo de Existência,

os gatos povoavam a Terra. Eram maiores, quase do tamanho dos nossos pôneis, e conversavam entre si, faziam coisas com suas patas dianteiras, quç chamavam de mãos. Dedicavam-se à horticultura e eram geralmente gatos vegetarianos. Viviam entre as árvores e suas casas ficavam nas árvores grandes. Algumas das árvores eram muito diferentes das que hoje conhe-

, cemos na Terra, algumas, com efeito, tinham grandes cavidades, como cavernas, e era nessas cavidades ou cavernas que os gatos faziam suas casas. Estas eram quentes, protegidas pela entidade viva da árvore, e ao todo eram uma comunidade de muita afinidade. Mas não pode haver a perfeição em espécie alguma, a não ser que haja insatisfação para provocar o progresso, pois senão a criatura que tiver tal euforia degenera.

Ele sorriu para os gatos que me haviam acompanhado e que estavam agora sentados em volta de mim e continuou:

— Foi isso o que aconteceu com os nossos irmãos e irmãs Gatos. Estavam felizes demais, contentes demais, não tinham nada que lhes aticasse a ambição, nada que os levasse a maiores alturas. Não tinham pensamento algum, a não ser que estavam felizes. Eram como aquela pobre gente que vimos há pouco tempo, privada da razão, satisfazendo-se em apenas ficar deitada debaixo das árvores, deixando que as coisas se arrumassem sozinhas. Eram estáticos, e, sendo estáticos, foram um fracasso. De modo que os Jardineiros da Terra os arrancaram como se fossem mato e deixou-se que a Terra ficasse alqueivada por

algum tempo. E, com o tempo, a Terra atingiu um tal grau de maturidade que pôde novamente ser reabastecida de um tipo de entidade diferente. Mas os gatos . . . bom, o mal deles é que não haviam feito nada, nem de bom nem de mau. Tinham existido, só isso — existido. De modo que foram enviados para cá novamente como criaturinhas como as que vemos aqui, foram enviados para aprender uma lição, com o conhecimento íntimo de que ELES tinham sido outrora a espécie dominante, de modo que ficaram reservados, tendo muito cuidado na escolha de seus amigos. Foram enviados para cumprir uma tarefa, a tarefa de vigiar os seres humanos, de modo que quando surgisse o Ciclo seguinte, haveria muitas informações fornecidas pelos gatos. Os gatos podem ir a qualquer parte, ver qualquer coisa, ouvir qualquer coisa, e, não podendo mentir, poderiam registrar tudo exatamente como acontecesse.

Sei que fiquei bastante assustado, por algum tempo! Fiquei

imaginando o que os gatos estariam contando a meu respeito. Mas aí um gato velho, campeão de muitas lutas, ronronou e saltou para cima dos meus ombros, batendo a cabeça de encontro à minha, de modo que vi que estava tudo bem e que não iam falar muito mal de mim.

Pouco tempo depois, tive de ficar deitado de bruços na minha manta no chão da Enfermaria, pois me queimara muito na parte superior de minha perna esquerda. Ainda hoje tenho as cicatrizes, e a lesão causada pela queimadura ainda me aflige. Estava deitado de bruços porque não podia deitar de costas, e um lama de quem eu gostava muito entrou e disse:

— Mais tarde, Lobsang, quando você tiver sarado e puder se movimentar, vou levá-lo a certo pico nas montanhas. Ali há uma coisa especial que quero mostrar-lhe porque, sabe, a Terra passou por muitas transformações, a Terra modificou-se, os mares se alteraram, as montanhas cresceram. Vou mostrar-lhe coisas que não foram vistas por mais de dez pessoas no Tibete nos últimos cem anos. Portanto, fique bom depressa, pois tem pela frente uma coisa interessante.

Alguns meses depois o meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, que para mim era mais do que mãe e pai e irmão, conduziu-me por um caminho. Ele ia na frente num cavalo forte e eu atrás, num pônei que tinha tanta desconfiança de mim quanto eu dele. Ele me reconhecia como um mau cavaleiro. Entre nós havia o que mais tarde eu chamaria de uma neutralidade armada, uma espécie de . . . bom, se você não fizer nada eu também não farei, pois temos de conviver de qualquer modo. Mas continuamos a viagem e afinal o meu Guia parou. Inclinei-me e saltei do pônei, de lado. Largamos as cordas e sabíamos que nem o cavalo nem o pônei fugiriam, pois eram muito bem treinados.

O meu Guia acendeu uma fogueira e nós nos sentamos para um jantar frugal. Conversamos sobre as maravilhas dos céus estendidos sobre nós. Estávamos à sombra das montanhas e grandes manchas arroxeadas de escuridão varriam o Vale de de Lhasa, enquanto o Sol se punha por trás da cadeia ocidental. Por fim tudo ficou escuro, menos as lamparinas que brilhavam fraquinhas em mil casas e lamaserias, e a glória dos céus acima, que lançavam seus fracos pontos de luz brilhante.

Por fim o meu Guia disse:

— Agora temos de dormir, Lobsang, hoje não há ofícios do templo para perturbá-lo, nem ofícios do templo de manhã, para despertá-lo. Durma bem, pois amanhã veremos coisas que você nunca sonhou serem possíveis.



E com essas palavras ele se enrolou em sua manta, virou de lado e adormeceu — simplesmente. Fiquei ali deitado muito tempo, procurando me ajeitar numa cavidade da pedra, pois o osso de minha bacia parecia projetar-se longe, e depois virei de bruços, pois as minhas cicatrizes ainda me doíam, e afinal eu também adormeci.

A manhã surgiu radiosa. De nossa altitude nas montanhas, era fascinante ver como os primeiros raios do Sol pareciam dardejear horizontalmente sobre o vale, iluminando os picos do horizonte no oeste com o que parecia serem dedos de fogo. Com efeito, por algum tempo parecia que toda a serra estivesse em chamas. Ficamos ali olhando, e depois, simultaneamente, nós nos voltamos e sorrimos um para o outro.

Depois de uma refeição ligeira — o café da manhã sempre me parecia frugal demais! — fomos dar de beber aos cavalos num regato da montanha e depois, fornecendo-lhes bastante forragem, que, naturalmente, tínhamos levado conosco, nós os amarramos juntos, deixando um espaço entre eles de uns nove metros. Tinham bastante espaço para pastar no capim ralo.

O Lama Mingyar Dondup conduziu-me pela encosta da montanha, sem trilhas. Junto de um rochedo imenso, que parecia estar encaixado fixamente na superfície do penhasco, ele virou-se e disse:

— Em suas viagens você verá muita coisa que parecerá mágica, Lobsang. Aqui está a primeira amostra.

Então ele virou-se e, para meu espanto total, desapareceu! Simplesmente desapareceu diante de meus olhos. Aí ouvi sua voz de “algum lugar” chamando-me. Quando obedeci, vi o que parecia ser um bocado de musgo dependurado da superfície do penhasco, mas que era, de fato, cipó solto. Aproximei-me e o lama afastou a vegetação para eu poder entrar. Virou-se e eu o acompanhei, olhando em volta assombrado. Aquilo parecia um túnel largo, muito largo, e a luz penetrava por algum lugar que não consegui ver. Segui os passos dele, aborrecido com a minha lentidão, pois, como sabia muito bem, se me atrasasse, pòderia perder-me naquele túnel da montanha.

Caminhamos durante algum tempo, às vezes numa escuridão de breu, onde eu tinha de tatear com uma das mãos tocando a parede de um dos lados. Não me preocupei com buracos nem pedras baixas, pois o meu Guia era muito maior do que eu, e se havia espaço para ele, então haveria espaço para mim.

Depois de andarmos por uns 30 minutos, às vezes numa atmosfera sufocante e às vezes numa revigorante brisa de montanha, chegamos ao que parecia ser uma zona iluminada. O meu Guia parou. Eu também parei, surpreendido. Aquilo parecia ser uma câmara vasta, imagino que de uns 80 ou 90 metros, e nas paredes havia gravuras estranhas, gravuras que não consegui entender. Pareciam ser pessoas muito estranhas, com roupas extraordinárias que pareciam cobri-las dos pés à cabeça, ou mais precisamente, ao pescoço, pois na cabeça tinham uma coisa que parecia ser um globo transparente. Acima de nós, quando levantei os olhos, parecia haver um cubo imenso, e no fim disso eu conseguia distinguir uma nuvem esvoaçante.

O meu Guia interrompeu os meus pensamentos:

— Este é um lugar muito estranho, Lobsang — disse-me. — Há milhares e milhares de anos houve nesta Terra uma grande civilização. Foi conhecida como a época da Atlântida. Algumas das pessoas do mundo ocidental, para onde você irá mais tarde, pensam na Atlântida como sendo uma lenda, um lugar imaginário sonhado por algum grande contador de histórias. Pois bem — meditou ele — com pesar lhe digo que muita gente há de achar que você também sonhou as suas próprias experiências verdadeiras, mas por mais que duvidem de você, por mais que descreiam, você sabe a verdade, você viverá a verdade. E aqui nesta câmara você tem a prova de que existiu a Atlântida.

Ele virou-se e conduziu-me ainda mais para dentro daquele túnel estranho. Durante algum tempo caminhamos numa escuridão tenebrosa, a respiração difícil no ar abafado e morto. Depois sentimos de novo a frescura, de algum lugar soprava juma brisa agradável. O abafamento desapareceu e logo vimos um raio de luz diante de nós. Vi o vulto de meu Guia surgindo muito grande no túnel iluminado pela luz diante de mim. Então, com os pulmões cheios do ar puro, apressei-me a alcançá-lo. Ele tornou a parar numa vasta câmara.

Ali havia mais coisas estranhas. Parecia que alguém tinha entalhado grandes prateleiras na rocha e nessas prateleiras havia artefatos estranhos, que não tinham qualquer significado para mim. Olhei para eles e toquei de leve em algumas daquelas coisas. Pareceram-me máquinas. Havia grandes discos com sulcos estranhos. Alguns dos discos pareciam ser de pedra e tinham talvez 1,80 de diâmetro, com uma ondulaçãd em sua superfície, e

no centro um buraco.

Aquilo não me dizia nada. Portanto, larguei as conjecturas inúteis e examinei as pinturas e gravuras que enfeitavam as paredes. Eram figuras estranhas, grandes gatos que andavam em duas pernas, casas nas árvores com gatos enroscados dentro delas, coisas que pareciam flutuar no ar e embaixo, no que obviamente era o solo, seres humanos apontavam para aquelas coisas. Era tudo tão acima de mim que a minha cabeça chegava a doer.

O meu Guia disse:

— Estas são galerias que chegam aos confins da Terra. A Terra tem uma espinha, tal como nós, Lobsang, mas a espinha da Terra é de pedra. Em nossa espinha temos um túnel, em nosso caso, cheio de líquido, e a nossa medula espinhal passa por ele. Esta aqui é a espinha da Terra, e este túnel foi feito pelo homem, nos tempos da Atlântida, quando sabiam fazer as rochas correr como água, sem gerar calor. Veja esta rocha — disse ele, virando -se e batendo na parede. — Essa rocha está fundida numa dureza quase total. Se você pegar uma grande pedra e atirá-la contra a face dessa rocha, não causará dano algum, a não ser à pedra, que poderá espatifar-se. Já viajei muito e sei que essa espinha rochosa se estende do Pólo Norte ao Pólo Sul.

Ele fez sinal para nos sentarmos, de modo que nos sentamos de pernas cruzadas no chão, bem debaixo do buraco que dava para o ar livre e através do qual víamos a escuridão do céu.

— Lobsang — disse o meu Guia, — há muitas coisas nesta Terra que as pessoas não compreendem, e também há coisas dentro desta Terra, pois, ao contrário do que se acredita, a Terra é realmente oca e existe outra raça de gente vivendo dentro desta Terra. É uma gente mais desenvolvida do que nós e às vezes alguns deles saem da Terra em veículos especiais. — Ele parou e apontou para uma das coisas estranhas nas gravuras, e depois continuou: — Esses veículos saem da Terra e voam por fora da Terra para ver o que as pessoas estão fazendo e para verificar se a sua segurança está sendo ameaçada pela loucura daqueles que eles chamam de “os de fora”.

Dentro da Terra, pensei, que lugar estranho de se viver, lá deve ser terrivelmente escuro, não gosto da idéia de viver no escuro, uma lamparina é um alívio. O meu Guia riu de mim, percebendo os meus pensamentos, e disse:

— Ah, não é escuro dentro da Terra, Lobsang. Eles têm um

Sol parecido com o que nós temos, mas o deles é muito menor e muito mais poderoso. Eles têm muito mais do que nós, são muito mais inteligentes. Mas nos dias que o esperam você saberá mais a respeito da gente da Terra Interior. Venha!

Levantou-se e partiu por um túnel que eu ainda não tinha visto, um túnel que saía para a direita e descia. Parecia que estávamos andando a vida toda no escuro. Aí o meu Guia pediu que eu parasse onde estava. Eu o ouvi remexendo em alguma coisa e ouvi um estrondo que parecia uma pedra sendo movida. Depois vi uma fagulhas quando ele esfregou a pederneira no fuzil. Vi um brilho opaco quando a isca pegou fogo, ele soprou e quando a isca deu uma chamazinha, ele introduziu na chama uma espécie de bastão, que se iluminou brilhantemente.

Ele segurou a tocha afastada e um pouco acima de si e me chamou para perto dele. Obedeci e ele apontou para a parede à nossa frente. O túnel terminou e diante de nós havia uma superfície completamente lisa e impenetrável, brilhando fortemente à luz da tocha.

— Isso, Lobsang — disse o meu Guia — é duro como o diamante, aliás alguns de nós viemos aqui há anos com um diamante e tentamos arranhar a superfície e estragamos o diamante. Esta é uma galeria que leva para o mundo interior. Foi lacrada, acreditamos, pelos habitantes daquele mundo para salvar a sua civilização durante o grande dilúvio que houve nesta Terra. Acreditamos que se se abrisse isso — isto é, se conseguíssemos abri-la — as pessoas haviam de sair aos montes e esmagar-nos por ousarmos perturbar a intimidade deles. Nós, da classe superior dos lamas, muitas vezes já visitamos este local, procurando comunicar-nos com os de baixo por telepatia. Eles receberam as nossas mensagens, mas não querem ter nada a ver conosco, dizem-nos que somos guerreiros, que parecemos crianças ignorantes querendo fazer explodir o mundo, querendo estragar a paz. Dizem-nos por telepatia que estão tomando conta de nós e que, se for necessário, vão intervir. Portanto, não podemos avançar mais aqui, este é o fim, é a linha fechada entre os mundos superior e interior. Bom, vamos voltar para a câmara.

Ele apagou a chama com cuidado e tateamos pelo caminho para voltar para onde brilhava a luz do céu por um orifício no teto.

Naquela câmara o lama tornou a apontar em outra direção e disse:

— Se tivéssemos a força e o tempo, poderíamos caminhar até ao Pólo Sul, seguindo o túnel. Alguns de nós já percorremos quilômetros e quilômetros, trazendo bastante provisões e acampando de noite, ou o que achávamos que fosse a noite. Viajamos quilômetros sem fim durante seis meses e às vezes subíamos por algum túnel e víamos que estávamos numa terra estranha, mas não ousávamos aparecer. As saídas eram sempre muito bem disfarçadas.

Sentamo-nos e comemos a nossa refeição frugal. Havia muito tempo que estávamos viajando e eu já estava ficando exausto, embora o meu Guia parecesse estar imune da exaustão ou mesmo do cansaço comum. Ele conversou comigo e me contou uma porção de coisas. Disse:

— Quando eu estava sendo preparado como você está sendo preparado agora, também passei pela Cerimônia da Pequena Morte, e me mostraram o Registro Akáshico, mostraram-me as coisas que se tinham passado, e vi que o nosso Tibete foi outrora um agradável balneário à margem de um mar cintilante. A temperatura era quente, talvez até demais, e havia uma profusão de folhagens e de palmeiras e uma porção de frutas estranhas que então nada significavam para mim. Mas pelo Registro Akáshico vi uma civilização realmente maravilhosa, vi uma nave estranha no céu, vi pessoas com extraordinárias cabeças em forma de cone que andavam por ali, que se divertiam, se amavam, mas também se guerreavam. Então, conforme vi no Registro, o país inteiro foi abalado e o céu ficou preto, as nuvens tornaram-se escuras como a noite, suas bases acesas por chamas vacilantes. A terra tremeu e abriu-se. Parecia que tudo estava em fogo. Aí o mar avançou sobre a terra recém-aberta e houve explosões tremendas, explosões e mais explosões, parecia que o Sol estava parado e que a Lua não nasceria mais. As pessoas eram dominadas por inundações tremendas, ou morriam queimadas pelas chamas que apareciam não se sabia de onde, mas essas chamas tinham um brilho arroxeadado, maléfico, e ao tocarem nas pessoas, a carne caía de seus ossos, deixando os esqueletos caírem ao chão com estrondo.

“Os dias se sucediam e o tumulto aumentava, embora isso parecesse impossível, e então houve uma explosão arrasadora e abrasadora e tudo ficou escuro, tudo ficou tão negro quanto a fuligem de muitas lamparinas ardendo sem se apagar os pavios.

“Depois de um tempo que não pude calcular — disse ele — as trevas diminuíram e quando afinal apareceu a luz do dia, não sei por quanto tempo fiquei contemplando a cena com o maior terror. Vi então que estava olhando para uma paisagem completamente diferente, que o mar não existia mais, que uma cadeia de montanhas surgira no escuro, circundando o que antes fora a cidade de uma adiantada civilização. Olhei em volta num horror fascinado, o mar desaparecera, o mar . . . bom, não havia mais mar, havia montanhas em seu lugar, cadeias e cadeias de montanhas. Então pude ver que estávamos a milhares de metros mais alto, e embora eu estivesse vendo o Registro Akáshico, também estava sentindo, sentia o ar rarefeito. Ali não havia sinal de vida, nenhum sinal mesmo. E enquanto eu olhava, a cena desapareceu e me encontrei de volta no lugar de onde partira, nos níveis mais profundos das montanhas do Potala, onde eu estava passando pela Cerimônia da Morte Pequena, e recebendo muitas informações.”

Durante algum tempo ficamos ali sentados, meditando sobre o passado, e o meu Guia me disse:

— Vejo que você está meditando, ou tentando meditar. Ora, há dois modos muito bons de se meditar, Lobsang. Você deve estar contente, deve estar tranquilo. Não pode meditar com a mente perturbada, nem pode meditar no meio de uma porção de gente. Você tem de estar sozinho, ou então com apenas uma pessoa, que você ame.

Ele olhou para mim e depois disse:

— Você deve sempre olhar para alguma coisa branca. Se olhar para o chão, poderá distrair-se com um grão de uma pedrinha, ou poderá distrair-se duplamente com um inseto. A fim de meditar com êxito, você deve sempre olhar para as coisas que não apresentem nenhum atrativo para a vista, ou tudo preto ou de um branco puro. Os seus olhos então ficam fartos de tudo aquilo e, por assim dizer, se dissociam do cérebro, e assim o cérebro, sem ter nada que o distraia oticamente, fica livre para obedecer ao que o seu subconsciente exige, e assim, se você instruiu ao seu subconsciente que vai meditar — então vai meditar. Você verá que nesse tipo de meditação os seus sentidos ficam aguçados, as suas percepções mais vivas, e é essa a única meditação digna desse nome. Nos anos futuros você encontrará muitos cultos que oferecem a meditação por algum preço, mas isso não é a

meditação como a entendemos, nem a meditação como a desejamos. É apenas uma coisa com que brincam os cultistas, e não tem virtude.

E com essas palavras ele levantou-se, exclamando:

— Temos de voltar, pois o dia já vai longe. Teremos de passar outra noite nas montanhas, pois já é muito tarde para partir para Chakpori.

Ele saiu andando pelo túnel e eu levantei-me de um salto e fui depressa atrás dele. Não tinha vontade de ser largado naquele lugar em que os do mundo interior, ou como quer que se chamassem, poderiam talvez aparecer e carregar-me com eles. Eu não sabia como eles seriam, nem se gostariam de mim e certamente não queria ficar sozinho ali naquele lugar escuro. Por isso apressei-me, e afinal chegamos de novo àquela entrada por onde havíamos vindo.

O cavalo e o pônei estavam descansando calmamente e nós nos sentamos ao lado deles e fizemos os preparativos simples para a nossa refeição. A luz já tinha desaparecido e a maior parte do Vale estava na penumbra. Na altitude em que estávamos, o Sol poente ainda brilhava sobre nós, mas o globo em si mergulhava cada vez mais sob as montanhas, em seu caminho para iluminar outras partes do mundo antes de voltar a nós.

Depois de conversar um pouco, mais uma vez nos enrolamos em nossas mantas e adormecemos.

## CAPÍTULO CINCO

A vida em Chakpori era muito movimentada. A quantidade de coisas que tive de aprender me apavorou: ervas — onde cresciam, quando apanhá-las, e saber bem que se fossem colhidas na época errada, não valeriam nada. Aquele, ensinaram-me, era um dos grandes segredos da erborização. As plantas, ou as folhas, ou as cascas das árvores, ou as raízes só podiam ser colhidas com eficiência num intervalo de dois ou três dias. A Lua tinha de estar certa, as estrelas tinham de estar certas e o tempo também tinha de estar certo. Era preciso ainda que a pessoa se sentisse sossegada ao colher essas ervas, pois, ao que me disseram, a pessoa que as colhesse enquanto estivesse de mau humor destruiria a sua eficácia.

Depois, era preciso secar aquilo. Somente certas partes das ervas eram úteis. Em algumas era preciso aparar apenas as pontas das folhas, outras tinham de ter hastes ou cascas, e cada planta ou erva tinha de ser tratada de seu próprio modo individual e considerada com respeito. Pegávamos as cascas e as esfregávamos nas mãos, que limpávamos especialmente para aquele fim — o que em si era uma provação! — e assim a casca era reduzida a um certo tamanho, uma espécie de pó granulado. E depois tudo tinha de ser colocado num chão imaculadamente limpo, nada de cera naquele chão. Era só esfregar, esfregar, esfregar até não haver nenhum pó, nem mancha nem marca. Depois tudo era deixado de fora, para que a Natureza “lacrasse a seco” as virtudes da erva dentro daquilo que tínhamos diante de nós.



*Jr* Fazíamos chá de ervas, isto é, infusões de ervas embebidas, e nunca pude entender como é que as pessoas conseguiam tomar aquela coisa horrorosa. Parecia ser um axioma que quanto pior o gosto e quanto mais forte o aroma, mais benéfico o remédio, e direi, minhas observações pessoais, que se um remédio tiver um gosto bastante ruim, o pobre do paciente melhora de susto, para não tomar o remédio. É como quando a gente vai ao dentista, às vezes a dor desaparece, de modo que a gente fica vacilando à porta, pensando se deve mesmo entrar para acabar com aquilo. Faz-me lembrar do rapaz pálido e aflito — casado de pouco — que acompanhou a esposa grávida à casa de saúde, “pois era chegada a hora dela”. Parando junto à Recepção, ele disse: — Puxa, querida, tem certeza de que quer mesmo continuar com isso?

Na qualidade de estudante especial, e que tinha de aprender mais e mais depressa, eu não me limitava a Chakpori. Meu tempo também se dividia entre os estudos no Potala. Lá eu tinha todos os lamas mais sábios, cada qual a me ensinar a sua especialidade. Aprendi várias formas de medicina. Aprendi a acupuntura e depois, com o peso de muitos anos de experiência, cheguei à conclusão inevitável de que a acupuntura era uma coisa realmente maravilhosa para os orientais, aqueles que há muito tempo estão condicionados a ela. Mas quando, conforme descobri na China, a gente tem de tratar de ocidentais cépticos . . . Bom, infelizmente, ficam hipnotizados por sua própria descrença em tudo o que não vêm “da terra de Deus”.

Havia mensagens secretas a serem vistas nas profundezas bem abaixo da montanha do Potala. Bem embaixo havia uma gruta imensa, com o que parecia ser um mar interior. Disseram-me que aquilo era um remanescente dos tempos idos, em que o Tibete era uma terra agradável junto ao mar. Certamente naquela gruta imensa vi estranhos remanescentes, esqueletos de criaturas fantásticas que muito, muito depois em minha vida reconheci como sendo mastodontes, dinossauros e outros animais exóticos.

Depois, em muitos lugares encontravam-se grandes blocos de cristal natural e nele viam-se algas, vários tipos de plantas marinhas e de vez em quando um peixe perfeitamente conservado, completamente embutido no cristal claro. Estes eram considerados objetos sagrados, mensagens do passado.

Voar as pipas era uma arte em que eu brilhava. Uma vez por

ano íamos às altas montanhas, para colher ervas raras e ter um descanso da vida bem árdua de uma lamaseria. Alguns de nós — os mais audaciosos — voavam nas pipas que levavam gente, e a principio pensei que lá estava aquilo que fora descrito na profecia, mas depois cai em mim e vi que não podia ser uma pipa que leva gente, pois estas são ligadas à terra por meio de cordões, e se uma corda se rompesse ou fugisse das mãos dos muitos monges, então a pipa cairia e isso seria a morte de quem estivesse nela.

Tive uma porção de entrevistas com o Mais íntimo, o nosso Décimo Terceiro Dalai Lama, e senti muita afeição e respeito por ele. Ele sabia que dentro de mais alguns anos o Tibete seria um Estado escravizado, mas “os Deuses haviam previsto” e os Deuses tinham de ser entendidos. Não poderia haver nenhuma resistência real, pois no Tibete não havia armas de verdade. Não se pode resistir a um homem armado de espingarda quando só se tem uma Roda de Orações ou um rosário de contas.

Recebi as minhas instruções, as minhas ordens sagradas, do Décimo Terceiro. Recebi orientação e conselhos, e o amor e compreensão que os meus próprios pais me haviam negado completamente, e resolvi que, acontecesse o que acontecesse, eu faria o máximo que pudesse.

Houve ocasiões em que vi o meu pai. E de cada vez ele me virava a cara, a fisionomia dura, como se eu fosse o mais ínfimo dos ínfimos, não merecendo sequer o seu desprezo. Um dia, quase no final de minha estada no Potala, eu visitara meus pais em casa. Minha mãe me deixou doente com sua formalidade excessiva, o modo como me tratou puramente como a um lama fazendo-lhe uma visita. Meu pai, fiel a suas idéias, não me quis receber e trancou-se no escritório. Yasodhara, minha irmã, olhou para mim como se eu fosse algum fenômeno ou uma criatura de algum pesadelo especialmente terrível.

Um dia fui novamente convocado para comparecer aos aposentos do Mais Intimo, onde me disseram muita coisa, que não pretendo repetir aqui. Uma das coisas que ele me disse foi que na semana seguinte eu iria à China, para fazer o curso de medicina na Universidade de Chungking. Mas, conforme me disseram, eu devia adotar outro nome, não poderia usar o meu nome de Rampa, senão certos elementos de uma revolução chinesa me prenderiam para utilizar-me como um instrumento de trocas. Naquela época existia na China uma facção empenhada em derrubar o governo, que estava pronta a adotar qualquer método para conseguir os seus

objetivos. Portanto — disseram-me para adotar um nome.

Ora, de que modo poderia um pobre rapaz tibetano, que se aproximava da idade adulta, é verdade, como é que ele podia escolher um nome chinês quando nada conhecia sobre a China?

Meditei sobre essa questão terrível, e ali sem querer, inesperadamente, um nome surgiu em minha mente. Eu me chamaria KuonSuo, que em um dos dialetos da China significa sacerdote do morro. Certamente esse nome seria adequado. Mas era um nome que as pessoas tinham dificuldade em pronunciar — as pessoas ocidentais — de modo que foi abreviado para Ku'an.

Bom, o nome estava resolvido. Meus documentos estavam em ordem. Deram-me documentos especiais do Potala, atestando a minha posição e o grau que eu tinha atingido, pois, conforme me disseram e depois verifiquei ser verdade, os ocidentais não acreditavam em nada que não estivesse “no papel”, ou que pudesse ser sentido ou rasgado. E assim os meus documentos foram preparados e me foram entregues com grande pompa.

Em breve chegou o dia em que tive de ir a cavalo até Chungking. O meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, e eu tivemos uma despedida muito triste. Ele sabia que não tornaria a ver-me enquanto estivesse naquele corpo. Garantiu-me que eu o encontraria muitas vezes no astral.

Um grupo de pessoas ia me acompanhar para proteger-me contra os bandidos chineses e para poder contar a minha chegada em segurança em Chungking. Nós partimos e seguimos pelas terras altas da Planície de Lhasa e depois descemos para as terras baixas, lugar que era quase tropical em sua flora exótica — magníficas azaléias. Passamos por muitas lamaseiras e frequentemente passávamos a noite nelas, se estivessem em nosso caminho no momento oportuno. Eu era lama, aliás eu era um abade e uma Encarnação Reconhecida, e assim, quando íamos a uma lamaseria, éramos tratados de modo todo especial. Mas não gostava desse tratamento, pois cada vez ele me fazia lembrar das agruras de minha vida que ainda teria de suportar.

Por fim deixamos as fronteiras do Tibete e passamos à China. Ali na China todas as aldeias maiores pareciam estar infestadas de comunistas russos — brancos que geralmente estavam de pé sobre um carro de bois, contando aos trabalhadores as maravilhas do comunismo e que eles deviam sublevar-se e massacrar aqueles que eram proprietários de terras, contando-lhes que a China pertencia ao povo. Bom, hoje parece que pertence mesmo, e que trapalhada

eles fizeram dela!

Os dias foram passando e a nossa viagem aparentemente sem fim foi-se abreviando. Era muito aborrecido ser abordado por certos camponeses chineses que ficavam me olhando fixamente porque eu parecia um pouco ocidental. Tinha olhos cinzentos, e não castanhos, e meus cabelos eram muito escuros, mas não de um negro lustroso, de modo que se espalhou o boato de que eu era um russo disfarçado! Hoje, como a minha vida se passa no Ocidente, sei que contam uma porção de histórias estranhas sobre mim; uma história que me divertiu imensamente foi a que dizia que eu era, na verdade, alemão, que fora enviado a Lhasa por Hitler, para aprender todos os segredos do-ocultismo, e depois eu devia voltar a Berlim para vencer a guerra para Hitler, por meios mágicos. Pois bem, naquela época eu nem sabia que existia um homem chamado Hitler. É uma coisa extraordinária que os ocidentais acreditem em tudo, salvo no que é a pura verdade: quanto mais verdadeiro um assunto, mais dificuldade tem o ocidental de acreditar nele. Mas falando sobre Hitler e os tibetanos, é fato que um grupinho de tibetanos foi capturado pelos nazistas durante a guerra e foram obrigados a ir a Berlim, mas certamente nada fizeram para ajudá-los a vencer a guerra, como prova a história.

Por fim dobramos uma curva no caminho e avistamos a velha cidade de Chungking. Essa cidade era construída sobre altos penhascos e embaixo corria um rio. Um deles era meu conhecido especial, o Chialing. Assim, a alta cidade de Chungking, com suas ruas em degraus, com muitas pedras, era banhada em sua base por dois rios, o Yangtse e o Chialing. No local em que os dois encontravam formava-se um novo braço e assim a cidade de longe parecia uma ilha.

Subimos 780 degraus para chegar à cidade em si. Olhávamos apatetados, como caipiras, para as lojas e o que nos parecia serem vitrinas brilhantemente iluminadas contendo artigos que ultra-

-f

passavam de muito a nossa compreensão. As coisas nas vitrinas reluziam, de muitas lojas vinham ruídos, os estrangeiros falavam-se por meio de caixas e de outras caixas vinham trechos de música. Era tudo uma total maravilha para nós e eu, sabendo que teria de passar muito tempo nesse ambiente, comecei quase a tremer de medo diante da idéia.

A minha comitiva me deixava constringido com o modo como olhavam para as coisas. Todos os homens estavam tremendo de

nervosismo, e todos estavam de olhos arregalados e boca aberta. Achei que devíamos estar parecendo uma turma triste de caipiras, com a nossa atitude. Mas depois pensei que não estávamos ali para isso, afinal de contas. Tinha de me apresentar à Universidade, de modo que nos dirigimos para lá. Os meus companheiros ficaram esperando no jardim enquanto eu entrava e me apresentava formalmente, mostrando o envelope que guardara com tanto cuidado desde Lhasa.

Trabalhei com afinco na Universidade. Meu tipo de instrução fora bem diferente do que se exigia no sistema universitário, de modo que tive de estudar dobrado, pelo menos. O Reitor da Universidade me avisara de que as coisas seriam difíceis. Disse que era diplomado pelos mais modernos sistemas americanos e que, com seu corpo docente extremamente capaz, dava aos alunos um misto da medicina e cirurgia chinesa e americana.

O trabalho acadêmico era duro porque eu não sabia nada sobre a Eletricidade, mas logo aprendi! A anatomia era fácil; eu estudara esse assunto bem a fundo com os Dispensadores tios Mortos em Lhasa, e achei graça, no primeiro dia em que nos levaram às salas de dissecação, onde estavam os cadáveres, ao ver que tantos estudantes ficavam verdes e enjoavam violentamente, enquanto outros desmaiavam ali mesmo. Era uma coisa tão simples entender que aqueles corpos mortos não sentiriam nada com os nossos esforços de amadores sobre eles, que eram apenas como roupas velhas postas de lado, e que talvez fossem recortadas para fazer novas roupas. Não, as disciplinas acadêmicas foram difíceis a princípio, mas com o tempo pude com facilidade atingir o meu lugar entre os primeiros da turma.

Por essa época, reparei que havia um sacerdote budista muito velho, que dava aulas na Universidade, indaguei e me disseram:

— Ah, não se preocupe com ele, é um velho caduco, é esquisito!

Bom, isso convenceu-me de que teria de estudar mais para poder frequentar as aulas do “velho caduco”. E valeu a pena.

Primeiro, pedi licença para assistir às aulas, e fui aceito de bom grado. Algumas aulas depois, estávamos todos sentados quando entrou o nosso mestre. Conforme o costume, nós nos levantamos e ficamos de pé até que ele nos mandou sentar. Aí ele disse:

— Não existe a morte. — Não há morte, pensei, ah, vamos ter uma preleção sobre o oculto, ele vai chamar a morte de “transição”, e, afinal, é o que ela é. Mas o velho conferencista nos deixou fervilhando de impaciência por algum tempo, depois riu-se e continuou: — Estou

falando literalmente. Se ao menos soubéssemos de que modo prolongar a vida indefinidamente. Consideremos o processo de envelhecimento e aí espero que vocês entendam o que quero dizer.

“Uma criança nasce e segue um certo padrão de crescimento. Em idades variáveis, dependendo de cada pessoa, diz-se que para o verdadeiro desenvolvimento, o verdadeiro crescimento de valor pára, e daí em diante dá-se o que se conhece como a degeneração da idade propecta, em que vemos um homem alto diminuir de tamanho, quando seus ossos se reduzem.”

Ele olhou em volta para ver se nós o acompanhávamos, e quando viu o meu interesse especial, bateu a cabeça, sorriu e continuou, muito amável.

— A pessoa tem de ser reconstituída, célula por célula, de modo que se nos cortamos, o cérebro tem de lembrar-se da forma da carne antes do corte, e depois tem de fornecer células idênticas, ou quase idênticas, para consertar o defeito. Ora, cada vez que nos movemos, fazemos com que as células se esgotem, e todas essas células têm de ser reconstituídas, substituídas. Sem uma memória precisa, não conseguiríamos reconstruir o corpo como ele era.

Ele tomou a olhar em volta, depois apertou os lábios e disse:

— Se o corpo, ou melhor, se o cérebro se esquecer do padrão preciso, então as células podem crescer doidamente, sem obedecer a qualquer padrão anterior, e assim essas células loucas são chamadas de células cancerosas. Isso significa que são células que fugiram ao controle daquela parte do cérebro que devia y regular seu padrão preciso. Assim é que temos uma pessoa com grandes tumores no corpo. Isso é provocado pelo crescimento desregrado das células, que escaparam ao controle do cérebro.

Ele parou, bebeu um gole d'água e depois continuou:

— Como a maioria de nós, o centro cerebral de crescimento e de substituição tem uma memória defeituosa. Depois de reproduzir as células alguns milhares de vezes, ele se esquece do padrão preciso e com cada crescimento sucessivo de células há uma diferença, de modo que acabamos por ter o que chamamos de envelhecimento. Ora, se pudéssemos lembrar ao cérebro constantemente qual a forma e tamanho exatos de cada célula a ser substituída, então o corpo pareceria ter sempre a mesma idade, permanecendo sempre no mesmo estado. Em resumo, teríamos a imortalidade, a imortalidade exceto no caso da destruição total do corpo ou lesão das células.

Pensei nisso e aí ocorreu-me num lampejo que o meu Guia, o

Lama Mingyar Dondup, me dissera a mesma coisa com palavras um tanto diferentes e eu era criança demais, ou burro demais, ou ambos, para compreender o que ele realmente queria dizer.

Nossas aulas eram interessantes. Estudávamos muitas disciplinas que não são estudadas no Ocidente. Além do tipo normal de medicina e cirurgia ocidentais, estudávamos a acupuntura e medicamentos da flora. Mas não era só estudo sem recreação, embora quase o fosse.

Um dia, saí com um amigo e fomos até à margem dos rios e vimos um avião que tinha sido largado ali, por algum motivo. Os motores estavam funcionando e a hélice girava lentamente. Pensei nas pipas que eu tinha soltado e disse ao meu amigo:

— Aposto que eu conseguiria fazer aquilo voar.

Ele riu-se, escarnecendo de mim, de modo que eu disse:

— Muito bem, vou-lhe mostrar. — Olhei em volta para ver se não havia ninguém por perto e entrei na geringonça e, para espanto meu e de muitos assistentes, realmente fiz voar o aparelho, mas não do modo prescrito. As minhas acrobacias foram involuntárias e eu sobrevivi e aterrissei são e salvo somente porque tinha os reflexos mais rápidos do que a maioria.

Fiquei tão fascinado com aquele vôo perigoso que aprendi a voar oficialmente. E como demonstrei uma habilidade acima da média como aviador, ofereceram-me um posto na Força Aérea chinesa. Pelos padrões ocidentais, o posto que me atribuíram foi o de Cirurgião-Capitão.

Depois que tirei o brevê de piloto, o oficial-comandante disse-me que continuasse os meus estudos até diplomar-me também como médico e cirurgião. Isso foi logo feito e afinal, armado de uma porção de documentos oficiais, eu estava pronto para partir de Chungking. Mas recebi uma mensagem muito triste a respeito do meu Patrono, o Décimo Terceiro Dalai Lama, o Mais íntimo, de modo que, obedecendo a um chamado, voltei a Lhasa por pouco tempo.

O Destino, porém, me chamava, e eu tinha de seguir os ditames daqueles que tinham autoridade sobre mim, de modo que regressiei a Chungking e depois passei para Xangai. Durante algum tempo fiquei na reserva, como oficial das forças armadas chinesas. Os chineses estavam atravessando momentos difíceis porque os japoneses procuravam um pretexto para invadir a China. Todas as indignidades eram infligidas aos estrangeiros, na esperança de que estes provocassem encrencas para o governo da China. Homens e mulheres eram despidos em público, sofrendo revistas corporais pelos soldados

japoneses, que diziam suspeitar que os estrangeiros estavam transmitindo mensagens. Vi uma moça que resistiu: foi despida completamente e obrigada a ficar assim durante horas numa rua movimentada. Ficou completamente histérica, mas cada vez que ela tentava fugir as sentinelas a cutucavam obscenamente com a baioneta.

Os chineses que assistiam à cena não podiam fazer nada, pois não queriam provocar um incidente internacional. Mas aí uma chinesa idosa atirou um casaco para a moça, para ela poder cobrir-se; um sentinela saltou sobre ela e de um golpe decepou o braço que atirara o casaco.

Hoje fico abismado ao ver, depois de tudo o que presenciei e de tudo o que sofri, que os povos do mundo todo parecem correr para os japoneses, oferecendo-lhes amizade, etc., talvez porque em troca eles ofereçam mão-de-obra barata. Os japoneses são um estigma sobre a Terra, devido à sua mania alucinada de dominar.

Em Xangai, tive a minha clínica particular de médico, e fui bastante bem sucedido. Talvez se não tivesse tido início a guerra japonesa, eu teria ficado trabalhando em Xangai, mas no dia 7 de julho de 1937 houve um incidente na Ponte Marco Polo,

e foi esse incidente que realmente deflagrou a guerra. Fui chamado e enviado para os hangares de Xangai para supervisionar a montagem de um avião muito grande, de três motores, que fora depositado ali, para ser apanhado por uma firma que pretendia fundar uma companhia de transporte aéreo.

Com um amigo, fui aos hangares e encontrei o avião em pedaços, fuselagem e asas, tudo separado. O trem de aterrissagem não estava sequer unido, e os três motores estavam em embalagens separadas. À custa de minha psicometria e ainda mais tentativas de usar o bom senso, consegui dirigir os operários para montarem a aeronave num vasto espaço livre. Verifiquei tudo o melhor que pude, examinei os motores, vi que tivessem o combustível e óleo adequados. Um a um liguei aqueles motores e os experimentei, deixei-os esquentando e os fiz rugir, e quando me certifiquei, depois de muitos ajustes, de que continuariam a funcionar, fiz taxiar aquele avião de três motores para cima e para baixo naquele pedaço de terra, pois a gente não faz acrobacias por muito tempo num avião trimotor!

Por fim, convenci-me de que compreendia os controles e de que sabia manejá-los bastante bem. Aí, junto com um amigo que tinha uma confiança imensa em mim, entrei no avião e rolei até à extremidade do espaço livre. Mandei que uns cules colocassem



grandes calços defronte das rodas, com instruções para puxarem as cordas para mover os calços assim que eu levantasse minha mão direita. Depois abri os três aceleradores, de modo que o avião rugiu e estremeceu. Por fim ergui a mão, os calços foram puxados e nós corremos feito loucos pelo terreno. No último momento, puxei o manete e subimos num ângulo que, acredito, fosse esquisito, mas estávamos voando, e voamos ali por uma ou duas horas, para nos acostumarmos com o negócio. Afinal voltamos à pista e tive o cuidado de observar a direção da fumaça. Entrei devagar e aterrissei contra o vento e confesso que estava banhado em suor; o meu amigo também, a despeito de toda a sua confiança em mim!

Mais tarde mandaram que eu levasse o avião para outra zona, onde ele poderia ser vigiado dia e noite, pois a brigada internacional estava-se tornando muito ativa, e alguns daqueles estrangeiros achavam que podiam fazer o que bem entendessem com a propriedade dos chineses. Não queríamos que o nosso grande avião fosse danificado.

Numa base isolada, o avião foi modificado. Tiraram grande parte dos assentos, sendo introduzidas macas em prateleiras. Numa das extremidades do avião havia uma mesa metálica, e aquilo ia ser um anfiteatro operatório. íamos fazer operações de emergência porque agora — em fins de 1938 — o inimigo se aproximava dos arredores de Xangai e tive ordem de encerrar a minha clínica, que continuava a exercer em horário parcial. Disseram-me que levasse o avião para uma zona de segurança, onde poderia ser repintado, todo de branco com uma cruz vermelha. Também pintaram nele os dizeres “Avião-Ambulância”, em caracteres chineses e japoneses.

Mas depois de pintado, a tinta não deveria durar muito tempo. As bombas caíam sobre Xangai, o ar estava cheio do cheiro acre de explosivos, cheio de partículas de areia que se agarravam às narinas e irritavam os olhos — e raspavam a pintura da Velha Abie, como chamávamos o nosso avião. Em breve houve um ataque mais cerrado e Abie deu um salto no ar e caiu achatada sobre a sua fuselagem, uma bomba próxima fizera explodir todo o trem de pouso. Com um trabalho ímense e bastante engenho, consertamos o trem de pouso com pedaços de bambu partido, como quem põe talas num membro quebrado, pensei. Mas, depois do bambu firmemente preso no lugar, rolei para cima e para baixo na pista esburacada pelas bombas, para ver como o avião se comportava; e parecia estar direito.

Estávamos sentados dentro do avião quando houve um grande

tumulto e um general chinês furioso — cheio de pompa e cheio de si chegou ao nosso campo de aviação, rodeado por membros subservientes de seu estado-maior. Bruscamente, ordenou que o levássemos a certo lugar. Não quis admitir a nossa declaração de que o avião não estava em condições de voar até que fossem feitos mais consertos. Não quis admitir a nossa declaração de que aquele era um avião-ambulância, e, segundo o direito internacional, não tinha permissão para transportar homens armados. Nós discutimos, mas o argumento dele foi mais forte; bastava que ele dissesse: “Levem esses homens e fuzilem-nos por desobediência a ordens militares” e isso teria sido o nosso fim. Nós teríamos saído voando sem ele!

A tropa de homens entrou no avião, lançando fora o nosso equipamento médico — simplesmente espalhando-o pela porta aberta para fazer lugar para o conforto deles. Lá se foram as nossas macas, a nossa mesa de operação, nossos instrumentos, tudo. Foram simplesmente jogadas fora, como se fossem lixo e nunca mais se fosse precisar delas. Acontece que não se precisou mesmo.

Largamos e rumamos para o nosso destino, mas quando estávamos a umas duas horas do nosso ponto de partida, os Diabos Vermelhos apareceram do Sol, caças japoneses, hordas deles, como uma nuvem de mosquitos. O odioso simbolo vermelho brilhava nas asas deles. Circundaram o nosso avião-ambulância com as cruzes vermelhas expostas de modo tão evidente, e depois, sem a menor consideração, revezaram-se em nos crivar de balas. Desde aquela ocasião não gosto dos japoneses, mas os dias futuros me dariam mais motivos de aversão.

Fomos abatidos e eu fui o único sobrevivente. Caí no lugar mais insalubre da China — uma vala de esgotos onde se juntavam todos os detritos. E assim caí na vala e fui até ao fundo, e nesse incidente quebrei os dois tornozelos.

Chegaram soldados japoneses e fui arrastado para o alojamento deles e fui muito, muito maltratado porque me recusei a dar qualquer informação a não ser que eu era um oficial a serviço dos chineses. Isso pareceu aborrecê-los muito, pois quebraram os dentes, arrancaram todas as minhas unhas e me fizeram outras coisas desagradáveis, que ainda hoje me atormentam. Por exemplo, introduziram mangueiras dentro do meu corpo, e na água colocaram mostarda e pimenta, depois abriram as torneiras e o meu corpo inchou tremendamente, e fiquei todo arrebentado por dentro. Esse é um dos motivos por que padeço ainda hoje, tantos anos

depois.

Mas não adianta entrar em detalhes, pois as pessoas interessadas podem ler tudo isso em *O Médico de Lhasa*. Eu gostaria que mais pessoas lessem aquele livro para verem que tipo (bom, VOCÊS sabem qual!) de pessoas são os japoneses.

Mas fui mandado, como encarregado, para um campo de prisioneiros de guerra para mulheres, porque considerava-se que isso fosse degradante. Algumas das mulheres tinham sido capturadas em lugares como Hong-Kong. Algumas estavam num estado verdadeiramente deplorável, devido aos estupros continuados.

Vale a pena mencionar que por essa época havia certos oficiais alemães que eram “conselheiros” dos japoneses, e esses oficiais tinham sempre as mulheres mais bonitas, e as perversões . . . bom, nunca vi coisa igual. Parece realmente que os alemães primam não somente na guerra mas também em “outras coisas”.

Depois de algum tempo, depois que meus tornozelos sararam e minhas unhas cresceram, consegui fugir e voltei penosamente a Chungking. Esta cidade ainda não caíra em poder dos japoneses e os meus colegas médicos de lá fizeram maravilhas para o meu restabelecimento. O meu nariz estava quebrado. Antes de se quebrar, ele era — segundo os padrões ocidentais — meio chato, mas então, devido à cirurgia, o meu nariz virou um negócio bem grande, que teria satisfeito a qualquer ocidental.

Mas a guerra chegou a Chungking, a guerra violenta da ocupação japonesa. Mais uma vez, fui capturado e torturado, e por fim fui novamente internado num campo de prisioneiros em que fiz o que pude pelos pacientes entre os prisioneiros. Infelizmente, um oficial graduado foi transferido de outra zona e ele me reconheceu como sendo um prisioneiro fugitivo.

E aí recomeçou todo o sofrimento. Quebraram-me as duas pernas em dois lugares, para eu aprender a não fugir. Depois colocaram-me num cavalete e puxaram meus braços e pernas, apertando-os muito mesmo. Além disso, me espancaram de tal jeito na região dorsal inferior que tive graves complicações, com lesão na espinha que duram até hoje, tanto que não consigo mais ficar de pé direito.

Mais uma vez, depois que as minhas feridas sararam, consegui escapar. Como estava numa zona em que era conhecido, dirigi-me para a casa de certos missionários, que ficaram muito horrorizados, penalizados, etc. Eles trataram de meus ferimentos, deram-me um

narcótico . . . e mandaram chamar os guardas japoneses da prisão porque, como disseram, queriam proteger a sua missão, e eu não era “um deles”.

De volta ao campo de prisioneiros, fui tão maltratado que tiveram medo de que eu não sobrevivesse, e queriam que eu sobrevivesse, pois tinham certeza de que eu tinha informações de que eles precisavam, informações que me recusava a dar.

Por fim chegaram à conclusão de que eu fugia com muita facilidade, de modo que me mandaram para o Japão propriamente dito, para uma aldeia perto do mar, perto de uma cidade chamada Hiroxima. Mais uma vez fui encarregado — na qualidade de oficial-médico — do campo de prisioneiros para mulheres, mulheres que tinham sido levadas de Hong-Kong, Xangai e outras cidades, e que estavam sendo mantidas ali com alguma vaga idéia de parte dos japoneses de que poderiam ser usadas como reféns nas negociações posteriores, pois a guerra estava indo muito mal para os japoneses agora, e os líderes sabiam perfeitamente que não tinham esperança de ganhar.

Um dia ouviu-se o som de motores de avião, e depois a terra tremeu e uma imensa pilastra apareceu a distância, uma pilastra na forma de um cogumelo com nuvens turvas espalhando-se ao alto nos céus. Em volta de nós houve o maior pânico, os guardas fugiram como ratos, e eu, sempre alerta por uma oportunidade dessas, saltei uma cerca e fui até à margem da água. Lá encontrei um barco de pesca vazio. Consegui embarcar e com uma vara tive apenas a força suficiente para empurrar o barco para o mar. Depois caí dentro do fundo fedorento. O barco foi levado para o mar, pela maré vazante, mas imerso até ao pescoço no fundo do barco, não vi nada, até que afinal acordei, estonteado, e vi, sobressaltado, que mais uma vez tinha escapado.

Com dificuldade, consegui levantar-me um pouco mais da água e olhei em volta, ansioso. Os japoneses, pensei, deviam estar enviando lanchas velozes para capturar um fugitivo renitente. Mas não, não havia nenhum barco à vista, mas no horizonte, sobre a cidade de Hiroxima, havia um brilho opaco, vermelho e malévol, e o céu estava negro, e desse negrume caíam “coisas”, manchas vermelho-sangue, massas de fuligem, uma chuva preta e gordurosa.

Eu estava morto de fome. Olhei em volta e encontrei um armário do lado da proa, e nesse armário havia pedaços de peixe mofado, certamente para serem usados como isca. Foram o

suficiente para manter em mim um pouco de vida, e fiquei muito agradecido ao pescador que os deixara ali.

Deitei-me nos assentos do barco e senti muita ansiedade porque o barco estava jogando de modo muito estranho, o próprio mar parecia estranho, havia ondas de um tipo que nunca vi, quase como se houvesse um maremoto.

Olhei em volta de mim e a impressão era fantástica. Não havia sinal de vida. Normalmente, num dia daqueles haveria inúmeros barcos de pesca, pois o peixe era a base da alimentação dos japoneses. Tive uma profunda sensação de aflição porque, sendo telepata e clarividente, eu estava tendo impressões notáveis, tão confusas e numerosas que não conseguia entendê-las.

O mundo inteiro parecia estar quieto, a não ser um estranho suspirar no vento. Aí, bem ao alto acima de mim vi um avião, um avião muito grande. Estava circulando em volta e, sendo observador, vi uma grande lente de uma câmara aérea apontando para baixo. Obviamente, estavam fotografando a zona, por algum motivo que na ocasião eu não sabia.

Em breve o avião virou e saiu de meu campo de visão, e fiquei sozinho de novo. Não havia pássaros à vista; estranho, pensei, pois as aves marinhas sempre acorrem aos barcos de pesca. Mas não havia outros barcos, tampouco, nenhum sinal de vida em lugar algum e tive essas impressões especiais chegando aos meus sentidos extra-sensoriais. Por fim acho que desmaiei, pois de repente tudo ficou preto.

O barco, com o meu corpo inconsciente, vagou para o Desconhecido.

## CAPÍTULO SEIS

Depois do que pareceram dias intermináveis, e na verdade não tinha idéia de quanto tempo foi, mas enfim, depois desse período indeterminado, de repente ouvi ásperas vozes estrangeiras e fui suspenso pelos braços e pernas, balançado num arco e atirado. Fui parar esparramado bem na beira d'água, pois abri olhos sonolentos para ver que tinha chegado a alguma praia desconhecida. Em minha frente, vi dois homens empurrando o barco freneticamente e depois saltando para bordo. Ai o sono, ou coma, dominou-me novamente. Minhas sensações eram um tanto especiais, pois de repente tive a impressão de balanço, e depois uma cessação de movimento. Depois de — ao que me contaram depois — cinco dias, voltei à Terra dos Vivos e encontrei-me numa choupana imaculadamente limpa, que era a casa de um monge budista. Eu era esperado, contou-me ele, vacilante, pois as nossas línguas eram semelhantes, mas não iguais, e tínhamos dificuldade em nos entender. O sacerdote era um velho e tinha tido sonhos (ele os chamava de sonhos, de todo modo) indicando que ele teria de ficar ali para dar auxílio a “um grande ser que vinha de longe”. Ele estava quase à morte, de fome e velhice. Seu rosto amarelo-acastanhado era quase transparente e estava muito subnutrido, mas de algum lugar conseguiu-se alimentos, e durante vários dias eu fui fortalecido. Por fim, quando eu já estava pensando que estava na hora de ir tratar da vida, acordei de manhã e encontrei o velho monge sentado a meu lado de pernas cruzadas. . . . e

morto. Estava frio como pedra, de modo que devia ter morrido no princípio da noite.

Chamei umas pessoas da aldeiazinha onde ficava a choupana e cavamos uma sepultura para ele, dando-lhe um enterro decente, com todo o cerimonial budista.

Feito isso, peguei o pouco que restava de comida e segui o meu caminho.

Era terrível ter que andar. Devia estar muito mais fraco do que imaginava, pois fiquei enjoado e tonto. Mas não havia como voltar atrás. Eu não sabia o que estava acontecendo, nem quem era inimigo nem quem era amigo, não que me restassem amigos na vida. Assim, continuei a andar.

Depois do que me pareceram ser quilômetros sem fim, cheguei a uma fronteira. Havia homens armados perto de um posto de fronteira e reconheci a farda deles por fotos que tinha visto; eram russos, e assim pude me localizar: estava na estrada para Vladivostok, um dos grandes portos de mar russos do Extremo Oriente.

Ao me avistarem, os guardas da fronteira soltaram grandes cães policiais, que se aproximaram de mim rosnando e babando, mas aí, para espanto dos guardas, eles saltaram sobre mim com mostras de carinho, pois eles e eu nos reconhecíamos como amigos. Nunca ninguém tinha usado a telepatia com aqueles cães, e imagino que eles achessem que eu era um deles. Seja como for, saltaram em volta de mim, acolhendo-me com ganidos e latidos de alegria. Os guardas ficaram muito impressionados e acharam que eu devia ser um deles, pois me levaram para a sala da guarda, onde me deram comida. Contei-lhes que acabava de fugir dos japoneses e portanto, como eles, também estavam em guerra com os japoneses, automaticamente passei a ser “do lado deles”.

No dia seguinte, ofereceram-me condução para Vladivostok, para eu tomar conta dos cães, que seriam levados de volta para aquela cidade, pois eram muito ferozes para os guardas. Aceitei o oferecimento de bom grado e os cães e eu viajamos na traseira do caminhão. Depois de uma viagem sacolejante, chegamos a Vladivostok.

Fiquei novamente entregue à minha sorte, mas quando já me afastava da sala da guarda em Vladivostok, prorrrompeu um alarido tremendo de gritos, uivos e grunhidos. Alguns cães no grande recinto tinham tido um ataque sanguínário e estavam

atacando os guardas, que tentavam controlá-los. Então, apareceu um capitão que, ao ouvir o que os homens da fronteira contaram, mandou que eu controlasse os cães. Por sorte, consegui fazê-lo, e por teledia consegui fazer os cães compreenderem que eu era amigo deles e que eles teriam de comportar-se.

Prenderam-me naquele campo por um mês, enquanto os cães eram treinados novamente, e passado aquele mês, permitiram que eu tornasse a seguir o meu caminho.

Minha tarefa agora era satisfazer aquela necessidade terrível que tinha de continuar a prosseguir. Durante alguns dias, fiquei perto de Vladivostok, pensando em como chegar à cidade principal, Moscou. Por fim soube da existência da estrada de ferro Transiberiana, mas um dos perigos ali era que havia muitos furtivos querendo chegar a Moscou, e por uma distância considerável, havia covas em que os guardas ficavam à espreita, de modo que podiam ver debaixo dos trens e atirar em qualquer pessoa que estivesse agarrada às bielas.

Afinal um dos membros da patrulha da fronteira de Vladivostok, com quem eu convivera naquele mês, mostrou-me como evitar os guardas e foi assim que fui a Voroshilov, onde não havia vigilância na estrada de ferro. Levei comigo provisões numa mochila e fiquei à espera de um trem adequado. Por fim consegui embarcar e fiquei deitado embaixo do trem, entre as rodas. Na verdade amarrei-me aos fundos do vagão, de modo que fiquei bem alto, entre os eixos, escondido pelas caixas de graxa. O trem partiu, e por uns dez quilômetros supus ser mantido pelas cordas, até resolver que era seguro subir para um dos vagões. Estava muito, muito escuro e a Lua ainda não tinha surgido. Com um esforço supremo, consegui abrir uma das portas do vagão e com dificuldade entrei nele.

Um quatro semanas depois, o trem chegou a Noginsk, lugarejo a uns 60 quilômetros de Moscou. Ali, pensei, era o melhor lugar para saltar, de modo que esperei até o trem diminuir a marcha para uma curva e saltei em segurança sobre o solo gelado.

Caminhei e caminhei, e era um espetáculo realmente perturbador ver os cadáveres ao lado da estrada, corpos de gente que morrera de fome. Um velho, que caminhava trôpego na minha frente, caiu ao chão. Instintivamente, eu já ia me abaixar para ver o que podia fazer por ele, quando ouvi um cochicho:

— Não, camarada, se se debruçar sobre ele, a polícia pensará



que é um saqueador e o matará. Continue!

Afinal cheguei ao centro de Moscou, e estava contemplando o Monumento a Lênine quando de repente fui derrubado por uma pancada de um cano de fuzil. Os guardas soviéticos estavam a meu lado dando-me muitos pontapés e mandando que me levantasse. Interrogaram-me, mas tinham um sotaque tão “cidadino” que não consegui entender nada do que diziam e afinal, com um guarda de cada lado, e um outro com um imenso revólver enfiado na minha espinha, fui levado dali. Chegamos a um prédio triste e fui empurrado para uma salinha. Ali fui interrogado com bastante brutalidade e depreendi que havia boatos de espões em Moscou e achavam que eu fosse espião, tentando penetrar no Kremlin!

Depois de passar algumas horas de pé num recintozinho do tamanho de um armário de vassouras, chegou um carro que me levou para a Cadeia Lubianka. Esta é a pior prisão da Rússia, é a prisão das torturas, a prisão da morte, uma prisão em que têm o seu crematório, de modo que todas as provas dos corpos mutilados possam ser queimadas.

À entrada da Lubianka, ou num pequeno vestíbulo, tive de tirar os sapatos e seguir descalço. Os guardas que me conduziam puseram pesadas meias de lã sobre as botinas e depois me conduziram num silêncio mortal por um corredor escuro, um corredor que parecia ter quilômetros de comprimento. Não se ouvia um pio.

Então ouvimos um silvo estranho e os guardas me empurraram de cara contra uma parede. Puseram alguma coisa sobre a minha cabeça, de modo que eu não via luz alguma. Senti que alguém estava passando por mim, e depois de alguns minutos arrancaram o pano de minha cabeça e fui novamente empurrado para a frente.

Depois do que pareceu um tempo interminável, abriu-se uma porta, no mais completo silêncio, e me deram um empurrão violento nas costas. Tropecei para frente e caí. Havia três degraus, mas na escuridão da cela não os vi; assim, caí e desmaiei.

O tempo passou com uma lentidão incrível. De vez em quando ouvia gritos ululando no ar vibrante, morrendo num gorgolão.

Algum tempo depois entraram uns guardas em minha cela. Fizeram sinal para que os acompanhasse. Eu quis falar e me esbofetaram, enquanto que outro guarda levava um dedo aos lábios

no gesto universal que significa “Não fale!”. Fui novamente conduzido por corredores intermináveis e por fim encontrei-me numa sala de interrogatórios brilhantemente iluminada. Ali turmas de interrogadores me fizeram as mesmas perguntas vezes e mais vezes, e quando viram que eu não variava em minha história, dois guardas receberam instruções especiais: eu faria uma rápida excursão pela Lubianka. Fui levado pelos corredores e me mostraram as câmaras de tortura, onde alguns pobres desgraçados estavam sofrendo as torturas dos condenados, homens e mulheres. Vi tais torturas, coisas tão bestiais, que eu não ousaria repeti-las pois, conhecendo os ocidentais, sei que não acreditariam.

Depois fui levado para um recinto de pedra, onde havia o que parecia ser umas baias. De um muro liso havia baias de pedra, esteaiando-se por mais ou menos um metro da parede, e os guardas mostraram-me como o homem ou mulher era empurrado despido para uma baia, apoiando as mãos na parede em frente. Aí o prisioneiro levava um tiro no pescoço e caía para a frente e todo o sangue escorria para um esgoto, de modo que não havia sujeira.

Os prisioneiros ficavam nus porque, segundo as idéias dos russos, não valia a pena desperdiçar as roupas, que só poderiam ser usadas pelos vivos.

Dali levaram-me às pressas para outro lugar, por outro corredor, um lugar que parecia uma sala de fornos. Mas logo vi que não se tratava de padaria nenhuma, pois havia corpos e fragmentos de corpos sendo cremados. Quando cheguei, um esqueleto muito queimado estava sendo tirado de um forno e sendo lançado dentro de um imenso moedor, que girava e moía o esqueleto com um terrível barulho de trituração. O pó dos ossos, ao que entendi, era enviado para os lavradores, como fertilizantes, bem como as cinzas.

Mas não adianta falar mais sobre todas as torturas por que passei, basta dizer que afinal fui arrastado para a presença de três funcionários categorizados. Eles tinham uns papéis nas mãos que, disseram, davam testemunho de que eu ajudara a pessoas influentes em Vladivostok e outro de que eu ajudara a filha de um deles a fugir de um campo de prisioneiros de guerra japônês. Eu não seria executado, disseram-me eles, e sim enviado para Stryj, uma cidade na Polônia. Havia tropas que iam da Rússia para lá e eu iria com elas, como prisioneiro, e depois em Stryj eu seria deportado também da Polônia.

Afinal, depois de muita demora, pois estava realmente doente

demais para ser removido, e precisei de tempo para me restabelecer, fui entregue aos cuidados de um cabo, que tinha com ele dois soldados. Fizeram-me marchar pelas ruas de Moscou para a estrada de ferro. O tempo estava gelado, de um frio intenso, mas não me deram comida alguma, embora os soldados fossem comer, um de cada vez.

Um grande destacamento de soldados russos entrou na estação, e apareceu um sargento dizendo que tinha havido uma mudança de ordens, e que eu ia para Lwow. Embarcaram-me num trem que partiu com muitos sacolejos e afinal chegamos à cidade de Kiev.

Lá, eu e alguns soldados, para ser mais preciso, eu e 40 soldados, fomos apinhados num caminhão. E aí ele partiu em disparada, mas como o nosso motorista corria demais e era muito inexperiente, entrou por um muro adentro e o caminhão explodiu e incendiou-se, devido a um tanque de gasolina arreventado. Fiquei inconsciente por algum tempo. Quando voltei a mim, estava sendo carregado para um hospital. Lá tiraram umas radiografias de mim e verificaram que eu tinha quebrado três costelas, sendo que uma das pontas quebradas tinha perfurado o pulmão esquerdo. Meu braço esquerdo estava fraturado em dois lugares e a minha perna esquerda estava novamente fraturada no joelho e no tornozelo. A ponta quebrada da baioneta de um soldado tinha penetrado em meu ombro esquerdo, por pouco não atingindo um ponto vital.

Acordei de uma operação para encontrar uma médica corpulenta batendo no meu rosto para me fazer voltar a mim. Vi que estava numa enfermaria com 40 ou 50 outros homens. As dores que sentia eram incríveis, não havia nada que aliviasse a dor, e durante algum tempo estive entre a vida e a morte. No 22.º dia de minha internação no hospital, dois policiais entraram na enfermaria, arrancaram o cobertor de minha cama e berraram para mim:

— Ande logo, você vai ser deportado, já devia ter partido há três semanas!

Fui levado para Lwow e disseram-me que eu teria de pagar o tratamento do hospital trabalhando durante um ano nos consertos e na reconstrução das estradas da Polônia. Durante um mês fiz isso, sentado ao lado da estrada quebrando pedras e aí, como meus ferimentos não estavam ainda sarados direito, tive um colapso, cuspiendo sangue, etc., e fui novamente internado no hospital. Lá o médico me disse que eu teria de ser removido do hospital, pois estava moribundo, e ele se veria em dificuldades se morressem mais

prisioneiros naquele mês, pois já tinha “excedido a sua quota”.

E foi assim que fui deportado e, novamente, passei a vagar. Pela primeira vez — e haveria muitas mais — disseram-me que eu tinha pouco tempo de vida, mas como aconteceu muitas vezes desde então, não morri.

Caminhando por uma estrada, vi um carro enguiçado, e um homem muito assustado ao lado dele. Bom, eu sabia muita coisa a respeito de carros e motores de avião, de modo que parei e vi que não havia nada de muito errado com o carro, pelo menos nada que eu não pudesse consertar. Assim, consegui fazê-lo funcionar e o homem ficou tão agradecido que me ofereceu um emprego. Ora, isso não é assim tão estranho como pode parecer, pois aquele carro passara por mim algum tempo antes, tínhamos atravessado juntos uma ponte sobre um rio justamente no ponto onde estavam estacionados os guardas da fronteira. Ele tinha ficado parado muito tempo, e imagino que tivesse ficado observando os pedestres, imagino o que estariam fazendo, para onde iriam — qualquer coisa para fazer passar o tempo. Atravessei a fronteira muito depressa — acho que foi a única vez em minha vida que isso aconteceu! Mas ele ofereceu-me trabalho o vi pela aura dele que era uma pessoa honesta, em outras palavras, tão honesto quanto ele podia ser. Ele me disse que tinha de mandar carros para vários lugares diferentes, de modo que aceitei o oferecimento e isso me deu uma oportunidade realmente maravilhosa de conhecer a Europa.

Ele conhecia bem os lugares e tinha “contatos”. Olhou para os meus documentos e estremeceu ao vê-los, dizendo-me que eu só poderia ir parar era na prisão, com papéis marcados “Deportado”. Assim, ele me largou ao lado da estrada por algum tempo, depois voltou para me buscar e me levou para um lugar — não direi onde — em que me forneceram documentos novos, um passaporte falsificado e todos os documentos necessários para a viagem.

E assim, fui ser motorista para ele. Parecia ter medo de dirigir e isso foi uma sorte para mim. Dirigi até Bratislava e depois até Viena. Vi que Viena devia ter sido uma cidade maravilhosa, mas agora estava muito devastada, em consequência da guerra. Ficamos lá uns dois ou três dias e visitei a cidade o mais que pude, embora não fosse fácil pois as pessoas tinham uma desconfiança exagerada dos estrangeiros. De vez em quando uma pessoa se chegava a um guarda e conversavam aos cochichos e aí o policial verificava se a arma estava funcionando bem e se aproximava de mim e dizia “Seus

documentos!” Aquilo me deu uma boa oportunidade de verificar se os documentos eram mesmo “legítimos”, pois nunca houve qualquer problema com eles.

De Viena fomos para Klagenfurt. Lá houve apenas uma ligeira demora, esperei umas oito horas e fiquei enregelado na chavinha fina que caía sem parar. Também fiquei com muita fome pois havia racionamento e eu não tinha os cupões certos. Mas a fome era uma coisa à qual eu estava bem habituado, de modo que tratei de suportar a coisa.

Durante a noite dirigimo-nos para a Itália, para Veneza. Ali também, para pesar meu, tive de permanecer dez dias, e foram dez dias infelizes, pois sou dotado, ou castigado, de um sentido olfativo excepcional e, como provavelmente todos sabem, os canais de Veneza são esgotos abertos. Afinal, como é que se pode ter esgotos fechados quando tudo está inundado? Certamente não era um lugar para se nadar!

Os dez dias se arrastaram, o lugar parecia estar cheio de americanos, por sua vez cheios de dinheiro e bebida. Era uma cena diária os americanos exibirem um maço imenso de dinheiro que teria mantido a maior parte dos italianos durante um ano. Muitos dos americanos, disseram-me, eram desertores do Exército americano ou da Força Aérea, e tinham negócios muito florescentes no mercado negro.

De Veneza seguimos para Pádua, lugar rico em história e impregnado do passado. Passei uma semana lá, o meu patrão parecia ter muitos negócios a tratar e fiquei deslumbrado com as diversas namoradas que ele arranjava, assim como outras pessoas colhem flores à beira da estrada. Sem dúvida era porque ele tinha uma conta bancária tão vultosa.

Em Pádua o meu patrão mudou de planos de repente, e procurou-me um dia dizendo que teria de ir de avião à Tchecoslováquia. Mas, disse ele, havia um americano que queria muito me conhecer, um homem que sabia de tudo a meu respeito, de modo que fui apresentado a ele. Era um homem grande e corpulento, de lábios grossos, e tinha uma namorada que não parecia se importar de estar vestida ou despida. O americano também lidava com carros, caminhões e vários outros tipos de maquinaria. Passei a dirigir um grande caminhão em Pádua, por algum tempo, a minha carga era de diversos carros oficiais, alguns apreendidos de nazistas graduados e outros de funcionários fascistas que haviam perdido a vida e os carros. Esses carros . . . bom, eu não conseguia entender o que estava

acontecendo com eles, mas pareciam estar sendo exportados para os Estados Unidos, onde alcançavam preços fabulosos.

O meu novo patrão, o americano, queria que eu levasse um carro especial para a Suíça e depois outro carro para a Alemanha, mas, conforme lhe expliquei, os meus documentos não eram suficientemente bons para isso. Ele fez pouco caso dos meus argumentos, e disse:

— Ah, já sei o que podemos fazer. Há uns dois dias um americano bêbado entrou por uma pilastra de concreto e ficou todo esparramado pelo local. O meu pessoal conseguiu pegar seus documentos antes mesmo que fossem manchados pelo sangue que jorrava dele; cá estão.

Ele virou-se e mexeu em sua pasta volumosa, pegando um maço de papéis. Fiquei logo alerta quando vi que eram os documentos de um Segundo Maquinista de navio. Estava tudo ali, o passaporte, cartão do sindicato de Fuzileiros, licença de trabalho, dinheiro — tudo. Só havia uma coisa errada: o retrato.

O americano riu como se nunca mais fosse parar e disse:

— Retrato? Venha comigo e vamos já tratar disso! — Ele me fez sair às pressas do quarto do hotel e fomos para um lugar especial, por onde se descia por muitos degraus tortuosos. Bateu em código na porta e disse uma espécie de senha e depois nos fizeram entrar num quatinho miserável onde havia uma turma de homens à toa. Vi logo que eram falsários, embora não pudesse dizer que tipo de dinheiro estavam falsificando, mas isso não tinha nada a ver comigo. O problema lhes foi explicado e tiraram logo o meu retrato, bem como a minha assinatura, e depois nos fizeram sair dali.

Na tarde seguinte bateram à porta do hotel e entrou um homem com os meus papéis. Examinei-os e pude realmente acreditar que eu havia assinado aquilo e preenchido todos os detalhes com a minha letra, de tal modo estavam perfeitos. Pensei comigo mesmo: “Bom, agora que estou com todos esses documentos, devo poder embarcar num navio em algum lugar, conseguir um emprego de mecânico e partir para os Estados Unidos. É lá que tenho de ir, de modo que vou fazer o que esse sujeito quer, na esperança de chegar a algum grande porto de mar.”

O meu novo patrão estava encantado com a minha mudança de atitude, de modo que a primeira coisa que fez foi dar-me uma grande quantia em dinheiro e apresentar-me um carro Mercedes, um carro realmente muito possante, e dirigi esse carro até à Suíça. Consegui

passar pela Alfândega sem qualquer problema. Depois troquei de carro num determinado endereço e continuei para a Alemanha, especificamente, Karlsruhe, onde me disseram que eu teria de ir a Ludwigshafen. Dirigi-me para lá e, para surpresa minha, encontrei o meu patrão americano. Ele ficou contente ao ver-me pois tinha tido notícia de seus contatos na Suíça de que a Mercedes tinha sido entregue sem um arranhão.

Fiquei na Alemanha uns três meses, um pouco mais, aliás. Levei carros a destinos diversos e francamente, aquilo não fazia sentido para mim, eu não sabia por que estava dirigindo os carros. Mas tinha bastante tempo de folga, de modo que o utilizei bem arranjando uma porção de livros para estudar motores marítimos e os deveres de um maquinista naval. Fui aos museus de Marinha e vi modelos de navios e modelos de motores de navios, de modo que ao fim de três meses eu me sentia bastante confiante de poder passar os meus conhecimentos mecânicos também à mecânica naval.

Um dia meu patrão levou-me a um aeroporto deserto. Paramos defronte de um hangar de aviões abandonados. Homens correram para abrir as portas e dentro havia uma geringonça realmente fantástica, que parecia ser toda de metal amarelo e esteios, o negócio tinha oito rodas e numa das extremidades havia uma caçamba imensa. Empoleirada na outra ponta havia uma casinha envidraçada, o compartimento do motorista. O meu patrão disse:

— Pode levar isso a Verdun?

— Não vejo por que não — respondi. — Tem motor e tem rodas, de modo que deve ser manejável. — Um dos mecânicos mostrou-me como ligá-lo e como usá-lo e pratiquei dirigi-lo para cima e para baixo nas pistas em desuso. Um policial zeloso correu para ali e declarou que o negócio poderia ser usado de noite e que teria de ter um homem na extremidade de trás, para ficar alerta para o tráfego. Assim, fiquei praticando, enquanto se procurava outro homem. Aí, depois que achei que sabia fazer a máquina movimentar-se e, ainda mais importante, sabia fazê-la parar, o meu vigia e eu partimos para Verdun. Só podíamos dirigir à noite devido aos regulamentos rodoviários franceses e alemães, e não podíamos passar de 50 quilômetros por hora, de modo que foi realmente uma viagem lenta. Tive tempo para apreciar a paisagem. Vi os campos devastados, os destroços queimados de tanques e da artilharia antiaérea, vi as casas em ruínas, algumas com apenas uma parede.

A guerra, pensei, que coisa estranha os seres humanos se tratarem desse modo. Se as pessoas ao menos obedecessem às nossas leis não haveria guerras. Nossa lei: Faça aos outros o que quer que lhe façam, uma lei que impediria com eficiência as guerras.

Também vi paisagens muito agradáveis, mas não estavam me pagando para admirar a vista, e sim para levar aquela máquina barulhenta para Verdun.

Por fim chegamos àquela cidade e de manhã cedo, antes de haver muito tráfego, eu a levei para um imenso pátio de concreto, onde éramos esperados. Lá um francês com cara muito séria, que me pareceu ser mais ou menos quadrado, saiu correndo ao meu encontro e disse:

— Vá levar esse negócio para Metz!

Respondi:

— Não, fui pago para trazê-lo para cá e não o levarei adiante.

Horrorizado e abismado, vi que ele sacava de uma dessas facas terríveis que têm uma mola — aperta-se um botão e a lâmina sai, trancando-se no lugar. Avançou para mim «com aquela faca," mas eu tinha sido bem treinado, e não estava para ser esfaqueado por um francês, e assim dei um golpezinho de caratê que o derrubou de costas com um barulho horrível, a faca voando da mão dele. Por um momento terrível ele ficou ali, estonteado e depois com um berro de raiva, levantou-se de um salto, tão depressa que os pés se moviam antes mesmo de tocar o solo; ele correu para uma oficina e saiu de lá com uma barra de ferro de um metro, usada para abrir caixotes. Avançou para mim e quis dar com o negócio sobre os meus ombros. Eu caí de joelhos e agarrei uma das pernas dele, e a torci. Torci com um pouco mais de força do que pretendia, pois a perna quebrou-se com um estalo no joelho.

Bom, o mínimo que eu esperava era ser preso pela polícia. Mas ao contrário, fui ovacionado pelos empregados, do sujeito, e aí apareceu um carro da polícia, e todos ali tinham uma cara muito séria mesmo. Quando souberam do que acontecera, também me aplaudiram, e, para meu grande espanto, levaram-me para me oferecer uma ótima refeição!

Depois do almoço, arranjaram alojamentos para mim e quando estava instalado apareceu outro homem, que me disse ter ouvido falar de mim e se eu queria outro emprego. Claro que queria, de modo que ele me levou a um café, em que havia duas senhoras idosas, obviamente esperando por mim. Eram muito, muito velhas e



muito, muito dominadoras, e começaram a falar comigo me chamando de “meu rapaz”, até eu lhes dizer que não era rapaz delas e que não queria ter nada a ver com elas. E aí uma delas riu-se e disse que admirava muito um homem de espírito.

Elas queriam que eu as levasse num carro muito novo a Paris. Bom, achei ótimo, eu queria ir a Paris, e assim concordei em levá-las, apesar de exigirem que não passasse de 55 quilômetros por hora. Isso não era problema para mim, pois tinha acabado de vir de Ludwigshafen a 30 quilômetros por hora!

Levei as duas senhoras sãs e salvas a Paris e elas me pagaram muito bem pela viagem e elogiaram muito minha maneira de dirigir, aliás propuseram-me ir trabalhar para elas, pois disseram que gostavam de ter um motorista de brio, mas não era em absoluto o que eu estava querendo. A minha tarefa ainda não estava cumprida, e eu não achava muita graça em dirigir carros de senhoras idosas a 55 quilômetros por hora. Assim, recusei o oferecimento e deixei-as, para tentar encontrar outro emprego.

As pessoas com quem deixei o carro das senhoras me indicaram um alojamento, e fui para lá, chegando ao mesmo tempo que uma ambulância. Fiquei do lado de fora, esperando que acabasse o movimento, e perguntei a um homem o que estava acontecendo. Ele me disse que um homem que tinha um serviço importante, transportar móveis para Caen, tinha caído e quebrado a perna, e que estava preocupado pensando que perderia o serviço, se não conseguisse ir ou não encontrasse um substituto. Quando esse homem apareceu carregado numa maca, abri caminho e disse-lhe que eu poderia fazer o serviço por ele. O pessoal da ambulância parou um momento, enquanto conversávamos. Eu disse a ele que queria ir àquela cidade e que se ele pudesse ajeitar as coisas, receberia o dinheiro da viagem e que eu iria apenas pelo transporte. Ele pareceu ficar muito contente, a despeito da dor da perna, e disse que me enviaria um recado do hospital, e aí embarcaram-no na ambulância e o levaram embora.

Instalei-me na pensão, e mais tarde um amigo do transportador de móveis foi procurar-me dizendo que eu podia fazer o o serviço se fosse até Caen e ajudasse a descarregar os móveis e carregar outros. O homem, disse-me ele, aceitara o meu oferecimento para ele ficar com o dinheiro e eu ficar com o trabalho!

Mas no dia seguinte mesmo tive de partir de novo. Tivemos de ir a uma das grandes casas de Paris e carregar aquele grande

caminhão de mudanças. E foi o que fizemos — o jardineiro da propriedade e eu — porque o motorista era preguiçoso demais. Ele deu mil desculpas para se safar. Por fim, o caminhão estava carregado e partiu. Depois de um quilômetro e meio, mais ou menos, o motorista parou e disse:

— Ei, dirija você, quero dormir um pouco.

Trocamos de posições e eu dirigi a noite toda. De manhã estávamos em Caen e fomos para a propriedade onde deviam ser descarregadas a mobília e a bagagem. Mais uma vez foi um dos empregados da casa e eu que descarregamos, porque o motorista disse que tinha de ir a algum lugar, tratar de negócios.

De tardinha, depois de terminado todo o trabalho, o motorista apareceu e disse:

— Agora temos de seguir e pegar outra carga.

Sentei-me no lugar do motorista e dirigi até à estação principal da estrada de ferro. Lá saltei, levando todos os meus pertences comigo, e disse ao motorista:

— Estive trabalhando o tempo todo, agora trabalhe você um pouco, para variar! — E com isso fui à estação e comprei uma passagem para Cherburgo.

Chegando àquela cidade, vaguei por ali um pouco e depois tomei um quarto no Alojamento dos Marinheiros, na zona do cais. Tratei de conhecer tantos maquinistas de bordo quantos pude e de fazer amizade com eles, de modo que, com um pouco de jeito de meu lado, tive a oportunidade de ver as casas de máquinas a bordo dos navios deles, e tive muitas sugestões e indicações que não se consegue facilmente nos compêndios.

Dia após dia eu ia aos agentes dos navios, mostrando os “meus” documentos e tentando conseguir um lugar como segundo maquinista nalgum navio que fosse para os Estados Unidos. Disse-lhes que tinha ido à Europa de férias e que tinham roubado meu dinheiro e que agora eu tinha de trabalhar para pagar a viagem de volta. Muitas pessoas ficaram penalizadas, e afinal um velho bonzinho, um mecânico escocês, me disse que me ofereceria um lugar de Terceiro Maquinista num navio que partia naquela noite para Nova York.

Embarquei naquele navio com ele, e desci a escada de ferro para a casa de máquinas. Lá ele me fez muitas perguntas sobre a operação dos motores e sobre os registros e os quartos. Por fim disse que estava totalmente satisfeito e acrescentou:

— Vamos à cabina do Capitão para você assinar o contrato do navio. — Nós subimos e o Capitão do navio parecia ser um sujeito duro; não gostei nada dele e ele tampouco gostou de mim, mas assinamos o contrato e depois o Primeiro Maquinista me disse:

— Traga a sua bagagem para bordo, você fica no primeiro turno, zarpamos esta noite.

E pronto. Assim, provavelmente pela primeira vez na história, um lama do Tibete, e um lama médico, ainda por cima, fazendo-se passar por cidadão americano, empregou-se num navio americano como Terceiro Maquinista.

Durante oito horas, fiquei de quarto na casa de máquinas. O Segundo estava de folga, e o Primeiro Maquinista tinha coisas a fazer, ligadas à saída do porto, de modo que tive de entrar de serviço imediatamente, sem qualquer oportunidade de comer alguma coisa, e nem mesmo vestir a farda. Mas oito horas de serviço num porto foram uma bênção para mim. Permitiram que eu me acostumassem com o lugar, investigasse os controles, de modo que em vez de ficar aborrecido com aquilo, como o Chefe esperava que eu ficasse, na verdade fiquei bem contente.

Passadas as oito horas, o Maquinista-Chefe desceu ruidosamente a escada de aço e rendeu-me oficialmente do serviço, dizendo que eu fosse comer bem, pois, disse ele, eu estava com cara de fome.

— E não se esqueça — ordenou ele — de dizer ao cozinheiro que me traga um chocolate.

Não era um navio feliz, de modo algum. O Capitão e o Imediato pensavam estar comandando um transatlântico de primeira classe, em vez de um velho vapor escangalhado, insistiam nas fardas, insistiam em inspecionar as cabinas, coisa incomum a bordo dos navios. Não, não era um navio feliz, realmente, mas lá fomos nós pelejando através do Atlântico, jogando e balançando ao sabor das ondas do Atlântico Norte. Afinal chegamos ao farol de aproximação do porto de Nova York.

Era de manhãzinha e as torres de Manhattan pareciam reluzir com as luzes refletidas. Eu nunca tinha visto nada igual em minha vida. Vistas do mar, as torres se destacavam como algo saído de uma imaginação febril. Prosseguimos pelo Hudson, passando sob uma grande ponte. Ali vi a famosa Estátua da Liberdade, mas para espanto meu, a Liberdade estava de costas para Nova York, e de costas para os Estados Unidos. Aquilo chocou-me. Certamente,

pensei, a não ser que a América fosse se apoderar de tudo, então a liberdade deveria estar dentro dos Estados Unidos.

Chegamos ao nosso cais depois de muito empurrar e puxar de parte de pequenos rebocadores com um grande “M” na chaminé. Depois ouvimos o rugir dos motores, chegaram os grandes caminhões, os guindastes começaram a trabalhar enquanto subia a bordo uma tripulação de terra. O Maquinista- Chefe chegou e me pediu para assinar uma prorrogação, oferecendo-me uma promoção para Segundo Maquinista. Mas, não, disse-lhe eu, já bastava daquele navio, alguns dos oficiais eram bastante desagradáveis.

Fomos para a agência dos navios e assinamos a baixa, e o Maquinista-Chefe deu-me uma bela recomendação, dizendo que eu demonstrara grande dedicação ao trabalho, que eu era eficiente em todos os ramos do serviço da casa de máquinas e fez uma observação no sentido de que me convidou para me engajar de novo com ele em qualquer ocasião e em qualquer navio porque, escreveu ele, eu era um “grande companheiro de bordo”.

Sentindo-me bastante animado com essa despedida do Maquinista-Chefe e, carregando as minhas malas pesadas, saí do cais. O barulho do tráfego era terrível, as pessoas gritavam e os policiais gritavam e todo mundo parecia louco. Fui primeiro para uma estalagem marinha, ou, mais precisamente, uma estalagem de marinheiros. Ainda ali não vi um sinal de hospitalidade, nem de amizade, aliás, quando agradei com uma cortesia normal, ao que pensei, à pessoa que me entregou a chave de meu quarto, ele rosnou para mim:

— Não me agradeça, só estou cumprindo o meu dever, mais nada.

O limite de tempo que se podia ficar naquela estalagem era de 24 horas, ou 48, se se fosse embarcar noutro navio. Assim, no dia seguinte tornei a pegar as minhas valises, descí pelo corredor, paguei ao recepcionista rabugento e saí para as ruas.

Fui andando pela rua muito sério porque, para falar francamente, estava apavorado com o trânsito. Mas aí ouvi uma barulhada tremenda, os carros buznavam, um guarda apitava, e naquele momento uma coisa enorme subiu na calçada, bateu em mim e me derrubou. Senti meus ossos se partindo. Um carro dirigido por um motorista embriagado tinha descido por uma rua de mão única e, numa última tentativa de não bater num caminhão de entregas, tinha subido na calçada e me atropelado.

Acordei muito depois, para me encontrar num hospital. Estava com o braço esquerdo fraturado, quatro costelas quebradas e ambos os pés esmagados. A polícia apareceu e procurou descobrir o que pôde sobre o motorista do carro — como se eu fosse seu amigo do peito! Perguntei por minhas duas valises e os guardas responderam, muito animados:

— Ah, não, assim que você foi atropelado, antes mesmo da polícia poder chegar perto, um camarada esgueirou-se de um vão de porta, agarrou suas malas e fugiu correndo. Não tivemos tempo de ir atrás dele, tínhamos de tirar você da calçada porque você estava obstruindo o trânsito.

A vida no hospital era complicada. Devido às fraturas das costelas, tive pneumonia dupla e durante nove semanas fiquei no hospital, restabelecendo-me muito devagar mesmo. O ar de Nova York não era absolutamente coisa que eu estivesse acostumado e todo mundo ficava de janela fechada e de aquecimento ligado. Pensei mesmo que ia morrer de sufocação.

Por fim, consegui me restabelecer o suficiente para poder sair da cama. Depois de nove semanas de cama, eu estava me sentindo muito fraco. Aí chegou uma funcionária do hospital, querendo saber do pagamento! Disse ela:

— Encontramos 260 dólares em sua carteira e vamos ter de ficar com 250 pela sua estada aqui. Temos de deixar-lhe dez dólares, por lei, mas você terá de pagar o resto. — E apresentou-me uma conta de mais de mil dólares.

Fiquei muito chocado e reclamei com outro homem que tinha entrado depois dela, que parecia ser um funcionário graduado. Ele deu de ombros e disse:

— Ah, bom, você vai ter de processar o camarada que o atropelou. Não temos nada a ver com isso.

Para mim, isso era o máximo da tolice, porque como é que eu podia descobrir o homem, se nem o tinha visto? Conforme disse, eu tinha mais dinheiro nas valises, mas a única resposta foi:

— Bom, pegue o homem e recupere suas malas.

Pegar o homem, depois de nove semanas no hospital, e depois que a polícia aparentemente nem fizera qualquer esforço para pegá-lo. Fiquei muito chocado, mas ainda ficaria mais.

O homem — o funcionário graduado — apresentou um papel e disse:

— Você vai ter alta agora porque não tem mais dinheiro para

continuar os tratamentos. Não podemos manter vocês, estrangeiros, aqui, a não ser que paguem. Assine.

Olhei para ele, abismado. Lá estava eu, no primeiro dia em que me levantava depois de nove semanas, tinha tido fraturas e pneumonia dupla e agora estavam-me expulsando do hospital. Não havia compaixão, nem compreensão e em vez disso eu estava sendo literalmente — e quero dizer bem literalmente — expulso do hospital, e tudo o que eu tinha era o terno que estava usando e uma nota de dez dólares.

Um homem na rua a quem expliquei o meu problema fez um gesto na direção de uma agência de empregos, de modo que fui lá e subi muitas escadas. Por fim consegui um emprego num hotel muito, muito famoso, um hotel tão famoso que todo mundo já ouviu falar nele. O serviço — lavar pratos. O salário — vinte dólares por semana e uma refeição, e essa refeição por dia não era a coisa boa que os hóspedes comem, e sim as coisas ruins deixadas por eles ou que não era considerada boa para os hóspedes. Por vinte dólares por semana, eu não podia pagar um quarto, de modo que não tratei disso, e fazia minha casa onde estivesse no momento, tentando dormir num vão de porta, debaixo de uma ponte ou sob um arco, de vez em quando sentindo o bastão de um oficial me cutucando as costelas, e uma voz zangada me dizendo para ir andando.

Afinal, por um golpe de sorte, consegui emprego numa estação de rádio. Tornei-me locutor de rádio, falando para o mundo inteiro nas ondas curtas. Durante seis meses fiz isso, e nesses seis meses consegui que me mandassem de Xangai documentos e pertences que eu deixara lá com uns amigos. Os documentos incluíam um passaporte concedido pelas autoridades na Concessão Britânica.

Mas, conforme comecei a sentir, eu estava perdendo tempo como locutor de rádio. Tinha um trabalho a fazer e só estava ganhando então 110 dólares por semana, o que era um grande progresso depois de 20 dólares por semana e uma refeição por dia, mas resolvi passar adiante. Dei um aviso prévio razoável à estação de rádio, para poderem arranjar um substituto para mim, e depois de treiná-lo durante duas semanas, fui embora.

Felizmente, vi um anúncio que pedia pessoas para dirigirem carros e levá-los até Seattle. Não interessa contar a viagem agora, mas cheguei bem a Seattle e recebi uma gratificação por ter dirigido com cuidado e por entregar o carro sem um arranhão. E depois . . . consegui ir para o Canadá.

**Assim termina o Livro Dois:  
A Primeira Era**





**LIVRO TRÊS**  
**O Livro das Transformações**

“Não deixes que os teus desgostos importunem aqueles que deixaram este Mundo do Homem.”

“Não menciones nomes, pois mencionar aqueles que passaram além deste reino é perturbar a sua paz.”

“Pois que aqueles que são pranteados sofrem muito por causa daqueles que os pranteiam.”

“Que venha a Paz.”

Também é Bom Senso, considerando-se o que é a Lei da Calúnia!

Portanto eu vos digo - - Não se mencionem nomes.

PAX VOBISCUM.

## CAPÍTULO SETE

Não interessa muito descrever como viajei pelo Canadá, atravessando as Montanhas Rochosas, até Winnipeg, a Thunder Bay, Montreal e a Cidade de Quebec. Milhares de pessoas — dezenas de milhares já fizeram isso. Mas tive algumas experiências interessantes, sobre as quais talvez ainda escreva, embora não neste momento. Em minha viagem pelo Canadá, fui-me convencendo de que devia ir à Inglaterra. Eu estava convencido de que o trabalho que ainda tinha a fazer tinha de começar na Inglaterra, um lugarzinho que eu só avistara de longe, da vigia de um navio que partira de Cherburgo e se dirigira para o Canal da Mancha, antes de rumar para os Estados Unidos. Em Quebec, andei indagando e consegui obter todos os documentos necessários, como passaporte, carteira de trabalho e o mais. Também consegui um cartão do Sindicato dos Marinheiros. Também não interessa contar os detalhes de como obtive essas coisas. No passado contei aos burocratas que seu sistema estúpido de formalidades só servia para arrochar as pessoas que têm todos os seus papéis legalmente; no meu caso, declaro enfaticamente que a única ocasião em que tive qualquer dificuldade de entrar num país foi quando os meus documentos estavam em ordem. Aqui no Canadá, nos dias em que eu podia me movimentar mais e ir aos Estados Unidos, sempre havia problemas com os meus documentos; havia sempre alguma coisa errada, alguma coisa com que o funcionário da Imigração implicava.

Assim, os burocratas são parasitas que deviam ser eliminados como piolhos. Ei! Boa idéia, hein?

Cheguei a Montreal e ali, com meus documentos todos em ordem, consegui embarcar num navio como marinheiro. O salário não era nenhuma maravilha, mas a minha idéia era que eu queria chegar à Inglaterra e não tinha dinheiro para pagar a passagem e portanto qualquer salário era melhor do que ter de pagar.

O trabalho não era pesado, consistia apenas em arrumar a carga e depois pôr calços nas cobertas do porão. Dentro de pouco tempo estávamos subindo pelo Canal de Mancha, e não tardou muito, entramos no Solent a caminho de Southampton. Eu estava de folga na ocasião e pude sentar na popa e apreciar a paisagem inglesa, que me agradou muito, os campos ingleses pareciam ser do verde mais puro — naquela ocasião eu ainda não tinha visto a Irlanda, que ultrapassa de longe a paisagem inglesa — e assim fiquei muito encantado.

O Hospital Militar de Netley me intrigou muito. De bordo, pensei que devia ser a casa de algum rei ou alguém numa situação semelhante, mas um tripulante, dando uma gargalhada, logo me disse que não passava de um hospital.

Passamos por Woolston, à direita, e Southampton, à esquerda. Fiquei interessado ao ver em Woolston a sede dos barcos voadores da Marinha, que estavam ficando muito famosos no Extremo Oriente.

Logo depois atracamos em Southampton e os funcionários subiram a bordo, verificaram os documentos do navio e examinaram os alojamentos da tripulação. Por fim deram-nos licença para ir a terra e eu já ia saindo, mas fui chamado para uma nova verificação da Imigração. O funcionário olhou para os meus papéis e mostrou-se muito simpático e aprovador quando, em resposta às perguntas dele sobre quanto tempo eu ia demorar, respondi que ia morar ali. Pôs os carimbos necessários no passaporte e indicou-me alojamentos para marinheiros.

Saí do escritório da Imigração e fiquei por um momento dando um último olhar para o velho cargueiro em que viera do Novo Mundo para o Velho. Um funcionário da Alfândega começou a se aproximar de mim, com um sorriso no rosto, e depois de repente senti um golpe violento em minhas costas e cambaleei de encontro a uma parede, largando as minhas duas valises.

Procurando recuperar-me, virei-me e vi um homem sentado

aos meus pés. Era um funcionário graduado da Alfândega, que se estava apressando para o trabalho e tinha calculado mal a distância para entrar na porta. Quis ajudá-lo e ele bateu em minhas mãos estendidas com fúria. Recuei, muito espantado, pois o acidente não fora por minha culpa, eu estava apenas ali parado, inofensivamente. Mas peguei as minhas valises para seguir quando ele berrou para eu parar e chamou dois guardas para me prenderem. O funcionário da Alfândega que eu vira no escritório saiu de lá depressa e disse:

— Está tudo certo, senhor, tudo em ordem. Os papéis dele estão em ordem.

O funcionário graduado pareceu ficar vermelho de raiva e ninguém conseguia dizer nenhuma palavra. Por ordem dele, fui conduzido a uma sala em que as minhas valises foram abertas e tudo o que continham foi despejado no chão. Ele não encontrou nada errado ali. Assim, pediu o meu passaporte e outros documentos. Entreguei-os e ele folheou-os e depois grunhiu que eu tinha um visto e uma licença de trabalho e que não precisava dos dois. E com isso rasgou o meu passaporte e atirou-o na cesta do lixo.

De repente ele abaixou-se, pegou todos os documentos e enfiou-os no bolso, imagino que para poder destruí-los depois, em algum outro lugar.

Ele tocou uma campainha e apareceram dois homens do escritório externo.

— Este homem não tem documentos — disse o funcionário graduado — e terá de ser “deportado.”

— Mas — disse o funcionário que tinha carimbado os meus documentos — eu os vi, fui eu mesmo quem os carimbou.

O outro virou-se para ele, furioso, e disse tanta coisa que o pobre do sujeito empalideceu. E assim, afinal fui levado para uma cela e largado lá.

No dia seguinte, apareceu um idiota qualquer do Ministério do Exterior, que ficou alisando o rosto e concordou comigo que eu tinha de arranjar os documentos necessários. Mas, disse ele, o Ministério do Exterior não podia criar dificuldades com o Escritório de Imigração, de modo que eu tinha de ser sacrificado.

O melhor que eu tinha a fazer, disse ele, era concordar que os meus documentos tinham sido perdidos no mar, pois do contrário eu teria de ficar preso por muito tempo e depois de terminada a minha sentença, ainda por cima seria deportado. Passar dois anos na prisão era uma idéia que não me agradava em nada. Então tive de assinar

um papel dizendo que o meu passaporte tinha sido perdido no mar.

— Agora — disse o rapaz — você será deportado para Nova York. — Aquilo era demais para mim, pois eu partira de Montreal e Quebec, mas a resposta não tardou: eu tinha de ir para Nova York, pois se fosse para a Província de Quebec e contasse a minha história, a imprensa poderia vir a saber e fazer um rebuliço, pois a imprensa é sempre ávida de coisas sensacionais — não do ponto de vista de fazer o bem a alguém, mas apenas porque a imprensa vivia, como vive hoje, de sensacionalismo e encrencas.

Fui mantido numa cela durante algum tempo e aí um dia me disseram que eu seria deportado no dia seguinte. De manhã me fizeram sair da cela e o funcionário graduado lá estava, todo sorridente e feliz porque ele, burocratazinho insignificante que era, tinha conseguido subverter a justiça para atender aos seus desejos.

De tarde levaram-me para o navio e disseram-me que eu teria de trabalhar, e que seria o trabalho mais duro a bordo, o de equilibrar a carga de carvão nos depósitos de uma das mais velhas das fornalhas.

Depois me levaram de volta à cela porque o navio ainda não estava pronto para zarpar e o Capitão só podia me receber a bordo uma hora antes da hora da partida. Vinte e quatro horas depois levaram-me para o navio e me trancaram numa cabine muito pequena, onde fiquei até o navio sair das águas territoriais.

Depois de algum tempo fui libertado da cela, pois era isso a cabinezinha, e aí me deram uma pá e ancinho velhos e mandaram que eu limpasse a escória, etc.

Assim, naveguei de volta pelo Atlântico, de volta a Nova York, e quando apareceu o primeiro sinal de terra, de manhã cedo, o Capitão mandou chamar-me e falou comigo. Disse-me que concordava com o fato de que eu tinha sido tratado injustamente. Disse-me que a polícia vinha a bordo para prender-me e que eu seria condenado por entrar ilegalmente nos Estados Unidos, e que depois de ter cumprido uma pena, eu seria deportado para a China. Ele olhou em volta e depois foi até a uma gaveta em sua mesa e disse:

Um homem como você poderá fugir facilmente, se quiser. A maior dificuldade reside nas algemas. Aqui está uma chave que dá nas algemas americanas, vou virar de costas e você pode levar a chave. Entende, não lhe posso dar a chave, mas se você a levar. . . bom, não preciso tomar conhecimento disso.

E dizendo isso ele virou-se e eu rapidamente embolsei a

chave.

Aquele Capitão era um homem um bocado decente. Quando a polícia americana subiu a bordo, tinindo suas algemas, ele disse que não era provável que eu lhes causasse alguma dificuldade, disse que em sua opinião eu não fizera nada de mal e que estava apenas sendo incriminado por um funcionário da imigração desagradável. O policial mais velho riu com cinismo e disse que concordava plenamente, todo mundo estava sendo incriminado pelos outros, e disto isso ele prendeu as algemas em meus pulsos e deu-me um empurrão com brutalidade para a escada de quebra-costas a escada pela qual os pilotos e policiais embarcam e desembarcam dos navios ao largo.

Com alguma dificuldade, consegui descer pela escada, embora a polícia exprimisse o desejo de que eu caísse na água para eles poderem pescar-me. A bordo da lancha da polícia, fui rudemente empurrado para a popa. Aí os dois policiais começaram o seu trabalho de preencher um relatório e virar a lancha para o litoral.

Esperei a minha oportunidade até nos aproximarmos do cais e aí, quando os guardas não estavam olhando em minha direção, saltei por cima da amurada.

A água estava horrível. Havia uma camada fina de óleo e sujeira na superfície, sujeira que era do esgoto dos navios e transatlânticos atracados ali, sujeira trazida dos cais, jornais e caixas boiando, pedaços de carvão, todo tipo de madeira flutuando por ali. Mergulhei fundo e consegui pegar a chave a abrir as algemas, que deixei cair no fundo da baía.

Tive de subir para respirar, e ao chegar à superfície, houve uma saraivada de tiros bem perto de mim, tão perto que uma das balas esparramou água no meu rosto. Então, tomando uma golfada de ar, tornei a mergulhar e nadei em direção não à pilastra do cais mais próxima, e sim uma mais distante, com a idéia de que a polícia havia de esperar que eu nadasse em direção à mais próxima.

Lentamente, deixei-me subir à superfície, até que apenas a minha boca e meu queixo aparecessem acima da água. Aí, novamente, respirei fundo, e mais uma vez, e mais outra. Não ouvi tiro algum vindo em minha direção, mas eu mal via a lancha da polícia percorrendo a água defronte do cais mais próximo.

Aos poucos fui mergulhando de novo e nadei devagar — para conservar o meu suprimento de ar — para o cais.

Senti um baque súbito, e instintivamente as minhas mãos se estenderam e agarraram aquilo em que eu batera a cabeça. Era uma porção de tábuas meio mergulhadas, que aparentemente tinham caído do cais meio estragado por cima de mim. Agarrei-me a isso, mantendo apenas a cara acima da água. Devagar, não ouvindo ruído algum, sentei-me e ao longe via a lanchar da polícia à qual se haviam juntado mais duas rondando debaixo das pilastras do outro cais. Sobre o cais a polícia corria de um lado para outro, dando busca em vários prédios.

Fiquei muito quieto porque de repente apareceu um barco, tendo dentro três policiais. Eles remavam em silêncio. Um dos guardas tinha binóculos e estava examinando todos os cais da zona. Devagar, fui deslizando pela tábua e mergulhei, de modo que só apareciam acima da água o meu nariz e minha boca. Por fim ergui um pouco a cabeça e vi que o barco estava bem distante. Quando olhei, ouvi um grito:

- O camarada já deve ter batido a bota a essa hora, mais tarde pescaremos o cadáver dele.

Tornei a deitar-me sobre a tábua, tremendo incontrolavelmente no frio das roupas molhadas e da brisa que soprava sobre mim.

Quando escureceu, consegui subir para o cais e corri para o abrigo de um barraco. Um homem estava-se aproximando e vi que era um lascar (marinheiro das índias Orientais), e ele parecia bem simpático, de modo que dei um assobio baixinho. Ele continuou a caminhar com displicência e, aparentemente sem querer, desviou-se para junto do meu esconderijo. Aí parou para apanhar uns pedaços de papel, que estavam- por ali.

— Venha saindo com cuidado — disse ele — um cavalheiro de cor está esperando com um caminhão, ele lhe tirará dessa enrascada.

Bom, por fim eu realmente consegui sair dela, mas estava num triste estado, sofrendo de exaustão e dos efeitos do frio. Entrei no caminhão de lixo, estenderam uma lona sobre mim e jogaram um carregamento de lixo por cima!

O homem de cor levou-me para a casa dele e cuidaram bem de mim, mas durante dois dias e duas noites, dormi o sono dos totalmente exaustos.

Durante a minha exaustão, enquanto o corpo físico se refazia, fiz uma viagem astral e vi o meu querido Guia e amigo, o Lama Mingyar Dondup. Ele me disse:



— Os seus sofrimentos foram realmente grandes, grandes demais. Os seus sofrimentos foram o fruto da desumanidade do homem para com o homem, mas o seu corpo está ficando gasto e em breve você terá de passar pela cerimônia da transmigração.

No mundo astral, eu estava sentado e o meu amigo sentou-se junto comigo.

- O seu corpo atual está num estado de colapso, a vida nesse corpo não vai continuar por muito mais tempo. Receávamos que surgissem essas condições no mundo Ocidental e que você ficasse prejudicado, de modo que andamos procurando um corpo que você pudesse usar e que com o tempo reproduzisse todas as suas próprias feições.

“Resolvemos que existe essa pessoa. O corpo dele está num harmônico muito, muito baixo em relação ao seu, senão uma mudança não seria possível. Os corpos têm de ser compatíveis, e essa pessoa tem um corpo que é compatível. Nós o abordamos no astral porque vimos que ele estava contemplando o suicídio. É um rapaz inglês, que está muito, muito insatisfeito com a vida, não está nada feliz, e há algum tempo vem pensando em qual será o método mais indolor do que chama de “autodestruição.” Está inteiramente disposto a largar o seu corpo e viajar para cá, para o mundo astral, desde que não tenha nada a perder com isso!

“Há pouco tempo nós o persuadimos a trocar o nome dele para o que você usa atualmente, de modo que há mais alguns detalhes a combinar e depois — bom, você terá de mudar de corpo.”

Era muito, muito necessário, instruíram-me, que eu voltasse para o Tibete antes de poder submeter-me ao processo de transmigração. Deram-me instruções cuidadosas, e quando me senti bastante bem, fui a uma agência de viagens e comprei uma passagem para Bombaim. Mais uma vez, fui submetido a todo tipo de amolações porque a minha bagagem consistia de uma valise apenas. Mas afinal embarquei e depois que eu estava na minha cabine, dois detetives foram visitar-me para saber por que eu só tinha uma valise. Quando lhes garanti que tinha bastante bagagem na Índia, eles sorriram felizes e se retiraram.

Era muito estranho, ser um passageiro a bordo de um navio. Todos me evitavam porque eu era um pária que só tinha uma mala. Os outros, naturalmente, pareciam ter tanta bagagem que daria para abastecer uma loja inteira, mas eu aparentemente o mais pobre dos pobres — devia ser fugitivo da justiça, ou coisa parecida, para

viajar daquele jeito, de modo que eu era evitado.

O navio foi de Nova York até as costas da África e passou pelo Estreito de Gibraltar. Depois fizemos outra parada em Alexandria, antes de entrar no Canal de Suez, e continuamos para o Mar Vermelho. O Mar Vermelho foi horrível, o calor de matar e quase tive insolação. Mas finalmente passamos pelas costas da Etiópia, atravessamos o Mar da Arábia e atracamos em Bombaim. O barulho e o cheiro de Bombaim eram terríveis, fantásticos mesmo, mas eu tinha alguns amigos, um sacerdote budista e algumas pessoas de influência, de modo que a minha estada de uma semana em Bombaim foi interessante.

Depois da semana em que tentei recuperar-me de todos os choques e tensões por que tinha passado, embarcaram-me num trem e atravessei a Índia até à cidade de Kalimpong. Consegui saltar do trem antes dele entrar em Kalimpong, pois haviam-me avisado que o lugar estava repleto de espões e jornalistas chineses, e que os recém-chegados eram detidos e interrogados pelos jornalistas e — conforme vim a descobrir mais tarde se a pessoa não desse uma entrevista, os jornalistas “inventavam” uma, sem qualquer consideração pela verdade.

Eu conhecia Kalimpong ligeiramente, certamente conhecia o bastante para entrar em contato com alguns amigos e assim fiquei “clandestino”, longe dos espões e dos jornalistas.

A essa altura a minha saúde estava-se deteriorando muito depressa e havia sérios receios de que eu não vivesse o suficiente para a cerimônia da transmigração. Um lama que tinha sido treinado em Chakpori comigo estava em Kalimpong e ajudou-me com ervas muito eficazes.

Fiquei em companhia desse lama médico e depois de dez semanas de viagens penosas chegamos a uma lamaseria que dava para o Vale de Lhasa. Era alta e inacessível, sem importância, e os comunistas não iam se preocupar com um lugarejo tão insignificante. Ali tomei a descansar, uns sete dias ao todo. No dia seguinte, disseram-me um dia, eu ia viajar para o astral e conhecer o corpo astral do homem cujo veículo físico eu ia assumir.

No momento, fiquei repousando, e meditando sobre os problemas da transmigração. O corpo daquela pessoa não tinha grande utilidade para mim porque era o corpo DELE e tinha muitas vibrações que eram incompatíveis com as minhas. Com o tempo, disseram-me, o corpo se adaptaria exatamente ao meu próprio corpo quando tinha aquela idade, e se os ocidentais acham isso

difícil de entender ou acreditar, vamos dizer o seguinte: o mundo ocidental conhece a galvanização, e o mundo ocidental também conhece a eletrotipia. Neste último sistema, uma peça pode ser mergulhada num certo fluido e um “conector” especial é aplicado do outro lado da peça, e quando a corrente é ligada na força e amperagem certas, constrói-se uma duplicata exata da peça original. Isso é conhecido como eletrotipia.

Igualmente, é possível fazer-se uma galvanização. É possível galvanizar-se numa variedade de metais: o níquel, crômio, ródio, cobre, prata, ouro, platina, etc. Basta saber como fazê-lo. Mas a corrente flui de um pólo a outro através de um líquido, e as moléculas de um pólo são transferidas para o outro pólo. E um sistema bem simples, mas este não é um tratado sobre a galvanização. A transmigração e a substituição, molécula por molécula, do “tecido” do hospedeiro por aquele do — como direi? — novo ocupante são muito reais, já foram feitas muitas vezes. Felizmente, as pessoas que sabem fazê-lo sempre foram gente de bom caráter, senão teria sido uma coisa realmente terrível, se a pessoa apenas tomasse conta do corpo de outra para fazer o mal. Eu me sentia um tanto complacente, tolamente talvez, ao pensar que. . . Bom, vou fazer o bem, não quero apoderar-me do corpo de outro, só quero é paz. Mas parecia que não haveria paz na minha vida.

De passagem, e na qualidade de quem já estudou todas as religiões, devo dizer que os Adeptos o fizeram durante vidas e mais vidas. O próprio Dalai Lama o fez, e o corpo de Jesus foi dominado pelo Espírito do Filho de Deus, e isso era crença comum mesmo no credo cristão, até ser banido porque tornava as pessoas complacentes demais.

De minhas alturas nessa lamaseria remota e isolada, eu podia contemplar a distante cidade de Lhasa; um telescópio bem possante tinha sido levado clandestinamente do Potala para lá, de alguma maneira, de modo que um de meus divertimentos era usar o telescópio para olhar para os guardas truculentos no Pargo Kaling. Eu via as tropas correndo de um lado para outro em seus jipes, e por aqueles telescópios vi coisas incríveis serem feitas a homens e mulheres e lembrei-me, com muito horror, que eu lutara ao lado dos chineses, como muitos outros, e que agora os chineses não estavam agindo de acordo com suas promessas, nem com seus princípios confessos. Só pensavam na violência.

Era difícil acreditar, olhando pela janela sem vidros, que aquele era o mesmo Tibete, o mesmo Lhasa que eu conhecera

antes. Ali o Sol dourado ainda lançava seus raios cintilantes pelas gargantas nas momanhas, a Lua prateada ainda atravessava o negrume do céu noturno e os pontinhos distantes de luz colorida que eram as estrelas continuavam a lampear através do teto do céu. Porém os pássaros da noite não mais piavam como antigamente, pois os comunistas chineses matavam tudo o que avistavam. Com horror descobri que eles estavam extinguindo a vida daquelas criaturas que eu tanto amava. Os pássaros, diziam, comiam os cereais, o que levaria os seres humanos a morrerem de fome. Os gatos eram mortos, de modo que não havia mais gatos em Lhasa, ao que me disseram. Os cachorros eram mortos e comidos pelos chineses. Isso parecia ser uma iguaria chinesa. Portanto, não eram só os pobres seres humanos que eram levados à morte pelos chineses comunistas, mas também os animais de estimação dos Deuses estavam sendo exterminados por motivos indignos. Fiquei desgostoso diante de todos os horrores que estavam sendo cometidos sobre um povo inocente e indefeso. Olhando pelo céu que escurecia, fui dominado pela emoção, pela tristeza e depois pensei, bom, tenho esse trabalho a fazer, foi previsto muito mal para a minha vida. Espero que eu seja suficientemente forte para poder suportar tudo o que foi previsto.

Durante algum tempo eu sentira vagamente muita agitação, uma atmosfera de expectativa e a minha atenção foi atraída mais e mais vezes para Lhasa. O telescópio era uma maravilha. Mas era difícil olhar através de uma fresta da janela com uma coisa tão desajeitada, de modo que resolvi utilizar um binóculo de grau de aumento 20, que também tinha sido levado para lá, e que apresentava maior maneabilidade para as vistas além do ângulo do telescópio na janela.

A minha atenção de repente foi distraída de minhas observações, pois entraram três homens, dois sustentando o do meio. Virei-me e olhei para ele horrorizado; estava cego, seus olhos tinham sido arrancados, deixando poços vermelhos em sangue. Faltava-lhe o nariz. Os dois homens que o traziam ajudaram-no delicadamente a sentar-se e, com um horror fascinado, reconheci que era um antigo conhecido meu, que ajudara em meus estudos em Chakpori. Os dois assistentes curvaram-se e saíram. O lama e eu nos encarávamos, e ele falou em voz baixa:

— Irmão — disse-me ele, — posso distinguir bem os seus pensamentos. Está imaginando como cheguei a este estado. Eu lhe

direi. Tinha saído para cumprir as minhas obrigações, e acontece que ergui os olhos para a Montanha de Ferro. Um oficial comunista chinês de repente virou-se de onde estava sentado em seu carro e acusou-me de olhar para ele e ter maus pensamentos a respeito dele. Naturalmente, neguei a acusação, pois não era verdade, eu estava apenas olhando para a nossa querida morada. Mas não, disse o oficial, todos os sacerdotes são mentirosos e reacionários, e deu ordens bruscas a seus soldados. Fui agarrado e derrubado, e depois uma corda foi colocada em volta de meu peito e amarrada nas minhas costas. A outra ponta foi presa à traseira do carro em que estava o oficial. Aí, com um grito de alegria, ele saiu em disparada, arrastando-me de bruços pela estrada.

O velho lama parou e levantou suas vestes. Soltei uma exclamação de horror, pois toda a pele e grande parte da carne tinha sido dilacerada, da cabeça aos pés, havia pedaços de carne pendurados, e a parte interna de sua roupa era uma massa de sangue. Ele baixou a roupa de novo com cuidado, e disse:

. — Sim, as asperezas da estrada arrancaram o meu nariz, e outras coisas também, e agora estou esperando passar para a Terra Além. Mas antes de poder ter essa libertação, ainda me resta uma tarefa a cumprir.

Ele parou por um ou dois momentos, refazendo suas energias, e depois disse:

— Esse assunto da transmigração e a possibilidade de termos de utilizá-la já é conhecido há muitos anos, e eu estava encarregado do projeto, tinha de estudar os manuscritos antigos para descobrir tudo o que pudesse a respeito. Tive de consultar os Registros Akáshicos e tive de juntar os conhecimentos que pudesse.

Ele tornou a parar, mas continuou.

— Os chineses afinal me libertaram de minhas cordas, mas o oficial tinha mais uma maldade a fazer. Deu-me um pontapé, enquanto eu estava prostrado no pó e disse: “Você olhou para mim e me desejou mal, e por isso não olhará mais.” Um dos seus seguidores pegou uma pedra estreita e afiada da estrada e enfiou-a dentro de meus olhos, um depois do outro, tirando os globos oculares, de modo que ficaram dependurados no meu rosto. Aí, rindo-se, eles foram embora, deixando-me como eu estava, com o nariz arrancado e o corpo estraçalhado. Ninguém mais poderia dizer se eu era homem ou mulher, pois essas partes tinham sido arrancadas, e em minhas faces estavam os meus olhos cegos, as órbitas perfuradas e o fluido escorrendo por minhas orelhas.

“Quando puderam, umas pessoas horrorizadas acorreram em meu auxílio e fui levantado e carregado para uma casa. Desmaiei, e quando voltei a mim vi que os meus olhos tinham sido tirados e eu tinha sido bem medicado com compressas de ervas. As ocultas, de noite, fui carregado para as montanhas, para aguardar a sua vinda. Agora tenho muito a lhe contar, e tenho de acompanhá-lo numa viagem ao astral de onde não voltarei.”

Ele descansou mais um pouco, para poder recuperar um pouco de sua força e depois, já com um pouco de cor nas faces, disse:

— Temos de ir para o astral.

E assim, percorremos de novo o caminho conhecido. Cada um de nós estava sentado na posição do lótus, aquela posição que nós, orientais, achamos mais fácil manter. Dissemos as orações adequadas, e com isso nossas vibrações aumentaram tanto que, com a sacudidela quase imperceptível que acompanha essa transição, partimos de nossos corpos, eu temporariamente e o meu companheiro permanentemente.

O cinza da Terra e o branco das neves eternas desapareceram de nossas vistas. Diante de nós apareceu um véu, um véu que tremeluzia branco-azulado, que, ao nos aproximarmos dele, parecia ser uma barreira impenetrável, mas que aqueles que sabiam podiam penetrar sem dificuldade. Fizemos isso e nos encontramos numa zona de uma luz gloriosa, com impressões de alegria.

Naquele ponto do mundo astral em que entramos, estávamos sobre um grande gramado, a relva era baixa e macia sob os nossos pés.

— Ah! — suspirou o lama comigo. — Que maravilha poder ver de novo, que maravilha não ter dor. Em breve a minha tarefa estará cumprida e aí ficarei em Casa pelo menos por algum tempo. — dizendo isso ele me conduziu por um caminho agradável.

Havia árvores, muitas árvores, todas com folhas verdes, vermelhas e amarelas. Ao nosso lado corria um rio majestoso, espelhando em sua superfície líquida o azul profundo do céu acima. Nuvens brancas e plumosas esvoaçavam preguiçosas pelo céu e havia uma atmosfera de vida borbulhante, de vitalidade, de saúde e felicidade.

Nas árvores cantavam os pássaros, pássaros de um tipo que eu nunca tinha visto na Terra, pois eram criaturas maravilhosas, pássaros de muitas cores diferentes, de muitas plumagens diversas.

O velho e eu caminhamos ao meio das árvores e chegamos a um espaço aberto que era realmente um jardim, um jardim de flores

brilhantes, nenhuma de algum tipo que eu pudesse reconhecer. As flores pareciam acenar para nós, como que nos cumprimentando. A distância, eu via pessoas passeando, como que gozando daquele jardim maravilhoso. De vez em quando se curvavam para cheirar uma flor. Outras vezes, estendiam o braço para o céu e vinha um passarinho pousar em suas mãos. Ali não havia medo, mas apenas a paz e o contentamento.

Continuamos a caminhar um pouco, e diante de nós vimos o que parecia ser um templo imenso. Tinha uma cúpula de ouro brilhante e as paredes que o sustentavam eram de um castanho-claro. Havia outros prédios a seu lado, cada qual num tom pastel, todos harmoniosos, mas à entrada do templo havia um grupo de pessoas esperando. Algumas tinham as vestes do Tibete e um outro, no momento não entendi o que ele estava trajando, parecia-me que estava de preto, ou alguma coisa muito escura. Chegando mais perto, vi que era um homem do mundo ocidental, vestido com roupas ocidentais.

Quando nos aproximamos, os lamas viraram-se e estenderam as mãos em nossa direção, dando-nos as boas-vindas. Vi que um deles era o meu Guia e amigo, o Lama Mingyar Dondup, de modo que tudo estaria bem, pois aquele homem era bom, e exclusivamente bom. O outro vulto que vi fora ainda mais eminente quando no plano terreno, mas agora era apenas parte da “comissão” de recepção que nos esperava.

Logo trocamos os nossos cumprimentos, e depois, como se fôssemos um só, passamos ao corpo do grande templo, atravessando o salão central e penetrando além naquele prédio. Entramos numa salinha, cuja existência não era fácil de descobrir, parecia que as paredes deslizavam para o lado e, admitindo-nos, fechavam-se solidamente sobre nós.

O meu Guia, que evidentemente era o porta-voz, virou-se para mim e disse:

— Meu irmão, eis o rapaz cujo corpo você vai habitar.

Virei-me e olhei para o rapaz, estupefato. Certamente não havia semelhança alguma entre nós; ele era muito menor do que eu e a única semelhança entre nós é que ele era calvo como eu! O meu Guia riu e sacudiu um dedo diante de mim:

— Ora, ora, Lobsang — riu-se ele, — não tome resoluções tão apressadas. Tudo isso foi planejado, e primeiro vou mostrar-lhe

algumas figuras do Registro Akáshico. — E foi o que fez.

Depois de olharmos o Registro, ele disse, dirigindo-se ao rapaz:

— Agora, meu jovem, acho que já é tempo de nos contar alguma coisa a seu respeito, pois se vamos assumir o seu corpo, então certamente chegou a hora daquele que vai assumir conhecer aquilo que o espera.

O rapaz, ao ouvir tais palavras, com um ar muito truculento respondeu, meio zangado:

— Bom, não, não tenho nada a dizer do meu passado, pois foi sempre apresentado contra mim. Tudo o que eu disser sobre o meu passado só servirá -para me rebaixar.

O meu Guia olhou para ele com tristeza.

Rapaz, nós aqui temos uma vasta experiência dessas coisas e não julgamos um homem pelo que os seus antepassados são, e sim pelo que ele é em si. — O meu Guia suspirou, e continuou. — Você ia cometer o pecado mortal do suicídio, um pecado que lhe teria custado caro em muitas, muitas vidas de provações para compensar. Nós lhe oferecemos a paz, no astral, para que possa conquistar a compreensão de algumas das coisas que o têm perturbado na vida. Quanto mais cooperar, mais facilmente poderemos ajudá-lo, bem como àquela tarefa que temos diante de nós.

O rapaz sacudiu a cabeça, negativamente.

— Não, o acordo era que eu desejava largar o meu corpo e vocês queriam pôr outro dentro dele, o acordo era esse, vocês têm de cumpri-lo.

De repente houve um lampejo e o rapaz desapareceu. O velho lama que estava comigo, que agora era um rapazinho cheio de saúde, exclamou:

— Ah, com pensamentos tão truculentos, ele não poderia permanecer conosco aqui nesse plano astral. Agora teremos de ir para onde ele está dormindo num quarto sozinho. Mas esta noite temos de deixá-lo dormir, não queremos danificar-lhe o corpo, de modo que, de algum modo, terei de voltar com você a Lhasa até amanhã à noite.

O tempo passou e eu vi que o velho lama se enfraquecia rapidamente, de modo que lhe disse:

— Está na hora de irmos para o astral.

— Sim — respondeu ele, — não tornarei a ver este corpo.



Tenho de ir, temos de ir, pois se eu morrer antes de chegar ao astral, isso nos atrasará.

Juntos sentimos a sacudidela e subimos, porém não para o mundo astral que tínhamos visitado antes. Desta vez subimos pelo mundo para uma casa na Inglaterra. Vimos no estado físico a cara do homem que antes eu só vira no astral. Ele parecia tão descontente, tão infeliz. Procuramos chamar-lhe a atenção, mas ele estava dormindo profundamente. O velho lama cochichou: “Você vem?” E eu cochichei: “Você vem?” E ficamos repetindo, um depois do outro, até que, com muita relutância, a forma astral daquele homem emergiu de seu corpo físico. Lentamente ela se foi emanando, lentamente aglutinou-se sobre ele no formato exato de seu corpo, depois inverteu sua posição, com a cabeça do corpo astral nos pés. A forma inclinou-se e pôs-se de pé. Ele certamente parecia muito truculento e, via-se, não tinha idéia alguma de nos ter visto antes. Isso era espantoso para mim, mas o meu companheiro me cochichou que ele tinha tido tal acesso de fúria e tinha voltado para seu corpo com tal violência que apagara todas as recordações do que lhe acontecera.

— Então você quer deixar o seu corpo? — perguntei.

— Claro que quero — respondeu ele, quase grunhindo.

— Detesto isso aqui.

Olhei para ele e estremei de apreensão e, para dizer a verdade, de medo puro. Como é que eu ia assumir o corpo de um homem daqueles? Um homem tão truculento, tão difícil. Mas era isso. Ele riu-se e disse:

— Então é você que quer o meu corpo? Bom, não importa o que você quer, não importa quem você é na Inglaterra, o que importa é quem você conhece, quanto você tem.

Conversamos e ele se acalmou um pouco e eu disse:

— Bom, tem uma coisa, você terá de deixar crescer a barba. Não posso raspar a minha porque meu queixo foi machucado pelos japoneses. Você pode deixar crescer a barba?

— Posso, sim, senhor — respondeu ele — posso e vou deixar. Pensei um pouco.

— Muito bem, você deve poder deixar crescer uma barba adequada dentro de um mês. Então, eu virei para assumir o seu corpo e você poderá ir para o mundo astral recuperar a sua tranqüilidade e saber que existe a alegria de viver. — E acrescentei: — Seria uma grande, grande ajuda para nós se você nos contasse a história de sua vida, pois, embora tenhamos visto muita coisa no

astral, por meio do Registro Akáshico, ainda liá muita coisa a saber, ouvindo-se a experiência real da pessoa interessada.

Ele assumiu um ar terrivelmente truculento de novo.

— Não, não suporto falar disso, não direi nem mais uma palavra.

Com tristeza, nós o deixamos e fomos para o mundo astral para consultar novamente o Registro Akáshico para ver grande parte da vida dele, mas neste registro a gente vê tudo o que aconteceu, não se tem obrigatoriamente as opiniões não expressas das pessoas, vemos o ato mas não o pensamento que o precedeu.

Mas agora demos um salto daqueles dias tão remotos. O rapaz, depois de muitos e muitos anos no astral, abrandou-se um tanto e até certo ponto percebe as dificuldades que enfrentamos. Portanto, concordou em nos contar história de sua vida. Ele no mundo astral e eu, Lobsang Rampa, aqui no mundo da Terra, tentando escrever precisamente conforme o ditado as coisas que o rapaz conta. Em breve teremos a história dele, mas é preciso frisar que não serão citados nomes, pois eles causam a infelicidade de outros. Esta não é uma história de vingança, nem de amargura. Na verdade, a história, neste livro é de triunfo sobre obstáculos aparentemente intransponíveis. Já houve muitas tentativas de impedir a publicação de meus livros, mas sempre me lembrei de como o homem avança, embora os cães ladrem a seus pés; sempre me lembrei de que o homem pode continuar o seu trabalho, embora em volta dele haja enxames de mosquitos e moscas. Portanto, digo, não tenho necessidade de amargura, pois o que desejava fazer é hoje possível e a minha tarefa atual é apenas completar a tarefa de outro que “tomou a margem da estrada”.

Mais uma vez repito com a maior sinceridade possível que todos estes livros são verdadeiros, completamente verdadeiros, escritos sem licença poética, contêm a verdade conforme essas coisas me aconteceram. Posso fazer todas as coisas sobre as quais escrevo, mas não para exibição pública, pois não sou nem charlatão nem exibicionista. As coisas que faço são para completar a minha tarefa.

Assim, agora viremos a página para ler o que é que o rapaz disse.

## CAPÍTULO OITO

Esta é a história da vida do Hospedeiro. É uma história difícil de contar porque o narrador está no plano astral e aquele que tem de transcrevê-la está no plano terreno, na cidade de Calgary, Alberta, no Canadá. Essa história de uma vida está fora do contexto, constitui uma quebra entre o que já foi escrito e a parte que continuaria naturalmente, mas quando se está lidando com assuntos do astral, a gente tem de fazer algumas concessões em matéria de tempo, pois o tempo no plano astral não é o mesmo que no plano terreno. Assim essa história de uma vida está sendo narrada agora, e o motivo de estar sendo narrada agora é dado aqui para evitar uma porção de cartas, fazendo uma porção de perguntas. Deste ponto em diante, portanto, e até eu indicar em contrário, tudo o que for escrito foi ditado por aquele a quem chamaremos de o “Hospedeiro”.

Meu avô era um homem muito importante, pelo menos no distrito rural de Plympton, que, ao que me lembre, incluía Plympton St. Mary, Plympton St. Maurice, Underwood e Colebrook, além de vários outros locais.

Meu avô era o chefe do Serviço de Águas de Plympton. Todos os dias ele ia de charrete pelo morro acima até que a pouco mais de um quilômetro do morro chegava a um montículo com uma cabaninha, o reservatório coberto. Meu avô ia até lá com uma vara de um metro e pouco, da qual uma extremidade tinha a forma de um pires e a outra era redonda. Ele costumava andar por ali com o ouvido grudado na extremidade em forma de pires e a outra ele encostava no chão e ouvia a água correndo pelos canos abaixo para

alimentar as torneiras de Plympton, Under-wood, Colebrook e outros distritos.

Meu avô também tinha um negócio bastante próspero, onde empregava vários homens e tinha uma porção de aprendizes. Ele lhes ensinava o ofício de bombeiros (encanadores) — daí as histórias grosseiras que depois apareceram — latoaria e mecânica em geral. Naqueles tempos, no início do século, as pessoas não iam correndo aos supermercados para comprar chaleiras, panelas, frigideiras e o mais. Essas coisas eram feitas à mão, e os empregados de meu avô as fabricavam.

Meu avô morava em Mayoralty House, em Plympton St. Maurice. A casa tinha sido residência do Prefeito e ficava bem defronte da Prefeitura e da Delegacia.

Mayoralty House consistia de uns dois hectares de terra dividida em três partes. A primeira partia da casa de quatro andares e formava um jardim murado de pouco menos de meio hectare. Nesse jardim perto da casa havia uma gruta construída de pedras muito grandes e com vitrais coloridos. Do lado de fora havia um gramado pequeno com flores e plantas nas bordas. No meio havia um tanque para peixes, grande e bem ladrilhado, com um repuxo e rodas d'água nas duas extremidades. Podia-se ligar um jato d'água e as rodas giravam. Depois havia um pesinho que descia dentro d'água e a certas horas do dia os peixes empurravam o peso e isso fazia tocar uma sineta e aí eles eram alimentados.

Diante do tanque de peixes havia dois grandes aviários de parede, muito bem cuidados e limpos. Nestes havia duas árvores secas presas na parede e isso constituía um lugar ideal para os pássaros muito mansos. Os pássaros eram tão mansos que quando meu avô entrava nos aviários, abrindo as portas, é claro, nenhum fugia.

Mais além, nessa primeira parte do jardim, havia uma estufa, uma das alegrias de meu avô. E além disso, o pequeno pomar.

Fora desse jardim, murado, havia uma estrada particular, que partia da rua principal e seguia por parte de Mayoralty House — que atravessava como uma ponte aquela estrada — e no fim havia o que tinham sido cervejarias em tempos idos. Estas não eram mais usadas quando as conheci, porque, aparentemente, ficava muito mais barato importar o malte para Plympton de alguma distância dali.

Junto à cervejaria havia o Corpo de Bombeiros. Meu avô era

dono do corpo de bombeiros e tinha cavalos que puxavam os carros dos bombeiros até ao local do incêndio. Ele fazia tudo isso como serviço público, mas se os negócios ou grandes casas de família eram salvas de um incêndio, então meu avô, é claro, cobrava-lhes uma taxa razoável. Mas dos pobres ele não cobrava nada. Os carros de bombeiros eram muito bem conservados e equipados por voluntários dos empregados dele.

Ali havia ainda os pátios onde se conservava grande parte do seu equipamento externo, com vagões e coisas assim. Ali também, tinha ele dois pavões, que eram o seu orgulho e alegria e que sempre se aproximavam dele quando fazia certos barulhos.

Atravessando-se aquele pátio, chegava-se a um portão e a um jardim que devia ter pouco mais de um hectare de extensão. Lá ele cultivava verduras, árvores frutíferas, e todo o jardim era muito bem cuidado.

Abaixo da casa — daquela casa de quatro andares — havia oficinas sem janelas, mas aparentemente bem ventiladas. Ali trabalhavam os mestres dos artesãos, latoeiros, caldeireiros e aprendizes, e tinham de trabalhar duro.

Meu avô tinha dois filhos, além de uma filha. Ambos os filhos foram lançados ao aprendizado, quisessem ou não. Tiveram de aprender mecânica geral, ofício de latoeiro, caldeireiro — e o de bombeiro, sempre presente, e tiveram de continuar estudando até passarem por todos os exames e obterem um certificado de registro.

Meu pai era um mecânico bastante bom, mas depois de certo tempo ele se afastou de meu avô, dizendo que o controle de vovô era muito severo, muito dominador. Meu pai iftudou-se para outra casa, ainda em St. Maurice, mas era chamada Brick House, por ser a única casa de tijolo vermelho daquela rua (brick — tijolo). Meu pai casou-se e morou em St. Maurice por algum tempo. Primeiro nasceu um filho, que morreu logo, e depois uma filha, e bem depois nasci eu, e sempre achei que eu era o acidente indesejável, certamente nunca fui favorecido de modo algum, nunca fui querido, nunca permitiram que eu tivesse amigos. Tudo quanto eu fazia estava sempre errado e tudo o que a minha irmã fazia estava sempre certo. Depois de certo tempo a pessoa vai ficando meio desgostosa, ao ver que é sempre indesejável e

ver o predileto ganhar tudo, com seus amigos e festas e o mais.

Mesmo o segundo lugar era considerado bom demais para mim.

Meus pais mudaram-se para Ridgeway, na Paróquia de St.

Mary. Lá instalaram uma firma — não, não de encanadores — um negócio de mecânica que incluía eletricidade, que começava a se popularizar. Meu pai era um homem muito simpático, na medida em que conseguia ser simpático. Era de Escorpião e minha mãe era de Virgem. Ela era de uma família muito boa, de outra parte de Devonshire. Essa família já tivera muito dinheiro e muitas terras, mas o pai dela e um vizinho começaram a brigar por causa de uma certidão de trânsito e . . . bom . . . afinal apelaram para a justiça. Foi dado um veredicto, e eles apelaram e assim continuaram até que quase não tiveram mais dinheiro, certamente não tinham dinheiro para continuar a briga, e assim a terra, que fora a causa de todos os problemas, foi vendida.

Minha mãe e meu pai não se entendiam bem. Minha mãe era muito dominadora, era conhecida no lugar como “A Lady”, devido a suas pretensões. Ela estava muito amargurada, devido à perda da fortuna da família. Infelizmente, pareceu descontar sua amargura sobre o marido e o filho.

Meu avô tinha um irmão que era um artista de talento. Era membro da Real Academia, e conquistara uma reputação bastante boa. Lembro-me de um quadro dele, especialmente, que sempre me empolgava. Era um quadro de Old Barbican, em Plymouth; o Barbican como era quando o “Mayflower” partiu para os Estados Unidos. Era um quadro lindo, cheio de cores vivas, maduro, podia-se olhar para ele e logo ver que se estava “ali”. Tio Richard, como o chamávamos, sempre dizia que o quadro seria de nós, crianças. E foi, de minha irmã, e foi a única coisa que realmente cobicei, era o que queria acima de tudo, a não ser alguns anos depois, quando me prometeram um trem em miniatura — um trem azul — que a meus olhos infantis era o trem mais maravilhoso do mundo, e me fora prometido solenemente, e depois, no dia em que ia ganhá-lo, disseram-me:

— Ah, não, você não vai poder ganhá-lo. A sua irmã quer um piano. Seu pai e eu vamos comprá-lo agora.

Sim, eu realmente queria aquele trem, assim como queria o quadro.

Coisas assim aconteciam sempre. Minha irmã tinha uma bicicleta maravilhosa, e eu tinha de andar a pé. Mas não é este o objetivo dessa história. Sou obrigado a contar tudo isso porque, disseram-me, faz parte do acordo que fiz para deixar tomarem conta do meu corpo. De qualquer forma, já estava farto do raio do corpo.

Era todo errado.

Nasci doentio, e o meu nascimento deixou minha mãe muito mal de saúde. Parece que ela teve uma intoxicação quando nasci, e por algum motivo estranho aquilo provocou uma animosidade contra mim, tal como se fosse eu o culpado. Não havia nada que eu pudesse fazer a respeito; era criança demais para saber alguma coisa daquilo. Mas o fato é que ela ficou muito doente, e eu também, e fui doente durante toda a minha vida terrena. Era doentio. Tínhamos um médico, o Dr. Duncan Stamp, que era um dos médicos de verdade, sempre estudando, sempre adquirindo mais títulos depois de seu nome. Não era muito simpático, mas sabia muito. Não gostava de mim nem eu dele. Mas lembro-me de uma coisa extraordinária; um dia eu estava. . . bom, disseram que eu estava à morte. Esse Dr. Stamp chegou junto a minha cama e pareceu pendurar alguma coisa de uma lâmpada e me pôs uns tubos. Até hoje não sei o que foi que ele fez, mas restabeleci-me e depois disso sempre pensei nele como um praticante de milagres.

Lembro-me da Grande Guerra, isto é, a Primeira Guerra Mundial. Os meus pais, eu e minha irmã estávamos na Estação North Road, em Plymouth. Tínhamos ido visitar alguém num lugar chamado Penny-Come-Quick. Era tarde da noite e de repente ouvimos tiros e uns faróis pelo céu, e à luz dos faróis vi o meu primeiro Zepelim. Ele voou sobre Plymouth e depois voltou para o mar, mas este é outro incidente de nunca me esqueci; o aspecto daquele balão na luz cruzada dos holofotes.

Plympton é um lugar muito antigo, cheio de história. Há a grande igreja de St. Mary, ao pé de Church Hill. Descendo-se o morro, a torre da igreja parecia ser ainda mais alta do que o topo do morro. Descia-se e seguia-se pelo pátio da igreja e depois virava-se à esquerda. Se a gente passasse a igreja, chegava ao convento e várias antigas casas religiosas, que o clero não usava mais porque, ao que parecia, tinha havido divisão de poderes e a sede da igreja fora transferida para Buckfast.

Por trás do convento havia um agradável riacho, em que havia caniços e juncos, que as pessoas iam apanhar para fazer cestas e outras coisas. Ali também, uns cem anos antes, costumavam fabricar hidromel, que era a bebida da época.

A igreja era um lugar muito imponente, de pedra cinzenta com uma grande torre e quatro pilastras pequenas de cada lado da torre. Os sinos eram maravilhosos, quando repicados direito, e os

campanólogos vinham de toda parte de Devonshire para tocar as mudanças, como as chamavam, e os sineiros de Plympton se revezavam para mostrar a sua habilidade.

A igreja de St. Maurice não era tão grandiosa quanto a de St. Mary. Era menor, obviamente uma igreja satélite. Naquele tempo, St. Maurice e St. Mary eram comunidades separadas e quase não tinham movimento social. Colebrook e Underwood não tinham igrejas, e os fiéis tinham de ir a St. Maurice ou a St. Mary.

Plympton tinha a sua quota de grandes residências, mas a maioria tinha sido muito danificada por Oliver Cromwell e seus soldados. Muitas tinham sido demolidas por ordem do Juiz Jeffreys, mas o Castelo de Plympton era um lugar que me fascinava. Havia um grande monte, com os remanescentes de fortes muros de pedra e os muros eram muito grossos, e alguns de nós verificamos que havia um túnel por dentro deles, ao comprido. Alguns garotos mais audaciosos diziam que tinham entrado numa câmara estranha, embaixo dos muros, em que havia esqueletos, mas nunca cheguei a me aventurar tanto, apenas aceitei a palavra deles. O Castelo de Plympton ficava num anfiteatro, um grande espaço redondo com uma elevação em volta. Essa elevação era um lugar muito bonito para um passeio, mas a depressão no meio — como que no centro de um pires — era muito usada por circos e outros divertimentos públicos.

Fui mandado para o meu primeiro colégio num lugar chamado — que nome mais estranho! — Co-op Fields. Tinha esse nome porque seus primeiros proprietários foram a Plympton Cooperative Wholesale Society. A terra fora vendida para angariar fundos para outros empreendimentos e algumas casas foram construídas ali, e depois mais algumas, e mais, de modo que afinal tomou-se uma comunidade separada, quase uma pequena aldeia em si. E era ali que eu ia à escola. Era. . . bom, acho que seria chamada de uma escola de Senhoras. <sup>L</sup> Era de uma Srta. Gillings e da irmã. Juntas, dirigiam o que pretendia ser uma escola, mas na verdade era mais para impedir que as crianças levadas apoquentassem os pais. A caminhada de Ridge-way até à escola da Srta. Gillings era uma coisa penosa para mim, em meu estado precário de saúde, mas não havia nada a fazer, eu tinha de ir. Mas depois de algum tempo acharam que eu já estava muito crescido para continuar a freqüentar aquela escola, de modo que fui transferido para uma Escola Preparatória. Chamava-se a Escola do Sr. Beard. O Sr. Beard era um velhinho bonzinho, muito inteligente mesmo, mas não



conseguia impor disciplina.

Ele se havia aposentado do magistério e ai, caceteado com sua inatividade, fundara sua própria escola, e o único local que encontrou foi um grande salão anexo ao George Elotel. Esse hotel ficava no topo de George Hill, e era muito conhecido. Entrava-se nele por uma arcada e o chão era pavimentado, e para chegar à escola do Sr. Beard era preciso atravessar todo o pátio, passando-se por todas as antigas cocheiras e estábulos. Do outro lado do pátio havia uma escada de madeira que dava para uma sala que parecia ter sido uma sala de reuniões. Aquela foi a primeira escola em que comecei a aprender alguma coisa, e não aprendi grande coisa, mas isso foi por minha culpa, e não por culpa do velho Beard. Na verdade, ele era delicado demais para ser professor, as pessoas se aproveitavam dele.

Depois de algum tempo, a Escola Elementar de Plympton reabriu num novo lugar. A Escola Elementar de Plympton era uma das mais famosas da Inglaterra, muita gente ilustre a tinha freqüentado, inclusive Joshua Reynolds. Na velha Escola Elementar, em St. Maurice, o nome dele e de outras pessoas muito ilustres estavam entalhados nas mesas e na madeira, mas aquele prédio escolar tivera de ser fechado porque os estragos do tempo o tinham danificado e os andares superiores não eram considerados seguros.

Depois de uma busca muito demorada, arranjaram uma casa muito grande, que ficava à sombra do Castelo de Plympton, à sombra, realmente, daquela parte circular onde iam os circos.

Gastou-se muito dinheiro na sua adaptação, e fui um dos primeiros alunos matriculados naquela escola. Não gostei nada daquilo, detestava o lugar. Alguns professores tinham sido desmobilizados das forças armadas e em vez de tratarem as crianças como crianças, tratavam-nas como soldados sanguinários. Um professor, em especial, tinha o mau hábito de quebrar o giz pelo meio e atirar as metades com toda força sobre algum culpado, e embora possa parecer que o giz não possa machucar muito, já vi o rosto de um menino ficar ferido pelo impacto. Hoje em dia imagino que o professor iria para a cadeia por agressão corporal, mas pelo menos aquilo servia para manter a ordem.

Como recreação, freqüen tá vamos os campos de esportes da velha Escola Elementar, o que nos valia uma caminhada de um quilômetro e meio de ida e outro tanto de volta, e mais todo\* o exercício, etc.

Por fim chegou o momento de deixar a escola. Eu não fizera nada de notavelmente bom, mas também nada de muito mau. Além dos estudos da escola, eu fizera alguns cursos por correspondência e consegui uns papeluchos dizendo que estava qualificado nisso e naquilo. Mas quando chegou a hora de sair da escola meus pais, sem qualquer tolice como perguntar o que eu gostaria de ser, matricularam-me como aprendiz numa firma de engenharia mecânica em Plymouth. Assim, quase no mesmo dia em que saí da escola, fui enviado para essa firma em Old Town Street, em Plymouth. A firma vendia carros, etc., mas ocupavam-se mais de motocicletas, aliás eram os representantes das motocicletas Douglas em South Devon. Mais uma vez, era um lugar antipático, pois só interessava o trabalho. Eu saía de Plympton de manhã cedinho e ia de ônibus a Plymouth, a uns nove quilômetros de distância. Na hora do almoço, estava faminto, de modo que, qualquer que fosse o tempo, eu levava sanduíches — não havia nada para beber a não ser água — e ia a um parquezinho atrás da igreja de St. Andrew, em Plymouth. Ficava ali no parque e comia os meus sanduíches o mais depressa que podia, para não me atrasar.

O trabalho era muito duro mesmo, pois às vezes nós, os aprendizes, éramos enviados a Crown Hill para buscar uma motocicleta pesada. Bom, íamos a Crown Hill ou outros lugares de ônibus — um para cada lugar, claro — e depois tínhamos o problema de levar de volta os raios das motos. Não podíamos montar porque estavam com defeito, de modo que a única hora em que vínhamos montados era ao descer alguma ladeira.

Lembro-me de uma vez em que tive de ir a Crown Hill para buscar uma motocicleta muito grande, marca Harley Davidson. O proprietário tinha telefonado para a oficina e dito que a moto podia ser apanhada bem do lado de fora, de modo que fui até lá, saltei do ônibus, vi a motocicleta, tirei-a do seu suporte e saí empurrando-a. Já tinha percorrido uns cinco quilômetros quando um carro da polícia parou bem na minha frente. Dois guardas saltaram pensei que iam me matar! Um agarrou-me pelo pescoço, o outro prendeu meus braços, para trás e tudo tão de repente que a moto tombou e me machucou as canelas. A moto foi posta do lado da estrada e fui enfiado dentro do carro da polícia e levado para a Delegacia de Crown Hill. Lá um sargento de polícia, aos gritos, ameaçou-me das mortes mais terríveis se eu não lhe contasse quem eram meus companheiros do crime.

Ora, eu não era muito adulto naquela época e não sabia do que

ele estava falando, de modo que ele me deu umas bofetadas e me trancou numa cela. Não queria ouvir minhas explicações de que eu tinha ido buscar uma motocicleta, cumprindo ordens.

Umás oito horas depois, um dos funcionários da firma chegou e me identificou, confirmando que eu estava legitimamente apanhando uma motocicleta enguiçada. O sargento de polícia me deu um cascudo e disse para não tornar a me meter em encrencas e para não aborrecê-los. É por isso que não gosto da polícia, tenho tido encrencas com ela a vida toda e juraria o seguinte: nunca fiz nada que merecesse uma perseguição por parte da polícia. Em todas as ocasiões, tem sido apenas negligência, como nessa ocasião em que não me deixaram explicar o que tinha acontecido.

No dia seguinte, porém, o proprietário da motocicleta chegou na firma e riu às gargalhadas. Não foi nada simpático, não parecia perceber que choque tinha sido para mim ir para a cadeia.

Um dia, eu mal podia levantar da cama, estava me sentindo mal, tão mal que tinha vontade de morrer. Mas não adiantou nada, minha mãe insistiu em me fazer levantar da cama. Assim, tive de passar sem o café da manhã, e o dia estava chuvoso e frio. Ela me acompanhou até ao ponto de ônibus e me meteu dentro do velho ônibus de transporte Devon Motor com tanta brutalidade que cheguei a cair de joelhos.

Fui trabalhar, mas depois de umas duas horas desmaiei, e alguém disse que deviam levar-me para casa, mas o encarregado disse que não tinha tempo para andar atrás de aprendizes em dificuldades, de modo que me fizeram ficar lá até o fim do dia, sem café da manhã, nem almoço nem nada.

No fim do dia de trabalho, fui andando, muito tonto, até à parada de ônibus defronte da igreja de St. Andrew's. Felizmente havia um ônibus esperando e caí num assento no canto. Quando cheguei em casa, mal tive forças para cambalear para a cama. Ninguém se interessou muito por meu bem-estar, ninguém perguntou como eu estava me sentindo, ninguém perguntou por que eu não queria jantar, e fui para a cama.

Passei uma noite péssima, parecia que estava ardendo e estava ensopado de transpiração. De manhã minha mãe chegou e me acordou muito bruscamente — pois eu caíra num sono de exaustão — e até mesmo ela viu que eu não estava bem. Afinal telefonou para o Dr. Stamp. Meio dia depois ele apareceu. Deu uma olhada para mim e disse “Hospital!” E assim veio a ambulância — naquele tempo a ambulância era dirigida pelo agente funerário local

— e fui levado para o Hospital de South Devon e East Cornwall. Estava com uma grave moléstia de pulmão.

Fiquei internado naquele hospital durante umas onze semanas e depois houve muita discussão para resolverem se eu devia ou não ser mandado para um sanatório, pois estava tuberculoso.

Meu pai e minha mãe se opunham a isso porque, diziam, não teriam tempo de ir visitar-me se eu fosse mandado para um sanatório, a alguns quilômetros de distância. Assim, fiquei em casa e não melhorei nada. De vez em quando tinha de voltar ao hospital. Aí a minha vista foi afetada e fui levado à Enfermaria Royal Eye, em Mutley Plain, que não ficava longe do Hospital de South Devon e East Cornwall. Esse hospital era bem agradável, se é que se pode dizer que alguma coisa é agradável quando se está cego. Mas afinal tive alta do hospital, com a vista muito afetada, e tornei a voltar para casa.

A essa altura o rádio já era bem conhecido. Meu pai tinha um aparelho de rádio de galena e eu achava aquilo a maior maravilha do mundo. Meu pai estudava muito os assuntos sobre o rádio e fazia imensos aparelhos com muitas válvulas e depois entrou no negócio de fazer aparelhos de rádio para os outros, bem como serviços de eletricidade.

Nessa época foi decidido que eu devia partir por algum tempo, para mudar de ares, de modo que, doente como estava, puseram-me numa velha bicicleta e me mandaram com um operário para Lydford, onde tinha uma tia. Muitas vezes desejei que essa tia fosse minha mãe. Era uma mulher realmente boa, e eu gostava dela como certamente não gostava de minha mãe. Ela cuidou de mim, tratou-me realmente como se eu fosse filho dela, mas, conforme ela disse, não é muito bom fazer um rapaz viajar 40 quilômetros de bicicleta quando ele mal pode respirar. Afinal, tive de voltar para casa e desta vez a viagem foi bem melhor. Lydford fica nas charnecas de Devonshire, em Dartmoor, depois de Tavistock, não longe de Okehampton, e lá o ar era puro e a comida boa.

De volta a casa, em Plympton, comecei a fazer outros cursos por correspondência, e aí minha mãe me disse que eu tinha de ir trabalhar. E meu pai tinha uma porção de aparelhos de rádio e coisas elétricas de modo que eu tinha de viajar para vender aquilo tudo aos pequenos negociantes. Viajei por Elburton, Modbury, Okehampton e outros lugares, vendendo acumuladores, peças de rádio, e material elétrico. Mas depois de algum tempo aquela vida muito, muito atribulada foi demais para mim e a minha saúde não

agüentou. Estava dirigindo um carro, na ocasião, e fiquei cego. Ora, é uma coisa extremamente desagradável perder a vista completamente quando se está dirigindo. Felizmente, consegui parar o carro sem qualquer contusão e fiquei onde estava até que chegou alguém para ver o que estava acontecendo e por que eu estava obstruindo o tráfego. Durante algum tempo, não logrei convencer às pessoas de que estava doente e que não podia ver, mas afinal chamaram a polícia e me levaram de ambulância para o hospital. Meus pais foram informados e a primeira coisa em que pensaram foi no carro. Quando o carro foi levado para casa, verificaram que tudo o que estava dentro dele tinha sido roubado, aparelhos de rádio, baterias, equipamentos de provas, tudo. De modo que não ficaram satisfeitos comigo. Mas uma temporada no hospital me melhorou por algum tempo, e aí tornei a voltar para casa.

Estudei mais um pouco e por fim resolveram que eu ia treinar para ser radiotelegrafista. Assim é que fui a Southampton, e junto a Southampton havia uma escola especial que treinava as pessoas para serem radiotelegrafistas a bordo de aviões. Fiquei lá por algum tempo, passei nos exames e consegui um certificado de radiotelegrafista de primeira classe. Tive de ir a Croydon para o exame, e passei. Ao mesmo tempo aprendi a pilotar aviões e consegui também um brevê. Mas, . . . não consegui passar no exame de saúde para um brevê comercial, de modo que tive de ficar em terra antes mesmo de começar a carreira.

Quando voltei para casa, consideraram-me culpado por não ter saúde e por gastar dinheiro fazendo esses cursos quando a minha saúde era tão precária que eu fora reprovado. Fiquei um bocado zangado, pois não era culpado por minha falta de saúde, não era eu que queria ficar doente. Mas houve uma grande reunião de família e meus pais resolveram que era preciso fazer alguma coisa, pois eu estava apenas desperdiçando a minha vida.

Naquele momento mesmo, o inspetor sanitário local, que era muito amigo de meus pais, disse que havia muitas oportunidades para inspetores de fumaça, especialmente nas grandes cidades, onde as pessoas estavam-se preocupando com a ecologia e havia muita poluição por fumaça das fábricas e firmas industriais, de modo que fora criada uma nova categoria de inspetores de fumaça. Naturalmente, havia inspetores sanitários, e inspetores sanitários que eram inspetores de carne, mas agora havia uma nova categoria — inspetores de fumaça. O inspetor sanitário chefe disse que seria

ótimo para mim, pois era um bom emprego, bem pago, e que naturalmente eu teria de fazer um curso. E haviam justamente criado um novo curso por correspondência para inspetores de fumaça. Estudei em casa e passei bem depressa, em três meses, e aí me disseram que eu teria de ir a Londres para estudar no Real Instituto Sanitário em Buckingham Palace Road. Assim, não muito satisfeitos, meus pais adiantaram o dinheiro e fui para Londres. Frequentava as aulas diariamente no Real Instituto Sanitário, e saíamos muitas vezes em excursões a fábricas, usinas, e uma porção de lugares esquisitos. Afinal, depois de três meses, tivemos de ir a um imenso salão de exames, onde parecia haver milhares de pessoas rodando. Ficamos em grupinhos: aquele que ia fazer um determinado exame ficava isolado dos outros que iam fazer o mesmo tipo de exame. Mas o fato é que passei e consegui o meu diploma de inspetor de fumaça.

Voltei a Plympton com o diploma, pensando que agora tudo ia ser fácil. Mas nada disso. Candidatei-me a um emprego em Birmingham e fui a Birmingham — a Lozelles — para uma entrevista. Lá me disseram que eu não poderia ter o emprego porque não residia no condado.

Voltei para Plympton e tentei um emprego em Plymouth. Mas a prefeitura de Plymouth não me quis empregar por motivo muito semelhante, só que eu estava no condado certo, mas não na cidade certa. E assim foi indo e depois de alguns anos assim, em que eu ia fazendo tudo o que podia — qualquer coisa para me manter vivo e vestido — meu pai morreu. Havia anos que estava doente. Passara a maior parte do tempo de cama, e mais ou menos um ano antes de morrer, a firma dele fora vendida e a loja transformada num centro cirúrgico. As vidraças foram pintadas de verde e a loja em si era a sala de operações, sendo a nossa parte de habitação usada como consultório e farmácia. Minha mãe e eu morávamos no que tinha sido a oficina.

Mas depois da morte de meu pai um grupo de médicos resolveu mudar-se para outra zona, de modo que ficamos sem renda alguma. A minha saúde não estava nada boa. Minha mãe foi morar com a filha, minha irmã, e como eu tinha sido ótimo aluno de um colégio por correspondência, consegui emprego numa firma de instrumentos cirúrgicos em Perivale, Midl- essex. Primeiro fui nomeado gerente de vendas, mas quando o proprietário da firma descobriu que eu sabia redigir bons anúncios, ele me fez gerente de publicidade também.

Tive de fazer cursos de peças cirúrgicas, e depois disso tomei-me consultor.

Eu era tão considerado nesse trabalho que fui transferido de Perivale para o centro de Londres e era o principal perito em peças nos escritórios de Londres.

Pouco antes de partir para trabalhar nos escritórios de Londres foi declarada a guerra entre a Inglaterra e a França. Tudo ficou em *blackout* e eu achava a viagem de Perivale a Londres todos os dias muito exaustiva. Aquilo me esgotava ao máximo, e nesse meio tempo eu me casei. Bom, não pretendo dizer nada a esse respeito, pois parece que a imprensa na Terra já disse demais, quase tudo mentira. Pediram-me que falasse sobre a minha vida, de modo que me limitarei estritamente à minha vida.

Não podíamos continuar em Perivale porque as viagens estavam muito difíceis, de modo que conseguimos encontrar apartamento na zona de Knightsbridge, em Londres. Era uma felicidade poder ir de metrô todos os dias ao escritório.

A guerra estava esquentando, as coisas se tornavam mais difíceis, havia um racionamento severo e falta de víveres. As bombas caíam incessantemente sobre Londres. Grande parte de meu tempo eu passava vigiando os incêndios. Tinha de subir por escadas de ferro enferrujadas até o alto dos prédios e ficar vigiando a aproximação dos bombardeiros alemães, e se os visse a tempo, tinha de avisar ao pessoal que estava trabalhando embaixo.

Um dia estava passeando por Hyde Park em minha bicicleta, indo para o trabalho, e vi os bombardeiros se aproximando. Um deles lançou umas bombas que pareciam que iam cair incomodamente perto de mim, de modo que larguei a bicicleta e corri para me abrigar sob umas árvores. As bombas caíram, mas não atingiram o parque, e sim o Palácio do Buckingham, onde fizeram bastantes estragos.

Parecia que as bombas estavam caindo por toda parte. Um dia eu ia saindo num caso especial de peças cirúrgicas, e me aproximava da Estação de Charing Cross quando, de repente, uma grande bomba caiu das nuvens, entrou pela estação, atravessou-a e chegou até ao metrô, que estava cheio de gente. Até hoje vejo a nuvem de pó e de fragmentos de. . . o quê?. . . espalhados que foram lançados pelo buraco no teto da estação.

Uma noite houve um terrível ataque aéreo e o lugar em que eu morava com minha mulher foi bombardeado. Tivemos de sair no

meio da noite, como estávamos. Durante muito tempo ficamos vagando no escuro, e havia outras pessoas vagando também, estava tudo em caos. As bombas caíam e o céu estava vermelho de chamas do East End incendiado. Víamos a Catedral de S. Paulo destacada em chamas e no meio de grandes nuvens de fumaça. De vez em quando ouvíamos o *ra-ta-ta* do fogo das metralhadoras e quando as cápsulas usadas caíam em volta de nós. Por toda parte havia estilhaços caindo e pusemos os capacetes de aço porque os fragmentos enfumaçados que caíam teriam atravessado um corpo desprotegido.

Por fim amanheceu e telefonei para o meu patrão para dizer que minha casa tinha sido bombardeada e que eu estava desabrigado.

— Não ligue para isso, você tem de vir trabalhar. Outras pessoas também tiveram suas casas bombardeadas e estão desabrigadas.

E assim, sujo e com fome, peguei um trem e fui ao escritório. Ao aproximar-me de nossa rua, vi que estava com um cordão de isolamento. Tentei transpor a barreira, mas um guarda muito metido aproximou-se e acusou-me de estar saqueando — os espíritos estavam muito exaltados, no momento. Naquele instante o meu patrão saltou de um carro e se aproximou de mim. Mostrou seu cartão de identificação ao guarda e juntos atravessamos a barreira e entramos no nosso escritório.

A água estava jorrando por todos os lados. O lugar tinha sido atingido por uma bomba e o sistema de abastecimento de água tinha sido destruído. Do telhado, muitos andares acima, a água caía em cascatas sobre o estoque. O porão estava inundado e por toda parte havia vidros, fragmentos de pedras e nós viramos e encontramos um invólucro de bomba engastado numa parede.

Estava tudo em caos. Não havia muita coisa que valesse a pena salvar. Conseguimos tirar alguns arquivos e algumas peças de equipamento e todos pusemos mãos à obra e tentamos fazer uma limpeza no local, mas era caso perdido — não havia possibilidade de se fazer aquilo funcionar de novo. Por fim o meu patrão disse que ia mudar-se para outra região do país e convidou-me a acompanhá-lo. Eu não pude aceitar, pois não tinha dinheiro para isso. Era realmente muito difícil comprar coisas, e ter de montar uma casa de novo em algum lugar remoto era uma despesa em que eu não podia nem pensar. E assim . . . como não pude ir, fiquei desempregado na Inglaterra, em tempo de guerra.



Procurei várias agências de emprego, tentando obter qualquer trabalho. Tentei ser policial de tempo de guerra, mas não consegui passar no exame de saúde. As circunstâncias estavam-se tornando desesperadoras: a gente não pode viver de brisa, e como último recurso, fui aos escritórios da escola de correspondência onde eu fizera tantos cursos.

Aconteceu que eles estavam precisando de uma pessoa, pois alguns de seus empregados tinham sido convocados, e eu tinha — ao que me disseram — uma ficha invejável, de modo que me disseram que eu poderia ter um emprego no departamento consultivo. O salário seria de cinco libras por semana e eu teria de morar em Weybridge, ilo Surrey. Não, disseram, não podiam adiantar-me nada para me ajudar a instalar-me lá. Primeiro, eu teria de ir lá para ter uma entrevista com um de nossos diretores. Assim, andei indagando e verifiquei que o meio mais barato era ir por um ônibus da Green Line, de modo que no dia marcado fui a Weybridge, mas tive de esperar um tempão, pois o diretor não tinha chegado. Disseram-me:

Ah, ele nunca chega na hora que diz que vai chegar, pode só chegar às quatro horas. Você terá de esperar.

Bom, afinal o diretor chegou, recebeu-me e foi muito amável e ofereceu-me o emprego de cinco libras por semana. Disse-me que havia um apartamento vazio sobre a garagem, que eu poderia ocupar pagando um aluguel caríssimo, mas eu estava com pressa de conseguir emprego, de modo que concordei com as condições dele. Voltei a Londres e levamos as nossas bagagens para Wy-bridge, subindo pela velha escada de madeira para o apartamento acima da garagem. No dia seguinte, comecei o meu trabalho como encarregado da correspondência, que era o que realmente era, numa escola por correspondência.

Há tantos termos grandiosos: hoje em dia há lixeiros chamados de peritos em saneamento quando não passam de lixeiros. Alguns dos encarregados da correspondência chamam-se consultores-orientadores ou consultores de carreiras, e no entanto o que fazíamos não passava das atribuições de encarregados de correspondência.

Parece que é crime pertencer a certa categoria. Sempre me disseram que meu pai era encanador; na verdade, não o era, mas c se fosse? Certamente foi aprendiz de encanador, mas, como eu, não tive escolha. Servi de aprendiz de mecânico de motores. E, de qualquer forma, e o caso do famoso Sr. Crapper, o cavalheiro que

inventou as privadas do jeito que são hoje? Não foram aperfeiçoadas desde os tempos do velho Crapper. Crapper, se estão lembrados, era bombeiro, e muito bom, até a sua invenção do tanque de descarga e da privada de descarga lhe conquistaram as boas graças do Rei Eduardo, que tratou o Sr. Crapper como amigo pessoal. Portanto, como vêm, um bombeiro pode ser amigo da realza, assim como um merceiro; Thomas Lipton, dizem, era merceiro. Por certo que era, tinha uma grande mercearia, e era amigo do Rei Jorge V. Certamente não importa o que era o pai da pessoa, e por que é vergonhoso ter um pai que foi comerciante? Hoje em dia as filhas de reis se casam com negociantes, não se casam? Mas sempre acho graça porque Jesus, ao que dizem, era filho de um carpinteiro. E em que isso era uma vergonha?

Bom, tudo isso está me desviando muito de minha história, mas direi apenas que preferia ser filho de um bombeiro do que daqueles pobres doentes que se chamam de jornalistas. Para mim, não há trabalho mais nojento do que o de jornalista. Um bombeiro limpa a sujeira das pessoas. Um jornalista faz sujeira com as pessoas.

Desde que estou aqui, encontrei várias coisas interessantes, mas há uma em especial que me intriga, e que é a seguinte: tenho um nome bastante honrado, não apenas devido ao “Tio Richard”, mas a outros que o precederam, um que foi colega de Sir Joshua Reynolds e outro que foi o Governador, ou como o chamam, da Torre de Londres. E isso numa ocasião em que fizeram uma tentativa para roubar as Jóias da Coroa, tentativa frustrada.

Há muito o que se ver aqui, muito o que aprender, e dizem-me que ainda tenho muito que aprender, porque ainda não aprendi a humildade, ainda não aprendi a lidar com as pessoas. Pois bem, estou fazendo o que posso, contando tudo isso que, juro sobre uma pilha de bíblias, é a verdade e nada senão a verdade.

## CAPÍTULO NOVE

A vida em Weybridge não era feliz. Tornei-me guarda de ataques aéreos. Um outro guarda ficou com muita inveja de mim e fez tudo o que pode para me prejudicar. Propus a minha demissão, mas não quiseram que eu me demitisse.

Uma noite houve um ataque aéreo enquanto eu estava em Weybridge, e depois um policial chegou à porta. Parece que havia uma luzinha <sup>1</sup>— que mal dava para ser notada a 30 metros de distância, aparecendo. Havia um interruptor defeituoso no apartamento, no patamar, era um desses interruptores velhos de metal, com um botão grande, e suponho que a vibração causada pelos choques e tudo isso o tivesse abalado e feito girar para a posição de “ligado”. O policial podia ver por si que se uma mosca desse um espirro a luz se acenderia, pois a mola estava com defeito, mas não, a luz estava aparecendo, e era isso. Assim, tive de comparecer ao tribunal e pagar uma multa. E isso é uma coisa que me tem magoado desde então, pois foi tão desnecessário, e foi o guarda “inimigo” quem me denunciou. Depois disso, demiti-me da Patrulha de Ataques Aéreos, pois achava que se as pessoas não sabem trabalhar juntas, então é melhor desmembrar “o grupo”.

Em Weybridge, eu tinha de fazer tudo, responder às cartas, convencer as pessoas a fazerem cursos por correspondência, cuidar da conservação dos carros do patrão — e ele estava sempre

trocando os malditos — fazer de mensageiro gratuito e tudo o que aparecesse. E tudo isso por cinco libras por semana!

As pessoas estavam sendo convocadas, as circunstâncias ficavam cada dia mais difíceis, cada vez havia menos comida e da fábrica de aviões em Brooklands ouvia-se sempre ruídos estranhos. Um dia, um Wellington estava fazendo um vôo de prova, e caiu bem junto da aldeia de Weybridge. O piloto salvou a aldeia ao custo de sua própria vida, pois fez o aparelho cair sobre a linha eletrificada da ferrovia. O avião ficou como um brinquedo que se houvesse quebrado em mil pedaços espalhados por toda parte, mas o povo de Weybridge foi salvo devido ao sacrifício do piloto.

Naquela ocasião recebi a minha convocação. Tinha de comparecer perante uma Junta Médica, como formalidade, antes de ingressar em uma das armas. \*

No dia marcado, fui ao grande salão onde havia outros homens esperando para serem examinados. Eu disse a um empregado de lá:

— Já fui tuberculoso, sabe?

Ele olhou para mim.

— Você está mesmo com uma cara ruim, rapaz, devo dizer. Sente-se ali.

Sentei-me onde ele mandou e fiquei esperando. Por fim, quando quase todos os outros tinham sido examinados, os médicos viraram-se para mim.

— O que é isso? — disse um deles. — Você diz que foi tuberculoso. Sabe o que é a tuberculose?

— Por certo que sim, senhor — disse eu. — Já tive isso.

Ele me fez uma porção de perguntas e depois resmungou e resmungou. Depois consultou os companheiros.

Por fim tornou a virar-se para mim, como se estivesse tomando a decisão mais grave do mundo.

— Vou mandá-lo para o Hospital de Kingston — disse. — Lá eles o examinarão e logo descobrirão se você está ou não tuberculoso, e se não estiver. . . que Deus o ajude!

Ele preencheu o formulário com cuidado, selou-o, colocou o noutro envelope e selou aquele também, e depois atirou-o para mim. Apanhei-o no chão e fui para casa.

No dia seguinte, disse ao meu patrão que tinha de ir ao hospital para ser examinado. Ele pareceu estar completamente caceteado, tive a impressão de que estava pensando “Ah, por que é que ele fica desperdiçando o meu tempo, por que não vai logo para o Exército e some de minhas vistas?” Mas consegui fazer o meu

trabalho naquele dia e no dia seguinte, conforme minhas instruções, tomei o ônibus para Kingston-on-Thames. Dirigi-me a um hospital ali. Fizeram tudo quanto era exame em mim e depois me tiraram raios-X. Depois, meteram-me num compartimento onde havia uma porção de chapas de raios-X molhadas estendidas, secando. Após uma meia hora de espera chegou uma mulher, que me disse:

Pode ir para casa!

Só isso, ninguém disse mais nada, de modo que fui para casa.

Depois recebi um aviso para ir à Clínica de Tuberculose em Weybridge. Naturalmente, isso ocorreu umas três ou quatro semanas mais tarde, mas o aviso chegou e lá fui eu à Clínica de Tuberculose, obedientemente. A essa altura, já estava farto de tudo aquilo. Na clínica fui atendido por um médico maravilhoso, que era mesmo tudo o que um médico deve ser. Ele tinha as minhas radiografias, e concordou comigo que era tolice eu ser transferido de um departamento para outro. Disse que era perfeitamente evidente que eu tinha graves cicatrizes nos pulmões e que se ingressasse no exército, seria um risco, em vez de uma vantagem. Certamente, a Inglaterra ainda não chegara à situação de ser obrigada a convocar gente doente.

Enviarei um relatório dizendo que o senhor não está apto para qualquer tipo de serviço — disse.

O tempo foi passando, e por fim recebi um cartão pelo correio, dizendo-me que não seria convocado para o serviço militar, pois estava classificado como Quarta Categoria — a categoria mais baixa que existe.

Levei o cartão e mostrei-o a meu patrão e ele pareceu achar que. . . bom, teria alguém para continuar com o trabalho se os outros empregados fossem convocados. Naquela época havia uma corrida danada de gente tentando arranjar protelações. O sujeito que era gerente, logo abaixo do patrão, saiu para outro emprego e foi nomeado um novo gerente, mas eu e ele não nos demos nada bem. Era um tipo de que eu não gostava nada, e eu parecia ser do tipo de que ele não gostava nada. No entanto, fiz o que pude, mas as coisas estavam ficando cada vez mais difíceis porque cada vez havia mais trabalho sem qualquer aumento de ordenado. Era óbvio que alguém andava enchendo os ouvidos do patrão com histórias, e nem sempre histórias verdadeiras.

Um dia, depois do trabalho, eu estava passeando pelo jardim. Tínhamos um jardim de pouco mais de um hectare e eu estava

passando por um bosquezinho. Era de tardinha e estava escurecendo. Não sei como, tropecei numa raiz e cai com um baque tremendo. Aquilo me deixou realmente fora de mim!

Levantei-me, mas aí — Deus do céu! verifiquei que “eu” não era “eu”, pois eu estava de pé e o meu corpo continuava deitado de bruços. Olhei em volta, muito espantado, e vi uma gente estranha. Monges, pensei, que diabo estão os monges fazendo aqui? Olhei para eles e olhei para. . . bom, suponho que devia ser o meu corpo no chão. Mas aí ouvi uma voz ou alguma coisa na minha cabeça. Primeiro, tive a impressão de que fosse uma língua estrangeira, mas pensando bem, descobri que eu entendia o que estavam falando.

— Rapaz — dizia a voz em minha cabeça - você está pensando numa coisa má, está pensando em acabar com a sua vida. Isso é uma coisa muito má, mesmo. O suicídio é errado, não importa qual a causa, não importa o motivo imaginado, o o suicídio é sempre errado.

— Isso é bom para vocês — pensei — porque não têm os problemas que eu tenho. Cá estou neste ... — bom, tive dificuldade em não exprimir em palavras a descrição exata do local — e não consigo um aumento, e o patrão parece ter-se tomado de aversão por mim e por que hei de ficar aqui? Por aqui há muitas árvores e uma boa corda para se atirar em cima delas.

Mas não falarei muito sobre isso porque puseram em minha mente um pensamento dizendo que se eu quisesse podia conseguir libertar-me do que considerava as torturas da Terra. Se quisesse, se estivesse realmente falando a sério, eu poderia fazer alguma coisa pela humanidade deixando o meu corpo disponível a algum fantasma ou espírito, que queria saltar para dentro dele quase antes de eu saltar fora. Aquilo me pareceu uma bobagem, mas achei que podia ficar escutando e deixei que continuassem a falar. Primeiro, disseram eles, como sinal de interesse sincero, eu teria de mudar o nome. Disseram um nome estranho que queriam que eu adotasse, mas. . . bom, eu disse a minha mulher que ia trocar de nome, ela achou que eu devia estar doido ou coisa parecida, e ficou por isso mesmo, de modo que mudei mesmo o nome, legalmente.

Aí os dentes começaram a me incomodar. Passei muito mal. Por fim não agüentei mais e fui a um dentista. Ele tentou extrair o dente, mas o dente não saiu. Ele fez um orifício no dente para poder usar um elevador — não do tipo que as pessoas usam para ir de um andar a outro, mas do tipo usado para levantar um dente com uma alavanca. O dentista telefonou a algum especialista em Londres e

tive de me internar numa casa de saúde às pressas.

Minha mulher explicou ao meu patrão que eu precisara ir para uma casa de saúde e foi recebida com a frase:

— Bom, mas eu tenho de trabalhar quando tenho dor de dentes!

E foi essa a compreensão que nos mostraram. Assim, fui para essa casa de saúde, às minhas custas, é claro, pois não havia essas coisas como planos de saúde como existem agora, e me submeti a uma operação, que não foi assim tão fácil. O dentista era bom, e o anestesista ainda melhor. Fiquei no hospital uma semana e depois voltei para Weybridge.

Houve uma porção de incidentezinhos desagradáveis, implicâncias e essas coisas, e acusações injustas. Não interessa detalhar tudo isso, esmiuçar as sujeiras, porque, afinal de contas, não sou jornalista. Mas houve acusações falsas de modo que eu e minha mulher conversamos a respeito e resolvemos que não podíamos mais suportar aquilo, de modo que pedi demissão. Desde aquele momento, parecia que eu era um leproso, ou coisa pior ainda, porque durante o resto da semana fiquei sentado em meu escritório e ninguém me foi procurar, parece que haviam recebido ordens para não o fazer, e não me deram trabalho de espécie alguma. Fiquei ali, como um condenado cumprindo uma sentença. No fim da semana, acabou-se.

Partimos de Weybridge satisfeitos e fomos para Londres. Andamos um pouco, puxa, até já esqueci quantos lugares tentamos, e de qualquer forma não importa, mas aí achamos que as coisas estavam intoleráveis e passamos para outro lugar, um subúrbio de Londres chamado Thames Ditton.

Ah, estou tão ansioso por terminar esse assunto tolo, pois não gosto de falar nisso, mas eu estava com tanta pressa que esqueci de uma coisa. E o seguinte:

Haviam-me dito, uns tempos antes, que eu teria de deixar crescer a barba. Bom, pensei, que importa? Tanto faz como tanto fez, de modo que enquanto estava em Weybridge, deixei crescer a barba, e fui objeto de muita troça por parte de meu patrão e de meus companheiros de trabalho. Não importa, pensei, eu não estaria mais com eles por muito tempo.

Mudamo-nos para Thames Ditton; durante algum tempo ficamos numa pensão dirigida por uma velhinha engraçada que não conseguia ver a sujeira. Ela pensava que morava numa mansão ducal ou coisa semelhante, e não via as imensas teias de aranha nos

cantos da escada. Mas ela era muito grã-fina, de modo que fomos procurar outro lugar. Encontramos na mesma rua, uma casa que estava sendo alugada dividida em dois apartamentos, um em cima e um embaixo. Ficamos ali, sem saber de que modo íamos arranjar dinheiro, pois eu não tinha emprego, não tinha trabalho algum. Estava fazendo qualquer serviço para poder ganhar um pouquinho para não morreremos de fome. Fui ao Centro de Desempregados, mas como eu me demitira do meu emprego, em vez de ser despedido, não obtive nenhuma pensão de desemprego. De modo que nunca tive dinheiro de desemprego, não sei como me arranjei sem isso, mas consegui.

Eu tinha uma bicicleta e costumava rodar com ela procurando trabalho, mas não, não havia trabalho algum. A guerra tinha terminado, os homens estavam voltando das forças armadas e o mercado de trabalho estava saturado. Estava bem para eles, pois tinham os benefícios de desemprego e talvez uma pensão; eu não tinha nada.

Aí, uma noite, fui abordado por um grupo de homens. Eles me arrancaram de meu corpo e falaram comigo e perguntaram se ainda queria sair de meu corpo para ir para o que então julgava ser o Paraíso. Suponho que seja o Paraíso, mas essa gente o chamava de mundo astral. Assegurei-lhes que queria ir para lá mais ainda do que antes, de modo que eles me disseram que no dia seguinte eu tinha de ficar em casa. Um dos homens, que usava um roupão amarelo, levou-me para a janela e apontou para fora.

— Aquela árvore - você tem de ir àquela árvore e pôr as mãos naquele galho. Puxe-se para cima e depois largue-se.

Ele me disse a hora exata em que devia fazer isso, acentuando que era de importância vital seguir as instruções ao pé da letra, porque senão eu sentiria muita dor, e outras pessoas também. Mas, o que era pior para mim, eu permaneceria na Terra.

No dia seguinte, minha mulher deve ter achado que eu estava maluco ou coisa que o valha, pois não saí como sempre, e fiquei por ali remexendo nas coisas. E aí, um ou dois minutos antes da hora marcada, fui para o jardim e me dirigi para a árvore. Puxei um ramo de hera, ou seja o que for que a hera tem, e estendi as mãos para o galho, conforme me haviam dito. E pareceu-me que um raio me havia atingido. Não precisei fingir que caía, pois caí mesmo bem caído! Caí e então, meu Deus, vi um cordão de prata estendendo-se de mim. Fui agarrá-lo, para ver o que era, mas delicadamente as minhas mãos foram afastadas. Fiquei deitado no chão, muito



assustado, pois havia duas pessoas junto daquele cordão de prata, e elas estavam fazendo alguma coisa com ele, e havia ali uma terceira pessoa, com outro cordão de prata na mão, e, horror dos horrores, eu via através deles todos, de modo que fiquei pensando se estaria vendo tudo aquilo, ou se tinha esfacelado o meu cérebro, era tudo tão estranho.

Por fim houve uma espécie de ruído de sorver e um estalo e aí vi — oh, alegria — que estava flutuando num mundo lindo, lindo, e isso significa que tendo chegado aqui já cumpri a minha parte do contrato, já disse tudo o que direi a respeito de minha vida pregressa e agora vou voltar para minha parte do mundo astral. . .

Sou Lobsang Rampa e acabei de transcrever aquilo que me foi narrado com tão pouca vontade e tão pouca amabilidade pela pessoa cujo corpo eu assumi. Continuarei de onde ele deixou.

O corpo dele estava na terra, contorcendo-se ligeiramente e eu. . . bom, confesso sem muita vergonha que também estava me contorcendo, mas minhas contorções eram devidas ao medo. Não gostava do aspecto daquele corpo estendido ali na minha frente, mas um lama do Tibete cumpre ordens, tanto as agradáveis como as desagradáveis, de modo que me levantei, enquanto os meus irmãos lamas lutavam com o Cordão de Prata do homem. Tiveram de ligar o meu antes do dele ficar completamente des- ligado. Felizmente o pobre coitado estava num estado de confusão terrível, de modo que se mostrou bastante cordato.

Afinal, depois do que pareceram horas, mas que na realidade foi apenas um quinto de segundos, eles ligaram o meu Cordão de Prata e desligaram o dele. Levaram-no embora depressa, e eu olhei para aquele corpo ao qual agora estava preso e estremei. Mas aí, obedecendo às ordens, deixei que a minha forma astral afundasse naquele corpo que agora ia ser o meu. Ah, o primeiro contato foi horrível, frio viscoso. Tornei a saltar ao ar, assustado. Dois lamas se adelantaram para me segurar e aos poucos tornei a mergulhar.

Novamente fiz o contato e estremei de horror e repulsa. Aquela era realmente uma experiência incrível, chocante, e uma que nunca mais quero tornar a ter.

Parecia que eu era grande demais, ou então que o corpo era pequeno demais. Sentia-me tolhido, sentia-me comprimido até à morte, e o cheiro! A diferença! O meu velho corpo estava dilacerado e agonizante, mas pelo menos era o meu corpo. Agora eu estava metido nesse negócio estranho e não estava gostando nada.

Não sei como — e não sei explicar isso — remexi lá dentro, tentando apoderar-me dos nervos motores do cérebro. Como é que se fazia aquele negócio funcionar? Por algum tempo fiquei ali incapaz, como se estivesse paralisado. O corpo não queria funcionar. Eu parecia estar remexendo como um motorista inexperiente com um carro muito complicado. Mas afinal, com o auxílio de meus irmãos astrais, consegui me controlar. Consegui fazer o meu corpo funcionar. Hesitante, levantei-me, e quase gritei de horror ao ver que estava andando para trás, em vez de para a frente. Cambaleei e tomei a cair. Era realmente uma experiência horrenda. Eu estava realmente enjoado com aquele corpo e com medo de não poder manejá-lo.

Fiquei deitado de bruços no chão sem poder mover-me, e aí, pelo canto do olho, vi dois lamas a meu lado, parecendo muito preocupados com a dificuldade que eu estava tendo. Resmunguei:

— Bom, experimentem por si, vejam se conseguem que essa coisa abominável faça o que a mandam fazer.

De repente, um dos lamas disse:

— Lobsang! Seus dedos estão se mexendo, agora experimente com os pés.

Obedeci, e verifiquei que havia uma diferença enorme entre os corpos de um ocidental e de um oriental. Nunca teria pensado que isso fosse possível, mas aí lembrei-me de uma coisa que tinha ouvido dizer quando era mecânico naval: nos navios em águas ocidentais a hélice gira numa direção, e nas águas orientais, gira em direção oposta. Parece claro, disse eu comigo mesmo, que terei de começar tudo de novo. Assim, fiquei calmo e deixei-me erguer para fora do corpo e de fora olhei para ele com cuidado. Quanto mais eu olhava, menos ele me agradava, mas, pensei, não havia nada a fazer senão tentar outra vez. De modo que tornei a me espremer incomodamente para dentro daquela coisa gosmenta e fria que era um corpo ocidental.

Com um esforço imenso tentei levantar-me, mas tornei a cair, e aí, afinal, consegui me pôr de pé, encostando-me contra aquela árvore amiga.

Ouvi um barulho da casa e uma porta abriu-se de repente. Uma mulher saiu de lá correndo, dizendo:

— Ah! O que você fez! Venha para dentro deitar-se um pouco.

Aquilo me deu um choque e tanto. Pensei nos dois lamas que estavam comigo e tive medo de que a mulher tivesse um ataque ao

vê-los, mas era óbvio que eles eram completamente invisíveis para ela, e isso era mais uma das coisas surpreendentes de minha vida. Eu sempre podia ver essas pessoas que me visitavam vindas do astral, mas se conversasse com elas e entrasse alguma outra pessoa na sala . . . bom, a outra pessoa pensava que estava falando sozinho e eu não queria que me chamassem de maluco.

A mulher aproximou-se de mim e me olhou com uma expressão muito assustada. Achei que ia ter um ataque histérico, mas controlou-se e pôs um braço sobre os meus ombros.

Calado, pensei como devia controlar o corpo e depois, muito devagar, pensando a cada passo que dava, consegui entrar na casa e subir a escada, caindo sobre o que era obviamente a minha cama.

Durante três dias seguidos fiquei ali naquele quarto, alegando doença, enquanto praticava a arte de obrigar o corpo a fazer o que eu queria que ele fizesse e procurando conter-me, pois aquela era realmente a experiência mais assustadora que eu já tivera na vida. Eu suportara todo tipo de tortura na China, no Tibete e no Japão, mas aquela experiência era nova e totalmente revoltante, a experiência de estar preso ao corpo de outra pessoa e ter de controlá-lo.

Pensei no que haviam ensinado havia tantos anos, tantos que parecia ser numa vida diferente.

— Lobsang — haviam-me dito — em tempos idos os Grandes Seres de muito além do sistema e Seres que não tinham forma humana, tiveram de visitar esta Terra para fins especiais. Ora, se viessem em sua própria forma chamariam muita atenção, de modo que tinham sempre corpos prontos, que eles podiam penetrar e controlar, parecendo ser nativos dos lugares. Nos dias futuros — disseram-me — você terá essa experiência e verá que é completamente chocante.

E vi mesmo!

Em consideração àqueles que estão sinceramente interessados, direi algumas coisas sobre a transmigração, porque realmente tenho tanta coisa a dizer ao mundo, e no entanto, por causa das calúnias da imprensa, as pessoas são levadas a não crer na minha história. Eu lhes direi mais a respeito em meu próximo Livro, mas uma das coisas que eu pretendia fazer era mostrar às pessoas de que modo funciona a transmigração, porque existem muitas vantagens nisso. Pensem só no que lhes vou dizer como uma possibilidade positivar a humanidade enviou um mensageiro à Lua, mas a humanidade não sabe viajar no espaço profundo. Com relação às distâncias no

Universo, a viagem à Lua torna-se de uma insignificância total. Levaria muitos milhões de anos para uma nave espacial viajar a algumas outras estrelas, e no entanto existe um meio muito mais simples, e eu lhes digo positivamente que a viagem astral poderia ser assim. Isso já foi feito antes, está sendo feito agora por criaturas (digo “criaturas” porque não são humanas em forma) provenientes de uma galáxia completamente diferente. Estão aqui agora neste momento, vieram por viagem astral e algumas delas ocupam os corpos humanos, assim como o faziam os Antigos.

Os seres humanos, se soubessem como, poderiam enviar viajantes astrais a qualquer parte, ultrapassando o tempo e o espaço. A viagem astral pode ser rápida como o pensamento, e se não souberem qual a velocidade do pensamento, eu lhes direi — levaria um décimo de segundo para ir daqui a Marte por viagem astral. Mas nos dias futuros os exploradores poderão ir a um mundo por viagem astral e lá, pela transmigração, poderão penetrar no corpo de um nativo daquele mundo, de modo a poderem obter experiência de primeira mão de como são as coisas. Ora, isso não é ficção científica. É a verdade absoluta. Se outras pessoas em outros mundos podem fazê-lo, então as pessoas na Terra também podem. Mas, com pesar, devo dizer que simplesmente por causa das dúvidas lançadas sobre as minhas palavras, esse determinado aspecto não tem podido ser ensinado às pessoas.

Infelizmente, quando assumimos um corpo, existem certas graves incapacidades. Vejamos um exemplo. Pouco depois de assumir um corpo, verifiquei que eu não sabia mais escrever o sânscrito, nem o chinês. Ah, sim, positivamente eu sabia a língua, sabia o que devia estar escrevendo, mas. . . o corpo que eu habitava não estava “equipado” para traçar os rabiscos que são o sânscrito ou o chinês. Eu só conseguia reproduzir, digamos, letras como as do inglês, francês, alemão ou espanhol.

Tudo tem a ver com o controle muscular. Vemos o mesmo ocorrer até mesmo no Ocidente quando um alemão culto, com uma instrução melhor do que a maioria dos ingleses, por exemplo, não consegue pronunciar o inglês como os nativos. Não consegue “enrolar” a língua nos sons. Assim, por mais instruído que seja, não consegue pronunciar os sons corretamente. E um dito quase universal que sempre se pode conhecer se uma pessoa é ou não nativa de uma região pela sua maneira de pronunciar as palavras, isto é, se ela consegue manejar as cordas vocais como o nativo o faria, ou se o hábito introduz certas dissonâncias que faltam ao

nativo.

Quando nos transferimos para um corpo diferente, podemos pronunciar todos os sons, etc., porque o corpo está produzindo os sons aos quais está acostumado, o inglês, francês ou espanhol, por exemplo. Mas quando se trata de escrever, é outro assunto.

Consideremos: há pessoas que sabem desenhar ou pintar. Digamos então que essas pessoas — os artistas — têm uma habilidade de produzir uns rabiscos que têm um significado positivo. Ora, a maioria das pessoas, mesmo da mesma raça, não sabem fazer isso, e mesmo com um treinamento mesmo com uma prática imensa -- a não ser que a pessoa seja um “artista nato”, as formas de arte não são consideradas aceitáveis. O mesmo tipo de coisa ocorre quando uma entidade oriental toma conta de um corpo ocidental. Ele pode comunicar-se por meio de palavras e pode saber tudo quanto se pode fazer na escrita, mas não sabe mais escrever naquela que era sua língua original, como o sânscrito ou o chinês ou japonês, pois isso leva anos de prática e suas tentativas são tão grotescas, tão rudes, que os ideogramas não têm sentido legível.

Outra dificuldade é que a entidade é oriental e o corpo ou veículo é ocidental. Se acharem isso estranho, deixem-me dizer que se estiverem na Inglaterra, estarão dirigindo o carro com a direção do lado direito, para poderem dirigir do lado esquerdo da rua, mas se estiverem nos Estados Unidos, dirigem um carro em que o volante está à esquerda e dirigem do lado direito da rua. Todo mundo sabe disso, não é? Bom, peguem o pobre coitado de um motorista que está habituado a dirigir pelas estradas da Inglaterra e lancem-no de repente num carro americano, sem qualquer treinamento, e soltem-no nas estradas americanas. O coitado não teria muita chance, não é? Não duraria muito. Todos os seus reflexos nervosos, que ele pode ter adquirido durante a metade de sua vida, gritariam ao serem invertidos de repente, e numa emergência ele imediatamente se lançaria para o lado errado da rua e provocaria o acidente que estaria tentando evitar. Estão me seguindo bem? Acreditem, sei disso porque aconteceu comigo. Portanto, a transmigração não é para os não iniciados. Digo com toda a sinceridade, muita coisa poderia ser feita na transmigração se as pessoas tivessem os conhecimentos certos, e eu me surpreendo que os russos, tão adiantados em tantas outras coisas, ainda não toparam com a idéia da transmigração. É fácil — quando se sabe. É fácil — quando se pode tomar as precauções adequadas. Mas se você tentar ensinar essas coisas, como eu poderia fazer, aparecem

uma porção de crianças desmioladas, ou jornalistas, e então tudo é negado quase antes mesmo de começar.

Outro ponto a considerar é a obtenção de um veículo adequado para o corpo, pois a gente não pode simplesmente saltar para dentro de qualquer corpo, apossando-se dele como um bandido que entra num carro que parou num sinal de tráfego. Ah, não, é muito mais difícil do que isso. É preciso encontrar um corpo que seja harmônico com o seu, que tenha uma harmonia em algum lugar, e isso não significa que o dono do corpo tenha de ser bom ou mau, isso não tem nada a ver com a história; tem a ver com a frequência de vibração daquele corpo.

Se você estiver interessado em rádio, saberá que se pode ter, digamos, um receptor super-heteródino com três condensadores de sintonização. Ora, se o aparelho estiver funcionando bem, você pegará uma estação claramente, mas se passa à harmonia, pegará o mesmo sinal em diferentes comprimentos de onda ou frequências diversas — é tudo a mesma coisa. Numa frequência contamos apenas o número de vezes que a onda muda de positiva para negativa, etc. Mas quando se toma um comprimento de onda, apenas se mede a distância entre cristas de ondas adjacentes. É o mesmo que chamar uma rosa por outro nome, mas o que estou querendo dizer é que, se soubessem como, a transmigração seria possível. Não somente possível, como seria uma coisa quotidiana, em futuro distante, nesta Terra.

Mas voltando a Thames Ditton. Era um lugarzinho bem agradável, um dos subúrbios da grande cidade de Londres. Acredito que também é chamado de um dos dormitórios de Londres. Havia muitas árvores, e todos os dias de manhã viam-se homens de negócio a caminho da estação de Thames Ditton para pegar o trem, que os levaria a Wimbledon ou outras partes de Londres para o trabalho diário. Muitos eram da cidade de Londres, corretores de valores, de seguros, banqueiros e o mais. O lugar onde eu morava ficava bem defronte do Cottage Hospital. Bem adiante, à direita, chegava-se a uma espécie de campo de esportes, e, ao lado havia um grande prédio chamado Milk Marketing Board. •

Thames Ditton era de uma “classe melhor” e algumas das vozes que eu ouvia por minha janela aberta eram “classe melhor” demais, pois algumas tinham um sotaque tão fechado que eu tinha dificuldade em entendê-las.

Mas falar não era fácil para mim. Eu tinha de pensar antes de poder dizer qualquer coisa e depois tinha de visualizar a forma do

som que eu estava pronunciando. Para muita gente, a fala é natural. Você pode tagarelar sem qualquer dificuldade, sem pensar muito, mas não quando for um oriental que assumiu um corpo ocidental. Até hoje tenho de pensar no que vou dizer, e isso faz com que a minha fala seja meio lenta e um tanto vacilante.

Se a gente assume um corpo, durante os dois primeiros anos o corpo é basicamente o corpo do hospedeiro, isto é, fica como era ao ser assumido. Mas com o tempo a frequência do corpo muda e ele acaba ficando da mesma frequência que o corpo original da pessoa e aparecem as cicatrizes originais. Como já disse antes, é como a galvanização ou a eletrotipia, pois as moléculas vão mudando, de uma em uma. Isso não deve ser muito difícil de acreditar porque se você tiver um corte e o corte cicatrizar, você terá tido uma substituição de moléculas, não? Não são as mesmas moléculas que foram cortadas, e sim novas células que cresceram para substituir as que foram cortadas. Acontece coisa parecida com a transmigração. O corpo deixa de ser o corpo estranho assumido, e, de molécula em molécula, torna-se o próprio corpo da pessoa, o corpo que a pessoa adquiriu.

Só mais uma última informação a respeito da transmigração. Ela torna a pessoa “diferente”. Dá aos companheiros uma sensação especial de estar próxima da pessoa, e se uma pessoa transmigrada tocar em outra inesperadamente, essa outra pessoa pode dar um grito de choque e dizer “Ah, você me arrepiou!” Portanto, se você quiser praticar a transmigração, terá de levar em conta as desvantagens, bem como as vantagens. Sabe como os cachorros estranhos cheiram-se mutuamente, de pernas duras, esperando o primeiro movimento do outro? Bom, é assim que tenho sentido as pessoas no mundo ocidental agirem comigo. Não me compreendem, não sabem de que se trata, sentem que há algo de diferente e não sabem o que é, portanto muitas vezes sentem-se inseguras com relação a mim. Não sabem se gostam de mim ou se têm grande aversão por mim e isso realmente torna as coisas difíceis, dificuldades estas que se manifestam em fatos como os policiais sempre desconfiarem de mim, os funcionários da alfândega estarem sempre dispostos a acreditarem no pior e os da imigração quererem sempre indagar a fundo os porquês, como, quando, etc. De fato, isso nos torna inaceitáveis para os “nativos locais”. Temos de prosseguir no próximo Livro, mas antes disso lá vai uma palavra final, caso encontrem dificuldade em entender o que escrevi sobre orientais que transmigraram terem dificuldade em escrever sua própria

língua: se forem destros, escrevam este parágrafo com sua mão direita, e depois tentem fazer o mesmo com a mão esquerda!

**Assim termina o Livro Três:  
O Livro das Transformações**



## **LIVRO QUATRO**

**Como É Agora!**

## CAPÍTULO DEZ

O Sol se refletia do rio plácido, fluindo com tanta majestade, correndo para o mar como o Registro Akáshico correndo para o mar da Sabedoria Universal. Mas ali AQUELE rio atraía a minha atenção. Fiquei olhando, os olhos semicerrados, para todos os raiozinhos, para a superfície ondulada enquanto vez por outra uma folha flutuava por ela. Ouvi um farfalhar, uns lampejos e três pássaros aquáticos pousaram com grande espadanação na superfície da água. Por alguns momentos eles se espalharam por ali, jogando água por cima de si, mergulhando sob suas asas e divertindo-se a valer. Aí, como que a um sinal súbito, abriram as asas, bateram os pés e levantaram vôo em formação, deixando três círculos ampliando-se atrás de si.

A luz do Sol, atravessando a folhagem das árvores, lançava pontos de luz contrastante com as sombras nas margens das águas diante de mim. O Sol estava quente. Recostei-me e notei um zumbido. Devagar abri os olhos e ali, diante de meu nariz, estava uma abelha, olhando para mim muito interessada. Então, chegando à conclusão de que eu não seria uma boa fonte de néctar, ou seja o que for que as abelhas procuram, zumbiu mais alto ainda e foi-se para junto de alguma flor abrigada à sombra de uma árvore. Eu a ouvia zumbindo enquanto sondava ativamente a flor, e depois foi saindo de costas e vi que suas pernas e seu corpo estavam cobertos de pólen amarelo.

Estava agradável ali, recostado sob as árvores à margem do rio Tâmisia em Thames Ditton, diante do grande Palácio de Hampton Court. Fiquei distraído e suponho que tenha cochilado. Fosse o que fosse, de repente ouvi um barulho a distância. Tive visões da Barca Real descendo da Torre de Londres, transportando a Rainha Elizabeth I, com o seu favorito do momento e o cortejo de acompanhantes, que pareciam inevitáveis nos círculos reais.

Havia música a bordo da Barca Real, e pareceu-me incongruente tocar-se essa música viajando pelo Tâmisia, mas eu ouvia o espadanar dos remos e o ranger dos cilindros. Ouvi muitas risadas e pensei comigo mesmo, em meu estado semi-adormecido, que certamente as pessoas dos tempos elizabetanos não se comportavam como os adolescentes de hoje.

Abri os olhos e bem ali, virando a curva do rio, estava uma barcaça cheia de adolescentes, com uma vitrola e um rádio a bordo, ambos tocando músicas diferentes aos berros. Eles passaram por ali remando e

conversando, cada um parecendo estar falando de um assunto diferente e ninguém dando atenção a ninguém. Foram passando por Hampton Court e desapareceram de vista, e por algum tempo tudo ficou em paz de novo.

Pensei de novo na grande Rainha Elizabeth e em suas viagens da Torre de Londres a Hampton Court; quase defronte do lugar em que eu estava deitado na margem ficava o local em que antes havia um atracadouro. Os remadores se aproximavam e lançavam as cordas e a barcaça era puxada suavemente, para não perturbar o equilíbrio da Rainha, pois ela não era muito boa marinheira, nem mesmo no Tâmis! Hampton Court em si era um lugar fascinante para mim. Eu o visitava freqüentemente, mesmo em circunstâncias estranhas, e via claramente que o lugar era assombrado mesmo pelos espíritos daqueles cujos corpos tinham desaparecido havia tanto tempo.

Mas atrás de mim havia muitas conversas e virei-me e vi que lá estavam quatro pessoas.

— Ah, meu Deus — disse uma mulher — o senhor estava tão parado, há dez minutos não se mexia, que pensamos que estivesse morto! — E com isso eles seguiram o seu caminho, falando e falando e falando. O mundo, pensei, tinha barulho demais, todo mundo falava demais e dizia de menos. E com essa idéia em mente, olhei em volta. Havia alguns barcos no rio Tâmis, na minha frente. À minha esquerda havia um velho que bem poderia ser o Velho do Tempo em pessoa. Estava fincado ali como uma velha árvore. Tinha um cachimbo na boca, e dele saía uma leve fumaça. Preso a uma vara defronte dele estava um caniço de pesca, cuja bóia — vermelha e branca —• ondulava diante de mim. Fiquei observando-o por algum tempo e ele tampouco se mexeu, e fiquei pensando o que seria que as pessoas viam na pesca. Cheguei à conclusão de que era apenas um pretexto da parte de gente idosa para poder ficar parada, meditando, pensando no passado, e imaginando o que o futuro lhes reservava.

O futuro? Olhei para meu relógio alarmado, e depois levantei-me depressa e montei na velha bicicleta, que estava ao meu lado na margem do rio.

Com mais pressa do que de costume, fui pedalando pela estrada dirigindo-me para a direita, para West Molesey, onde ficava o Centro de Desemprego.

Mas, não, não havia emprego para mim, nenhum oferecimento de trabalho. Parecia que havia gente demais e empregos de menos, conforme um homem me disse francamente.

— Bom, meu chapa, você abandonou seu emprego sem precisar, de modo que como o largou sem precisar, não recebe nada, sabe. Assim é razoável que o governo não queira pagar a um sujeito que largou o emprego, pois ele tinha o emprego antes de largá-lo, portanto você não ganha subsídio, e enquanto não ganhar um subsídio, este Centro não lhe arranjará nenhum emprego. O Centro guarda os empregos para aqueles que ganham subsídio, pois se conseguem um emprego para o camarada, não têm de lhe pagar subsídio, e assim as suas estatísticas aparecem melhor.

Tentei as agências de emprego comerciais, esses lugares em que você paga e em teoria eles lhe arranjam emprego. A minha experiência pode ter sido especialmente infeliz, pois a despeito de ter tentado uma porção delas, nenhuma me ofereceu emprego algum.

Consegui arranjar biscates para fazer em Thames Ditton e pelos arredores. Eu sabia fazer certas coisas da medicina que o médico normalmente não queria ou não podia fazer e pensei — bom, sou médico diplomado e tenho os documentos que o provam, assim, por que não tentar registrar-me na Inglaterra?

Algum tempo depois, procurei o Conselho Médico Geral, extra-oficialmente. Fui lá e contei-lhes o meu caso. Eles me disseram . . . sim, eu tinha todas as qualificações, mas infelizmente agora Chungking estava em poder dos comunistas e eu não podia esperar que os meus diplomas fossem reconhecidos, pois tinham sido obtidos num país comunista.

Peguei os meus documentos e mostrei-os diretamente ao Secretário, dizendo:

— Olhe, quando esses documentos foram redigidos, a China não era um país comunista, era aliada da Inglaterra, França, dos EUA e muitos outros países. Lutei pela paz, tal como o povo da Inglaterra, e só porque eu estava num país diferente não significa que eu não tenha os mesmos sentimentos que o senhor tem.

Ele resmungou e grunhiu um pouco e depois disse:

— Volte dentro de um mês. Vamos ver o que se pode fazer. Sim, sim, concordo plenamente que as suas qualificações devem ser reconhecidas. A única coisa que impede esse reconhecimento é que Chungking é hoje uma cidade num país comunista.

Assim, saí do escritório e fui ao Hunterian Museum, para olhar para todos os espécimes nos vidros e pensei então como era espantoso que os seres humanos em toda parte eram . . . seres humanos em toda parte, funcionavam todos mais ou menos do

mesmo jeito e no entanto, se a pessoa fosse treinada em um país, não era considerada qualificada para tratar pessoas num país diferente. Tudo aquilo era incompreensível para mim.

Mas os empregos eram mesmo difíceis de se conseguir e o custo de vida em Thames Ditton era muito alto. Verifiquei que como homem casado, como eu era, em teoria, as despesas eram muito, muito maiores do que quando eu tinha de me haver sozinho.

Neste ponto do livro talvez eu deva parar um momento para responder a algumas dessas pessoas que me escrevem de maneira extremamente ofensiva, perguntando por que eu, um lama do Tibete, hei de viver com uma mulher — ter uma esposa.

Bom, a todas as “senhoras” que me escrevem insultuosamente, vou dizer uma coisa: continuo a ser monge, ainda vivo como monge, e talvez algumas dessas “senhoras” já ouviram falar de solteiros que tenham uma governanta, ou uma irmã, com quem vivam sem necessariamente pensar NAQUILO! Portanto, “senhoras”, a resposta é. . . não tenho não!

Mas chegara o momento de deixar Thames Ditton e nós nos mudamos para mais perto de Londres, pois, devido aos meus esforços, conseguira arranjar um trabalho. Eu chegara à conclusão de que, como o corpo que então ocupava estava vivendo uma “sobrevida”, não havia oportunidades para ele. O antigo ocupante do corpo, conforme vi no Registro Akáshico, realmente pretendia suicidar-se, e isso teria completado todas as oportunidades que o seu veículo, seu corpo, teria tido. Assim, por mais que tentasse, nunca poderia ter um emprego que outra pessoa pudesse ter; o único trabalho que eu poderia fazer seria um que eu gerasse para mim. Ora, não pretendo dizer qual foi esse trabalho, nem onde o exerci, pois nada tem a ver com esta história, mas ele foi adequado para satisfazer as nossas necessidades imediatas e para nos sustentar. Mas devo contar-lhes uma coisa que me irritou profundamente, e que ainda se relacionava com meus velhos inimigos, a polícia. Eu estava me dirigindo por South Kensington, com um manequim anatômico na parte de trás do carro. Era um desses manequins que aparecem nas vitrinas das lojas de roupas e que às vezes são fornecidos para o treinamento dos fornecedores de material cirúrgico. Esse manequim estava atrás no carro, e quando parti, estava coberto por um pano, mas eu estava dirigindo de vidro aberto e suponho que o vento tenha descoberto parcialmente o manequim.

Eu dirigia muito calmamente, pensando no que iria fazer em

seguida, quando de repente ouvi uma barulhada ao meu lado, que quase me fez saltar pela capota. Olhei pelo espelho e vi dois vultos gesticulando para mim, e indicando que eu parasse junto ao meio-fio. Havia uma porção de carros estacionados ao lado da rua, de modo que continuei a dirigir um pouco, procurando um lugar onde pudesse parar. Quando dei por mim, esse carro da polícia — pois é o que era — tentou barrar-me o caminho, pensando, disseram eles, que eu estava tentando fugir — a 25 km/h, no tráfego! Bom, parei onde estava, obstruindo o tráfego, e não me importava nem um pouco que as outras pessoas nos outros carros estivessem zangadas, de modo que parei ali. Os guardas mandaram que eu saltasse e fosse até eles, mas pensei — não, são eles que querem falar comigo, eu não quero falar com eles, de modo que fiquei ali sentado. Afinal um dos policiais saltou, com o cassetete pronto na mão. Ele parecia que ia enfrentar um pelotão de fuzilamento, ou coisa parecida, parecia estar mesmo assustado. Devagar, aproximou-se do meu lado do carro, andando mais ou menos de lado, suponho que para ser um alvo menor, se eu começasse a atirar. Depois olhou para a traseira do carro e ficou todo vermelho.

— Bom, seu guarda, o que é que há? O que é que acham que eu fiz? — perguntei. O guarda olhou para mim e estava mesmo com cara de bobo, todo encabulado.

— Desculpe, senhor, mas nos disseram que havia um homem dirigindo por aí e as pernas nuas de uma mulher estavam aparecendo pela janela traseira.

Virei-me para trás e puxei o pano de cima do manequim e depois disse:

— Bom, seu guarda, mostre-me algum sinal de vida nesse manequim. Mostre-me como é que ele foi morto. Olhe bem para ele. — E depois tornei a cobrir o manequim, com mais cuidado. O guarda voltou para o carro dele e todos os carros atrás de nós estavam buzinando como se quisessem encher uma sala de concertos, ou coisa que o valha. Muito mal-humorado, segui o meu caminho.

Tive outro episódio com a polícia, que pode provocar sorrisos; eu tinha um escritório em Londres, que ficava muito perto de uma estação de metrô. Minha mulher muitas vezes ia visitar-me na hora do almoço, e quando ela partia, eu costumava olhar pela janela para ver se atravessava bem aquela movimentada rua de Londres.

Um dia, estava me aprontando para ir para casa quando ouvi

uma batida alta e oficial na porta. Levantei-me e abri a porta e lá estavam dois guardas enormes. Um deles disse:

— Queremos saber o que o senhor está fazendo aqui.

Virei-me e deixei que entrasse no meu escritório. Ele olhou em volta, interessado, e o companheiro dele aprontou-se para ser testemunha. Por toda parte em que o guarda principal olhava, o assistente também olhava.

Convidei-os para se sentarem, mas não quiseram, pois estavam em uma visita oficial, explicaram. Disseram que achavam que eu estava envolvido em alguma atividade ilegal e que estava fazendo sinais para algum bando.

Aquilo deixou-me realmente chocado, fiquei quase pasmo de espanto, e não entendia de que estavam falando.

— O que querem dizer? — exclamei.

O chefe dos guardas disse:

— Bom, contaram-nos que o senhor faz uns sinais estranhos, por volta do meio-dia, e temos vigiado e temos visto esses sinais estranhos. Para quem são os sinais?

Ai fui percebendo a coisa e comecei a rir.

— Ah, meu Deus, aonde vamos parar? Eu apenas dou adeus a minha mulher, quando fico vigiando para ver se ela atravessa a rua em segurança e entra no metrô.

Em resposta ele disse:

— Não pode ser, daqui o senhor não pode ver a estação do metrô.

Sem uma palavra, levantei-me de minha cadeira, abri a janela que ficava logo à minha direita e disse:

— Veja por si.

Eles se entreolharam e depois, juntos, foram a janela e espiaram para fora. E, tal como eu dissera, lá estava a estação do metrô do outro lado. Os dois coraram um pouco, e eu disse — para fazê-los corarem mais ainda:

— Ah, sim, já vi vocês dois, estavam naqueles apartamentos do outro lado, eu os vi tentando esconder-se por trás das cortinas. Não sabia o que estavam tramando.

O chefe dos guardas então disse:

— O senhor ocupa o andar abaixo deste escritório. Temos informações de que o senhor tem atividades sexuais nesse apartamento embaixo.

Eu já estava farto daquilo, e disse:

—Desçam comigo e poderão ver todas as mulheres nuas com seus próprios olhos. — Eles não ficaram nada satisfeitos com a minha atitude e ficaram pensando o que teriam feito de errado.

Descemos juntos uma escada e eu abri um grande salão, cujas janelas estavam cobertas por pesadas cortinas de renda cara.

Acima das janelas havia pequenos ventiladores de mais ou menos um pé quadrado, que naturalmente não tinham cortinas.

Fui para um dos manequins, apanhei-o e disse:

—Olhem, se uma pessoa estiver carregando isto de um lado para outro, levando-o daqui para ali — e demonstrei — uma velha metida que mora no apartamento defronte pode pensar que seja um corpo desnudo.

Bati nos manequins e disse:

— Olhem para eles, parecem obscenos?

Os guardas mudaram de atitude completamente, e o mais velho disse:

—Bom, sinto muito tê-lo incomodado, senhor, desculpe- nos, mas recebemos uma reclamação da irmã de um funcionário graduado da polícia, dizendo que coisas estranhas estavam acontecendo aqui. Estamos satisfeitos com o que vimos. Não o molestaremos mais.

Mas qual! Uma noite, tive de ir ao escritório por volta das sete horas e destranquei as portas e entrei, como tinha todo o direito de fazer. Fiz o trabalho que tinha a fazer e depois fui embora. Quando fechei a porta, dois policiais me agarraram com muita brutalidade e quiseram meter-me dentro de um carro da polícia. Mas eu conhecia os meus direitos e pedi uma explicação imediata. Disseram-me que tinham sabido (sim, era a mesma mulher!) que um homem de aspecto sinistro (eu!) tinha sido visto arrombando o prédio, de modo que estavam à minha espera. Não queriam acreditar que eu tinha o direito de estar ali, de modo que tornei a destrancar o escritório e nós entramos, e tive até de telefonar para o corretor que me alugara a sala e ele me identificou pela voz. Mais uma vez, a polícia fez papel de boba e retirou-se sem uma palavra.

Pouco depois, resolvi que não adiantava ficar naquele escritório, pois era óbvio que a velha caduca do outro lado da rua não tinha nada melhor a fazer senão imaginar que era policial, denunciando todo tipo de delinquências. Assim, mudei-me para outro lugar.

Mais uma vez, fiz certo trabalho psicológico com gente que não conseguia melhoras com a medicina ortodoxa e me dei bastante



bem, sinceramente. Curei uma porção de gente, mas um dia houve um sujeito que tentou fazer chantagem comigo. Aí eu soube que, a não ser que se tenha um registro, a pessoa fica à mercê de gente que se aproveita de todo o auxílio que pode e depois quer fazer chantagem. Mas esse chantagista . . . bom, ele não se saiu bem, afinal de contas!

Naquela ocasião, apareceu em nossa vida uma moça, por sua própria vontade. Nós a consideramos como uma filha, e a consideramos assim ainda hoje, e ela continua conosco. Mas seu destino, achava ela, era tal que tinha de morar conosco, e foi o que ela fez. Mais tarde a imprensa ia fazer disso um bicho-de-sete-cabeças, dizendo que era o eterno triângulo; nada podia ser mais firme do que a verdade. Estávamos num “quadrado”, em vez de “no eterno triângulo”.

Foi nessa ocasião que fui apresentado a um agente de escritores. Pensei em arranjar trabalho com ele, lendo e comentando os originais de outros escritores, mas não, ele sabia um pouco da minha história e muito, muito contra a minha vontade, permiti que ele me persuadisse a escrever um livro. A gente não pode escolher muito quando se está arriscando a passar fome, sabe, e o risco não era pequeno.

Assim, escrevi um livro, e aí certos escritores invejosos de meus conhecimentos sobre o Tibete tentaram investigar a meu respeito. Procuraram uma porção de agências de detetives e uma delas chegou a pôr um anúncio ou no *Times* ou no *Telegraph* de Londres, para Lobsang Rampa: ele deveria escrever para tal endereço, onde o aguardava uma coisa muito boa.

Eu sabia que era uma cilada, de modo que disse ao meu agente, o Sr. Cyrus Brooks. Ele mandou que o genro telefonasse para saber de que se tratava. E era mesmo uma cilada. Um escritor na Alemanha estava muito irritado por ter eu escrito sobre o Tibete, quando ele achava que esta era sua província inviolável, de modo que tentou descobrir o meu paradeiro, para ver o que poderia fazer contra mim.

Nessa ocasião, as pessoas relacionadas com a moça que morava conosco tomaram-se de antipatia por nós, pensando que eu a perdera — o que não era verdade — e por sua vez empregaram um detetive particular para descobrir coisas sobre mim. Mas esse pobre coitado — bom, parece que não era lá muito esperto, nunca nem tentou entrar em contato comigo. Não sei se tinha medo, ou o que

era. Mas em vez de me perguntar diretamente, como homem, ele confiava em ouvir dizer, e como todos sabem, provas por ouvir dizer não são provas legais, não é mesmo? Mas os dois lados se juntaram e foram a algum jornalista, que não era muito popular com os companheiros. Tentaram pilhar-me em algumas armadilhas, não o conseguiram, mas depois, quando nos mudamos para a Irlanda, essa gente fez uma tremenda campanha contra mim na imprensa, dizendo que eu praticava a magia negra no porão da casa, cjué tinha um templo secreto, que era culpado de todo tipo de orgias sexuais, etc., e que em alguma época em minha carreira estivera envolvido com a polícia. Bom, isso foi fácil, sempre tive encrencas com a polícia, mas nunca fora acusado de nada, nem nunca fizera nada que realmente merecesse a atenção da polícia. Mas não adianta falar nos velhos problemas nem atçar as brasas que deviam ser apagadas, mas desejo aqui dar testemunho a favor do marido da moça. Ele era e é um cavalheiro, é um bom homem, continua a ser nosso amigo, e como ele bem sabia, e como testemunhou, as declarações a meu respeito eram todas falsas.

Não, não direi mais nada sobre isso, nada sobre a imprensa, nada sobre os parentes da moça. Ela continua conosco, como uma filha querida. E é só isso.

Quando aconteceu tudo isso, nós nos mudamos para a Irlanda, e várias coisas contribuíram para estragar a minha saúde. Tive trombose coronária, e acharam que eu ia morrer, mas a imprensa tornou a nossa vida tão detestável que tivemos de sair da Irlanda, o que fizemos com grande relutância. Tenho muitos amigos lá, que conservo até hoje.

Sáímos da Irlanda e fomos para o Canadá, onde estamos no momento. Percorremos grande parte do Canadá, fomos a diversas cidades, diversas províncias. Mas, afinal, recebemos uma carta que nos oferecia muita coisa.

Um dia chegou pelo correio uma carta muito volumosa. Os selos eram de um país de que eu conhecia — na ocasião — muito pouca coisa. Era do Uruguai, o país da América do Sul que fica entre a Argentina e o Brasil.

A carta era interessante. Dizia que o signatário era presidente de uma grande companhia em que se imprimia, publicava livros — tudo isso. Convidava-me para ir a Montividéu às expensas da companhia e eu podia continuar lá o meu trabalho. Eles me dariam secretárias, datilógrafas, serviços de tradução — tudo o que eu

quisesse. O signatário me enviava uma foto dele, uma figura bastante imponente, sentado a uma grande mesa com uma máquina de escrever IBM diante de si, uma porção de livros atrás e, creio, ainda uma máquina de ditar Phillips.

Nós conversamos sobre o assunto, “nós” quer dizer a minha mulher e nossa filha adotiva, e depois de algum tempo achamos que seria uma boa idéia. Assim, indagamos o que era preciso e afinal, pois as formalidades levam tempo, tomamos o trem em Fort Erie, Ontário, Canadá, para a viagem para Nova York.

Disseram-nos que viajaríamos a bordo de um cargueiro da Moore McCormack, que normalmente levava doze passageiros.

Em Nova York, como sempre, tudo foi agitação e confusão. Pernoitamos em um dos grandes hotéis e na manhã seguinte partimos para o cais da Moore McCormack no Porto de Nova York, e achei muita graça ao ver que aquele cais ficava bem defronte daquele para o qual eu havia nadado havia tantos anos, ao que parecia. Mas eu não disse nada, pois não adianta reavivar recordações amargas, mas confesso que fiquei bem alerta para a polícia do rio.

Embarcamos e encontramos os nossos camarotes. Tarde da noite, com uma carga de quatro locomotivas, zarpamos para a nossa primeira parada: Vitória, no Brasil. Lá subimos por uma comprida enseada até chegarmos a uma comunidade muito pitoresca e quente. Foi o nosso primeiro porto de parada. Depois fomos para um local ali perto para descarregar as locomotivas — eram locomotivas *diesel* para as ferrovias brasileiras.

Tivemos mais umas duas ou três paradas no Brasil, até podermos seguir para Montevidéu, no Uruguai. Ao nos aproximarmos de Montevidéu, estávamos precisamente em Punta dei Este, o comandante foi informado pelo rádio de que não podíamos atracar em Montevidéu porque havia uma greve no cais, de modo que fomos primeiro para Buenos Aires e ficamos naquele porto durante mais ou menos uma semana. Era um porto bastante movimentado, e vimos uma porção de navios estrangeiros entrando. Os mais populares pareciam ser os alemães, e parecia que vários deles subiam diretamente o rio que forma a fronteira entre a Argentina e o Uruguai. Disseram-nos que alguns quilômetros adiante havia um grande frigorífico chamado Fray Bentos.

Mas, finalmente, fomos liberados para partir e seguimos pelo Rio da Prata e por fim chegamos a Montevidéu, o nosso destino.

Chegamos à parte externa do porto e o navio teve de lançar âncora. Houvera uma greve e havia toda uma frota de navios, que tinham de ser atendidos primeiro porque chegaram lá antes, de modo que ficamos a bordo durante uma semana. Por fim, permitiram que o navio entrasse no porto e desembarcamos.

Mas as nossas esperanças foram completamente frustradas, pois descobrimos que o homem com um negócio imenso afinal não tinha um negócio tão imenso assim. Em vez disso — bom, para ser simpático, ele era um homem de idéias que nem sempre davam certo.

A vida em Montevidéu era muito cara. Eles pareciam ter uma idéia especial de que tudo tinha de ser pago em dólares americanos, de modo que, na verdade, considerando-se a taxa do câmbio, estávamos pagando uma quantia fantástica até pelos artigos mais básicos. Mas ficamos lá durante um ano e meio, e aí vimos que havia uma porção de greves e cada vez mais restrições aos estrangeiros, de modo que resolvemos ir embora.

Foi uma pena termos de partir, pois Montevidéu era um lugar muito agradável. O povo, em geral — a não ser os grevistas! — era muito simpático, amável, e era como estar numa cidade européia. Era uma cidade linda, com uma bela baía e praias. Durante pouco tempo ficamos num lugar chamado Carrasco, bem perto do aeroporto. Esse lugar tinha um grande inconveniente, pois a areia muito fina das praias imensas era sempre soprada para dentro das casas, de modo que, como também estávamos muito longe do centro da cidade, nós nos mudamos para um prédio de apartamentos donde se avistava o farol.

Algumas milhas ao largo da baía havia um navio afundado. Fora um transatlântico bem grande, e por algum motivo o navio naufragara justo ao largo da entrada principal, e lá permanecera. Com a maré baixa, podia-se ver o convés principal, e em maré alta a ponte e o convés de cima ainda apareciam acima da água. Vimos um bocado de contrabando ali, pois o navio era usado como “ponto” dos contrabandistas.

Em Montevidéu havia muita coisa bonita para se ver, inclusive um morro do outro lado da baía. Era conhecido como “a Montanha” e havia uma espécie de forte, que era uma atração turística, bem no seu topo.

Os ingleses tinham contribuído muito para modernizar Montevidéu. Tinham instalado o seu serviço de ônibus, bem como o

abastecimento de gás, e umas das vantagens disso era que muita gente falava inglês.

Um dia, depois que nos mudamos para outro apartamento, mais perto do centro da cidade, o céu ficou preto e por algum tempo fez um frio terrível. Aí tivemos um ciclone. Nós três

lutamos para fechar a nossa janela aberta e enquanto estávamos ali juntos, empurrando os ombros com força contra a janela, vimos um espetáculo realmente de pasmar: o telhado da estação de ônibus logo abaixo de nós de repente desapareceu, as lâminas de ferro corrugado voando pelos ares como se fossem papel de seda. Olhamos para baixo e vimos todos os ônibus ali e os operários olhando para cima, estatelados.

Uma cena realmente divertida — para nós — foi quando as galinhas, criadas nos telhados chatos das casas em Montevidéu, foram levantadas ao ar, atravessando ruas e mais ruas, provavelmente no único vôo que jamais fizeram em sua vida. E realmente um espetáculo espantoso ver galinhas passarem voando com as asas rente ao corpo!

Uma cena que me divertiu muito foi ver passar voando uma corda de varal, com as roupas lavadas todas dependuradas. A corda estava dura como uma barra de ferro, e os lençóis e “roupa íntima” pendurados retos, como se estivessem no ar, parados. Eu já vira muitos ciclones, redemoinhos, etc., mas do meu ponto de vista, aquele foi o mais divertido.

Mas Montevidéu estava perdendo o seu encanto, de modo que resolvemos voltar ao Canadá por causa dos vários grupos de comunistas que estavam provocando desordens. Em vários sentidos, tive pena, pois eu preferia morar no Uruguai do que em muitos outros lugares. Lá eles têm uma mentalidade diferente. Intitulam-se a República Oriental do Uruguai. É um país pobre, com ideais maravilhosos, mas tão idealistas que eram impraticáveis.

Voltamos para o Canadá por mar e surgiu o problema de ganhar dinheiro, de modo que tive de escrever outro livro. A minha saúde estava piorando muito, e era a única coisa que eu sabia fazer.

Durante a minha ausência, descobri que uma pessoa tinha escrito um livro usando material que eu escrevera para uma revista inglesa, alguns anos antes. Era uma pessoa de um tipo especial: sempre que era provocado ou ameaçado por um processo legal,

ele convenientemente ia à falência e os amigos ou parentes “compravam” o negócio dele, de modo que não havia muita indenização, na verdade, não houve nenhuma.

Um dos maiores problemas que tenho tido desde “O Terceiro Olho” foi o número de pessoas que escrevem “Aprovado por Lobsang Rampa” e calmamente põem etiquetas nesse sentido nas mercadorias que fabricam. Tudo isso é pura mentira; eu não “aprovo” as coisas. Muitas pessoas também já se fizeram passar por mim, de fato, várias vezes já tive de chamar a polícia. Por exemplo, houve um homem em Miami que escreveu a um livreiro em São Francisco e chegou a assinar o meu nome. Escreveu uma porção de baboseiras virtuosas, coisa que nunca faço, e encomendou uma porção de livros. Por acaso escrevi a esse mesmo livreiro, de Vancouver, ao mesmo tempo, e ele ficou tão abismado ao receber uma carta aparentemente de mim na Columbia Britânica que me escreveu perguntando como é que me movimentava tão depressa. E assim descobriu-se que aquele camarada havia algum tempo vinha fazendo encomendas em meu nome, sem pagar. Como eu disse, se o camarada fosse tão tolo de pensar que era eu escrevendo o palavrório que o outro usava, merecia ser logrado. Tem havido outros, como o sujeito que se retirou para uma caverna nas montanhas, e ficou lá sentado de pernas cruzadas, com muito pouca roupa, fingindo que era eu. Aconselhava aos adolescentes a se dedicarem ao sexo e às drogas, dizendo que era bom para eles. Mas a imprensa, naturalmente, aproveitou-se desses incidentes e fez uma onda tremenda, e mesmo quando ficou provado que esses impostores estavam-se fazendo passar por mim, a imprensa nunca chegou a reportar a verdade. Sou totalmente contrário ao suicídio. Sou totalmente contrário a drogas e entorpecentes e totalmente, mas totalmente contrário à imprensa. Acho que o jornalista médio não tem condições de escrever sobre a metafísica ou o ocultismo, não possui os conhecimentos, nem a espiritualidade e, em minha opinião, não possui o poder cerebral.

Depois de passar algum tempo em Fort Erie, para onde voltamos ao regressar da América do Sul, fomos para Prescott, em Ontário, onde moramos num hotelzinho. O gerente era um homem muito bom mesmo. Ficamos lá durante um ano e durante todo esse tempo nunca houve o menor desentendimento ou a menor falta de harmonia entre a “gerência” e nós. O nome dele era Ivan Miller, e era um cavalheiro de verdade e quisera saber o endereço dele hoje,

para tornar a exprimir-lhe a minha gratidão por tudo o que fez. Era um homem enorme, imenso mesmo, e tinha sido lutador, mas sabia ser mais delicado do que muitas mulheres.

## CAPÍTULO ONZE

Era bom estar de volta ao Canadá e ter o que era então um serviço de correios de confiança. No Uruguai tínhamos tido muitos problemas, e um incidente em especial que me fez ficar furioso foi quando, como escritor, recebi muita correspondência e o correio de Montevideú não me queria deixar recebê-la. Eu tinha o meu nome adotivo, e tinha também o nome sob o qual escrevo, T. Lobsang Rampa, e os funcionários do correio não queriam de jeito algum que eu tivesse dois nomes para receber correspondência. A idéia deles era que a pessoa deve ser um criminoso se tem dois nomes, de modo que pensei muito no assunto e cheguei à conclusão de que era muito mais conhecido como T. Lobsang Rampa. Fui ao correio e disse que queria a correspondência destinada a T. Lobsang Rampa, e que podiam devolver o resto.

Ai eles quiseram ver os meus documentos. Estes tinham o nome errado, de modo que não consegui receber a minha correspondência. Afinal tive de procurar um advogado e mandar tirar uma Certidão de Mudança de Nome. Isso teve de ser feito legalmente e havia muitos e muitos selos no documento, e depois foi preciso publicar um aviso no jornal oficial do Uruguai sobre a mudança de nome. Depois de completadas todas essas formalidades, pude receber então a correspondência em nome de T. Lobsang Rampa, mas me proibiram de usar o outro nome.

Agora, naturalmente, o meu nome foi legalmente mudado também no Canadá para T. Lobsang Rampa, e, já que estamos tratando do assunto de funcionalismo, burocracia, etc. — hoje sou súdito canadense. Naturalizei-me canadense e, mais uma vez, as formalidades são verdadeiramente espantosas. Mas hoje parece que há formalidades em toda parte, tenho tentado conseguir uma Pensão de Velhice, a que tenho direito, mas a burocracia é tal que parece que não posso obtê-la — ou pelo menos é o que me dizem os funcionários — a não ser que eu dê o endereço exato e as datas exatas de chegada ao Canadá e de partida de lá. Bom, estive num número incrível de lugares, desde Windsor a Prescott, a Montreal, Saint John, Nova Brunswick, Halifax, até Vancouver, de volta a Calgary, etc., e imagino que fosse bastante conhecido como cidadão canadense, e com passaporte e tudo o mais, mas aparentemente isso não serve para os funcionários maníacos de burocracia. Portanto o assunto continua “pendente”. Parece mais uma maçã podre do que outra coisa, não?



Ontem à noite passei bastante mal e tarde da noite acordei de um cochilo agitado e encontrei agrupados em volta de mim alguns dos que foram meus companheiros, lamas do Tibete. Estavam no astral, e queriam que eu saísse do meu corpo e fosse conversar com eles.

— O que é que há com vocês todos? — perguntei. — Se eu ficar pior do que estou agora, ficarei aí permanentemente.

O Lama Mingyar Dundop sorriu e disse:

— Sim, é disso que temos medo. Ainda há uma coisa que queremos que você faça.

Depois que a gente faz as viagens astrais por tantos anos como eu, não há nada demais, é mais fácil do que saltar da cama, de modo que eu apenas saí deste corpo e fui para o astral. Juntos caminhamos para a margem de um lago em que havia muitos pássaros aquáticos brincando. Aqui no astral, sabe, as criaturas não têm medo algum do Homem, de modo que esses pássaros estavam simplesmente brincando na água. Nós nos sentamos numa margem coberta de musgo e o meu Guia disse:

— Sabe, Lobsang, não há suficientes detalhes conhecidos sobre a transmigração. Queremos que você diga alguma coisa sobre os povos que usaram a transmigração.

Bom, o dia no astral estava agradável demais para ser estraga-prazer, de modo que indiquei que no dia seguinte eu tornaria a trabalhar, antes de terminar o livro.

Mas foi muito agradável estar ali no astral, longe da dor, livre das preocupações, e tudo o mais. Mas, como me lembraram, as pessoas não vão à Terra para se divertir, vão porque têm algo a aprender ou algo a ensinar.

Hoje, portanto, é outro dia, o dia em que terei de escrever ainda mais sobre a transmigração.

Nos tempos da Atlântida e — ah, sim! — a Atlântida realmente existiu, ela não é apenas um fragmento da imaginação de um escritor: a Atlântida foi real. Mas, nos tempos da Atlântida, existiu uma civilização muito adiantada, realmente. As pessoas “andavam com os Deuses”. Os Jardineiros da Terra estavam sempre vigiando os acontecimentos na Atlântida. Mas aqueles que são vigiados ficam atentos para os observadores, de modo que aconteceu que os Jardineiros da Terra usaram o processo de transmigração para poderem exercer uma forma mais sutil de observação.

Uma série de corpos de vibrações adequadas foram usados pelos espíritos dos Jardineiros, e aí eles puderam misturar-se com os humanos e descobrir exatamente o que os seres humanos realmente pensavam dos Jardineiros e o que estavam planejando.

Os Jardineiros da Terra que tomavam conta daquela misteriosa civilização conhecida como os sumerianos também tinham preceptores que vinham à Terra por transmigração. Era lento demais, as grandes naves espaciais atravessarem o vazio, levando tanto tempo. Pela transmigração, tudo podia ser feito em questão de segundos.

Os egípcios também eram em grande parte controlados e totalmente ensinados pelas Entidades superiores, que entravam em corpos especialmente cultivados e quando esses corpos não estavam sendo usados pelas Entidades, eram cuidadosamente limpos, embrulhados e guardados em caixas de pedra. Os nativos egípcios ignorantes, tendo breves vislumbres das cerimônias, chegaram à conclusão de que os Jardineiros estivessem preservando os corpos, de modo que aqueles que assistiram a esses processos corriam para seus sacerdotes, contando-lhes tudo o que tinham visto.

Os sacerdotes então pensavam em experimentar essas coisas, e quando morria uma pessoa de posição muito elevada, eles a envolviam em ataduras, cobriam-na de especiarias e o mais, mas verificaram que os corpos se decompunham. Depois chegaram à conclusão de que eram os intestinos, o coração, o fígado e pulmões que provocavam a decomposição, de modo que todas essas vísceras eram retiradas e colocadas em jarros separados. Era uma boa coisa eles não estarem preparando os hospedeiros para os espíritos que chegassem, pois os recipientes não teriam entranhas, não é?

Naturalmente, parte do embalsamamento — como era chamado — se fazia quando um homem ou mulher especial doente estava sendo colocado (a) num estado de animação suspensa, para ele ou ela poder ser removido para uma nave espacial e levado (a) para tratamento em outro lugar.

Tem havido uma porção de líderes famosos nesta Terra que foram Entidades transmigradas para corpos terrenos. Abraão, Moisés, Gautama, Cristo e aquele conhecido gênio entre os gênios, Leonardo da Vinci. Os inventos de Leonardo da Vinci são incontáveis e ele enriqueceu tremendamente a sabedoria deste

mundo. Ele, como suponho que todos concordem, possuía técnicas e ciências muito além do conhecimento das pessoas terrenas. A pessoa conhecida como Leonardo da Vinci foi um filho ilegítimo, sem qualquer privilégio especial. Quem sabe? Podia até ter sido filho de um bombeiro! O corpo da pessoa que se tornou Leonardo da Vinci tinha um tal grau de vibração que uma Entidade muito elevada poderia apossar-se dele e fazer todas as coisas que nenhum ser humano poderia fazer.

Seramente, digo que se as pessoas deste mundo ao menos dessem ouvidos àqueles que realmente conseguem fazer a transmigração, então haveria uma possibilidade maravilhosa de exploração espacial. Pense em todos os mundos que existem. Pense em ser capaz de visitar um mundo numa questão de segundos. Alguns dos mundos nunca podem ser visitados por seres humanos ortodoxos porque a atmosfera pode não ser adequada, nem clima, nem a gravidade. Mas quando uma pessoa está fazendo a transmigração, pode assumir o corpo de qualquer nativo do planeta, e depois pode explorar o planeta sem qualquer dificuldade.

Os seres humanos, bem versados na ciência da transmigração, poderiam penetrar nos corpos dos animais, para que estes fossem estudados detalhadamente. Isso já foi feito, e várias vezes, e devido a uma memória racial, existem certas crenças errôneas de que os seres humanos renascem como animais. Mas isso não acontece nunca. Tampouco os animais renascem como seres humanos. E os animais não são inferiores aos humanos, tampouco. Mas como existe uma memória racial dos Jardineiros da Terra assumindo os corpos de certos animais, esse conhecimento perdurou de uma forma distorcida. E assim é que as boas religiões são deturpadas.

Nós viajamos muito pelo Canadá. Estive desde Windsor, em Ontário, a Fort Erie e a Prescott, e depois fomos a Saint John, N. B. Durante algum tempo, como podem ler em meus livros, moramos muito satisfeitos em Nova Brunswick, na agradável cidade à beira-mar. Mas, como disse o meu contador, um escritor tem de viajar, de modo que nos mudamos para Montreal e moramos algum tempo em Habitat. Habitat é uma engraçada coleção de casas amontoadas umas por cima das outras, como cubos de construção de crianças. Mas era um bom lugar de se morar, de fato, gostamos tanto que depois de sair de lá, mais tarde voltamos. Em Montreal também sempre havia greves, e havia a dificuldade do idioma, pois os franco-canadenses não eram nada simpáticos para com os que não

falassem francês, e sempre fui de opinião que o Canadá era um país de língua inglesa, de modo que me recusava a falar francês.

Dentro em breve tornamos a nos mudar, dessa vez para Vancouver, na Columbia Britânica, onde moramos num hotel, que tinha apartamentos. Vancouver tinha decaído muito, sob um governo que eu considerava horrível. E outra queixa contra Vancouver era o aviso “Proibidos os animais de estimação” por toda parte, e, conforme disse um hoteleiro uma vez, os animais de estimação nunca prejudicaram o negócio deles, mas as crianças sim, e os bêbados e as pessoas que fumam na cama e incendeiam tudo.

Já me movimenter muito, em minha vida. Aprendi muita coisa, e há certas coisas que eu “desejava” poder. . .

Eu desejava, por exemplo, que pudesse haver uma censura da imprensa, pois já vi tanta miséria provocada por reportagens inverídicas. Fico satisfeito ao ver que agora há muito, muito mais gente que obviamente concorda comigo, pois hoje a exatidão da imprensa está muito em descrédito.

As previsões feitas sobre mim há tanto, tanto tempo foram inteiramente exatas. Foi previsto que até mesmo o meu próprio povo se voltaria contra mim. Pois se voltou mesmo, pois em meus momentos de aflição ninguém se apresentou para ajudar-me ou atestar a veracidade de minha história, uma história verídica.

Eu tinha tanta esperança de ajudar o Tibete. Pensei, por exemplo, que, depois do reconhecimento, eu poderia falar em prol do Tibete diante das Nações Unidas. Esperava que, com o reconhecimento, eu poderia ter um programa de rádio sobre o Tibete livre, mas não, nenhum auxílio me foi dado pelo povo do Tibete que saiu desse país. É triste, mas o prejuízo é deles, tanto quanto meu. Tanto bem poderia ter sido feito. O meu nome é muito conhecido, admite-se que sei escrever, também já foi declarado que sei falar. Eu queria usar as duas coisas ao serviço do Tibete, e no entanto eles não têm a menor vontade de me reconhecer, assim como no passado um Dalai Lama não queria reconhecer o Panchem Lama e vice-versa. E a mesma coisa, digamos, que um líder político ignorar a existência de outro. Mas recebo muitas cartas, hoje, por exemplo, recebi 103. Muitas vezes é muito mais, e as cartas vêm de todas as partes do mundo. Aprendo coisas que são proibidas a muitos, e já me disseram, com ou sem razão, que as pessoas que são hoje fugitivas do Tibete não me podem “reconhecer” porque outra facção religiosa que as está ajudando ficaria zangada. E de fato, tenho provas de que

isso é verdade. Mas . . . bom . . . não interessa iniciar uma guerra de religião mirim, não é?

Parece que são as camadas mais baixas de refugiados que se opõem a mim. Há alguns meses recebi uma carta de um homem importante, que tinha ido procurar o Dalai Lama, e tinham conversado sobre mim. O Dalai Lama, contaram-me, convidava-me para voltar ao Potala quando ele se libertasse da agressão comunista.

E há algumas semanas a nossa filha adotiva (não “citamos nomes”, lembram-se?) recebeu uma carta dizendo que o Dalai Lama estava muito preocupado com a saúde do Dr. Rampa, e que rezava por ele todos os dias. Essa carta está em poder de meus editores.

Outro “desejo” que tenho é o seguinte: existe um número considerável de corpos ocultos por aí, alguns pretendendo ser muito, muito antigos, embora tenham sido reiniciados por um agente de publicidade há alguns anos. Mas a minha reclamação é a seguinte: se todas essas pessoas são tão santas — tão boas — tão dedicadas ao esclarecimento espiritual, então por que é que não podemos todos nos juntar, pois se são realmente sinceros, compreenderiam que todos os caminhos levam ao Lar.

Uma porção de discípulos de alguns desses colégios de culto me perguntaram por que eu não entrava em contato com esse ou aquele Grupo e a resposta é que já o fiz e recebi umas respostas incrivelmente insultuosas desses grupos, porque eles têm inveja ou porque foram envenenados pela imprensa. Pois eu não compartilho em absoluto desse ponto de vista. Considero que não importa a que religião a pessoa pertença, não importa de que modo se estuda o oculto. Se as pessoas forem sinceras, deviam ser capazes de trabalhar juntas.

Há alguns anos fui abordado por um homem que era fundador de uma chamada Ciência Tibetana. Ele escreveu-me sugerindo que poderíamos ganhar muito dinheiro se eu me unisse a ele e ele usasse o meu nome. Pois bem, não faço coisas assim, não faço esse trabalho como máquina de fazer dinheiro. Minhas crenças são as minhas crenças de todo dia e vivo de acordo com o código que aprendi.

Gostaria de ver se muitas dessas chamadas sociedades ou Ordens metafísicas seriam licenciadas depois de um exame cuidadoso. Tantas delas são apenas fraudes para ganhar dinheiro. Conheço um grupo em especial que confessa francamente que toma o que considera o melhor de uma porção de autores e compila tudo

como coisa bem diferente. Bom, isso é desonesto.

Esta é uma boa oportunidade para tornar a dizer-lhes — caso comecem no fim do livro, em vez de no princípio, como fazem muitos •— que todos os meus livros são inteiramente verdadeiros. Tudo o que escrevi é fato. Todas as experiências metafísicas sobre as quais escrevo posso fazer, e é meu desejo muito sincero que chegue o dia em que as pessoas realmente reconheçam a verdade de meus livros, pois ainda tenho muito o que ensinar. Hoje em dia, devido às mentiras propagadas pela imprensa, tenho sido tratado como leproso ou um pária. Há muita gente que “dá uma espiada” em meus livros e depois escreve as coisas como se fossem idéia deles. Há algum tempo escutei, com grande satisfação, no rádio de ondas curtas, um longo trecho de um de meus livros, e aí, no final da leitura, fiquei abismado ao ouvir que a autoria tinha sido atribuída a alguma mulher que mal sabe assinar o nome!

Acreditem, pois, todos os meus livros são verdadeiros, e acredito possuir o sistema pelo qual as pessoas deste mundo podem visitar os outros mundos em segurança.

Quero agradecer à Sra. Sheelagh M. Rouse, que datilografou quinze destes livros. Datilografei o primeiro. E ela os datilografou sem uma queixa.

Outra coisa que pode interessar-lhes é a seguinte: a Sra. Rampa já está quase terminando um livro, dando a sua versão de todo este assunto. Se quiserem saber a respeito . . . bom, terão de ficar atentos aos anúncios, não é? Ou poderão escrever para: Sr. E. Z. Sowter,

A. Touchstone Ltd.,  
33 Ashby Road,  
Loughborough, Leics.,  
England.

**Assim termina o Livro Quatro:  
Como É Agora!**